ENFOC
Repercussões de um jeito de ser escola

SÉRIE
EXPERIÊNCIAS
ENFOC

ESCOLA NACIONAL DE FORMAÇÃO POLÍTCO SINDICAL DA CONATG – ENFOC

Equipe pedagógica

Amarildo Carvalho de Souza – Assessor de Formação e Organização Sindical
Ana Maria krigner Pompe – Assessora de Finanças e Administração
Armando Santos Neto – Assessor da Coord. de Jovens
Cléia Anice de M. Porto – Assessora de Políticas Agrária
Eliene Novaes Rocha – Assessora de Políticas Sociais
Eliziário Noé Boeira Toledo – Assessor de Política Agrícola
Fani Mamede – Assessora de Meio Ambiente
Iara Duarte Lins – Assessora de Formação e Organização Sindical
Maria Cavalcante Vicente - Assistente Técnica – Terceira Idade
Marleide Barbosa de Sousa – Assessora de Assalariados
Raimunda Oliveira Silva – Assessora de Formação e Organização Sindical
Raquel Luiza C. dos Reis Silva – Assessora de Formação e Organização Sindical
Sara Deolinda C. Pimenta - Assessora da Coord. de Mulheres
Zeke Beze Júnior – Coordenador Executivo do Projeto Bird de Comercialização

Equipe operativa

Amarildo Carvalho de Souza - Assessor
Gisele Nunes de Sousa Lima – Auxiliar Administrativo
Iara Duarte Lins – Assessora
Juraci Moreira Souto - Secretário de Formação e Organização Sindical
Raimunda de Oliveira Silva – Assessora e Coordenadora pedagógica da Enfoc
Raquel Luiza C. dos Reis Silva – Assessora

Ficha técnica

Consultoria: Elza Maria Fonseca Falkembach - Doutorado em Ciências Humanas
Colaboração: Iara Duarte Lins – Assessora da Contag, advogada

Equipes de elaboração dos textos

1. **Primeira parte: Sistematização na Enfoc/Contag**
   Amarildo Carvalho de Souza – Assessor da Contag, historiador
   Célia Hissae Watanabe – Colaborada da Enfoc, mestre em Gestão de políticas públicas
   Raimunda de Oliveira Silva – Assessora da Contag, coordenadora pedagógica da Enfoc, historiadora
2. **Segunda Parte: Singularidades regionais no jeito de ser escola**
   REGIÃO CENTRO OESTE
   Antonio Gilberto Viegas da Silva – Assessor regional da Contag, especialista em gestão estratégica e extensão rural.
   Celma Moreira da Silva – Assessora da FETAG/GO, Assistente Social
   Cleudes de Souza Ferreira – Coordenador de Projetos e Convênios da FETAG/MT, técnico em agropecuária

ENFOC
REPERCUSSÕES DE UM JEITO DE SER ESCOLA

Amarildo Carvalho
Célia Watanabe
Elza Falkembach
Raimunda de Oliveira
(Orgs)

Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura - CONTAG

Brasília, 2010

REGIÃO NORDESTE
Ana Maria Menezes Rodrigues – Assessora da FETAG/MA, técnica em agropecuária
Cleide Araujo – Presidente do STTR de São Vicente do Seridó – PB, pedagoga
Ediane Alves Nascimento – Assessora da FETAG/BA, pedagoga
Elaine Maria silva das Neves – Assessora da FETAG/PE, especialista em desenvolvimento rural e agricultura familiar
Engracia Viviane Rodrigues da Silva – Assessora da FETAG/SE, especialista em planejamento e gestão de projetos sociais
Erbenia Maia da Costa – Assessora da FETAG/CE, coordenando o Projeto Dom Helder Câmara, socióloga
Evandro Vieira dos Santos – Assessor da FETAG/AL, engenheiro agrônomo
Jose Arnaldo Brito – Assessor Regional da Contag, geógrafo
Joyce Samara de Holanda Maia – Assessora da FETAG/PI, pedagoga
Maria Darione David – Assessora da FETAG/RN, técnica em agropecuária
Maria Rosa de Sousa Rodrigues – Assessora da FETAG/CE, técnica em fruticultura

REGIÃO SUDESTE
Célia Hissae Watanabe – Colaboradora da Enfoc, mestre em gestão de políticas públicas
Luciene Ferreira da Luz – Assessora da TETAG/MG, pedagoga

REGIÃO SUL
Jose Lourenço Cadona – Assessor regional da Contag, orientador pedagógico
Maria dos Passos Viana Bottega – Assessora da FETAG/SC, especialista em agroecologia e desenvolvimento sustentável
Marileia Tonietto - Assessora da FETAG/PR, mestre em sociologia

REGIÃO NORTE
Francisco de Assis Sobrinho – Assessor regional da Contag, engenheiro agrônomo
Gilmar Boa Morte Vaz – Trabalhador Rural, coordenador regional da FETAG/RO
Helena Ferreira da Cruz – Assessora da FETAG/PA, tecnologia em gestão (cursando)
Maria Aparecida Silva de Souza – Assessora da FETAG/RR, ciências biológicas
Maria Divina – Trabalhadora Rural, diretoria regional sudeste FETAG/TO

3. Terceira Parte: Repercussões
Elza Maria Fonseca Falkembach – Doutorado em Ciências Humanas

Diagramação e arte-final: Raphael C. Freitas e Marcos Samarone dos Santos Carneiro (colaboração gráfica)
Revisão: Denise Ana Basso Andrigheto
Tiragem: 3000 exemplares (gráfica Dupligráfica)

E569 ENFOC : repercussões de um jeito de ser escola / organizadora Raimunda de Oliveira Silva ... [et al.]. – Brasília : Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura – Contag, 2010. – 166 p. : il. - (Experiências Enfoc ; 1).

ISBN

1. Sistematização. 2. Sujeito político. 3. Formação político-sindical. 4. Vivência e experiência. 6. Práticas pedagógicas. I. Falkembach, Elza Maria Fonseca. II. Watanabe, Célia Hissae. III. Souza, Amarildo Carvalho de. IV. ENFOC – Escola Nacional de Formação Político Sindical da Contag. V. Título. VI. Título: Repercussões de um jeito de ser escola. VII. Série.

CDU : 37.01
37.013

Tania Maria Kalaitzis Lima
CRB 10 / 1561

APRESENTAÇÃO

A Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura – Contag, desde a origem, considera a formação um espaço privilegiado de empoderamento da classe trabalhadora. Sua vasta trajetória na realização de processos formativos a credencia, junto à categoria e sociedade em geral, como entidade que, além de fazer a luta política, também constrói e sistematiza conhecimentos. Muitos dos processos vividos marcaram o caminhar da formação na Contag e, por esta razão, recorremos a alguns, os quais se encontram na primeira parte deste livro, sob o título de marco histórico.

As raízes, do que hoje fazemos, advêm dessa trajetória. A Escola Nacional de Formação Político Sindical da Contag (Enfoc) é resultado de um amadurecimento político, refletido por vezes nos espaços institucionais do MSTTR, como: Congressos, Plenárias, Conselhos, Encontros, Seminários e outros.

Uma escola orgânica à Contag e ao mesmo tempo consciência crítica de um movimento diverso politicamente e tão desafiador para a formação, não podia limitar-se aos espaços específicos das Secretárias de Formação. A amplitude e alcance do seu Itinerário formativo desafiam ao conjunto do MSTTR a assumi-la como parte dos afazeres políticos e pedagógicos, articulados ao propósito de fortalecer a luta dos trabalhadores e trabalhadoras rurais, por este Brasil a fora.

É com imensa alegra que compartilhamos com todos e todas vocês o Livro, "ENFOC: Repercussões de um jeito de ser escola", fruto de uma construção coletiva que envolveu um conjunto de pessoas dedicadas a dar vida a Enfoc. Esta experiência mexeu sobremaneira com a vida daqueles e daquelas que assumiram a Escola como parte dos seus fazeres políticos e pedagógicos no MSTTR, independentemente do espaço interno em que militam.

Chamamos atenção para os ensinamentos revelados pelas inquietações trazidas e para os destaques dados aos desafios, limites e potencialidades, como contribuição à reflexão sobre uma prática sindical articulada ao PADRSS.

Esperamos que os ensinamentos e o conhecimento, gerado e/ou sistematizado por meio dessa experiência, contribuam com aos demais processos formativos atuais e com tantas outras experiências que possam vir a ser desenvolvidas.

Boa leitura a todos e a todas.

Alberto Ercílio Broch
Presidente da Contag

CARTA AOS EDUCADORES E EDUCADORAS, Em especial da primeira turma da Enfoc e a todos os dirigentes da formação sindical do MSTTR

Das muitas razões e diferentes expectativas de pertença a um movimento, há de se destacar o apetite em mudar o mundo e trazer para a consciência o nosso papel, seja na linha de frente da ação sindical, seja nas realizações cotidianas, na condição de base, de povo. As vozes aliam força e unidade quando reafirmam a relevância da formação sindical na busca dos prumos para fortalecer a unidade do movimento. E é por isso que estamos aqui, pela consolidação da Política Nacional de Formação do MSTTR. A Contag e Federações, por intermédio de suas diretorias, assessorias e funcionários(as) deram forma e vida à Enfoc, em uma construção cotidiana, solidária e coletiva.

Há pouco mais de quatro anos, quando foi criada a Enfoc e demos os primeiros passos, tínhamos muitas certezas, outras tantas dúvidas, e um turbilhão de ideias, o que aumentava a nossa ansiedade: Como seria? Por onde começar? Todo momento de conversa, de reflexões, os debates mais acalorados, alguns sofridos, outros de muita alegria, revelavam uma significativa animação para fazer nascer a Escola.

E foi com a determinação e a coragem de vocês, militantes, que esse antigo sonho se tornou realidade. Construímos pactos, consensos, alianças e parcerias para consolidar os pilares da Escola e para construir a rede de educadores(as) e de colaboradores(as). E, assim, seguimos fraternalmente com as elaborações que vão traduzindo o sentido de ser esse lugar de ricas reflexões, de debates, e de fazer amigos. Uma Escola que acolhe, mas que também respeita as transições, que é repleta de idas e vindas, um lugar onde se chega e de onde se vai.

Como não falar dos companheiros e companheiras da gestão anterior, os secretários e secretárias de formação, o conselho político gestor e a coordenação política da Escola, que aceitaram o desafio de coordenar os primeiros e significativos passos da Enfoc, deixando um legado extraordinário de enraizamento da Escola e muitos afazeres, a exemplo a sistematização da primeira vivência, contida na Série Experiências Enfoc, a qual denominamos, ENFOC: Repercussões de um Jeito de ser Escola.

Como não registrar as valiosas contribuições de nossos colaboradores e colaboradoras que somam afinidades políticas e pedagógicas e desejo de mudar o mundo, de construir um desenvolvimento inclusivo, focado nas pessoas. O empenho dos(as) integrantes da equipe pedagógica que, mesmo assoberbados(as) pelos afazeres cotidianos das suas respectivas secretarias na Contag e nas Federações, não mediram esforços em dedicar um pouco do tempo, do empenho e do cuidado com processos educativos voltados à transformação social.

Há também aquelas pessoas que, no dizer de Guimarães Rosa, "encantadas" seguiram outros rumos. É o caso de Alírio Correia, aguerrido secretário de Formação e Organização Sindical da Federação de Goiás e de Ednamar Rocha, jovem companheira de Tocantins. Ambos, aprendizes e educadores, fizeram história na Enfoc e deixaram saudades eternas.

E vocês das turmas regionais, Sul, Sudeste, Norte, Nordeste e Centro-Oeste, geradas a partir da primeira turma nacional e que "caíram na estrada" para cuidar das turmas estaduais, são autores(as) desta sistematização feita por muitas mãos. Esse esforço coletivo tornou possível comunicar para o nosso movimento e para a sociedade os passos dados e o conjunto de reflexões trazidas pela prática pedagógica da Escola.

É com imensa alegria que partilhamos sentimentos, inquietações e a autoria dessa nossa aventura pedagógica.

Afetuosamente,

Juraci Moreira Souto
Secretário de Formação e Organização Sindical

Raimunda de Oliveira Silva
Coordenadora Pedagógica da Enfoc

SISTEMATIZAÇÃO

Sistematização
Prática que desafia a pensar,
Observar,
Analisar,
Memorizar,
Visitar,
Pesquisar,
Fotografar,
Registrar,
Narrar,
Elaborar,
Encontrar,
Estudar,
Buscar...
Enfim, só sistematizamos com qualidade
Quando estamos embriagados,
Apaixonados,
Envolvidos,
Ligados...
Na sistematização mergulhamos na prática
E, quando emergimos,
Não só saímos impregnados com seus elementos,
Como deixamos "fragmentos de si".
E, na construção,
Na sua soma final,
Encontramos um "novo Eu".

Celma Moreira

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 15

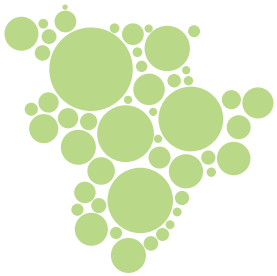
PRIMEIRA PARTE:
A SISTEMATIZAÇÃO NA ENFOC/CONTAG 17

POR QUE SISTEMATIZAÇÃO 19
- Caminhada - encontros e desencontros
- Concepção de Sistematização
- O Projeto de Sistematização

CONTEXTO HISTÓRICO DA FORMAÇÃO DA CONFEDEAÃO NACIONAL
DOS TABALHADRES NA AGRICULTURA (CONTAG) 24
- Surge a CONTAG, a Maior Organização de Camponeses do País
- A Caminhada da Formação Sindical
  - Primeiro Marco Histórico: Programa Integrado de Educação Sindical
  - Segundo Marco Histórico: Programa de desenvolvimento local sustentável com ênfase na agricultura familiar – PDLS
  - Terceiro Marco Histórico: Escola Nacional de Formação da Contag
  - Estratégia Formativa
    - Curso Nacional, Regional e Estadual
    - Oficinas de Autoformação da Rede de Educadores do MSTTR
    - Seminários e Oficinas Nacionais
    - Grupos de Estudos Sindicais – GES
    - O Movimento deu vida à Escola

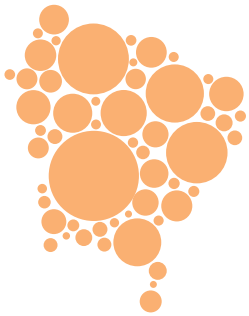
- Conteúdo Programático
  I Unidade Temática: Estado, Sociedade e Ideologia
  II Unidade Temática: História, Concepção, Estrutura e Prática Sindical
  III Unidade Temática: Desenvolvimento Rural Sustentável Solidário

SEGUNDA PARTE:
SINGULARIDADES REGIONAIS NO JEITO DE SER ESCOLA.....37



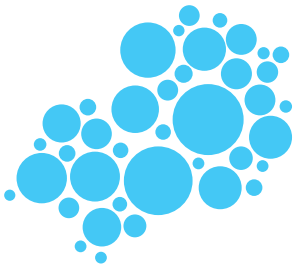
1 REGIÃO CENTRO OESTE..... 39

- Características da Região
- Introdução
- Curso Nacional
  - Modulo I
  - Módulo II
- Recriação Regional
- Conteúdos Programáticos
  - Módulo I
  - Módulo
  - Módulo III
- Diálogos Pedagógicos e Oficinas Pedagógicas
- Oficinas de Autoformação e Preparação dos Módulos
- Reflexão das Vivências
- Considerações Finais



2 REGIÃO NORDESTE 65

- Características da Região
- Introdução
- Curso Nacional e Passagem Para o Regional
- Oficina de Autoformação
- Módulos Regionais
  - Recriação Metodológica
  - Conflitos
  - Matriz Pedagógica
- Rede
- Grupo de Estudos Sindicais
- Aprendizagens e Desafios

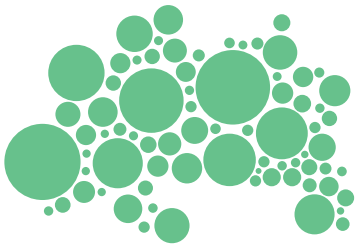


3 REGIÃO SUDESTE..... 93

- Características da Região
- Curso Nacional de Formação
- Curso Regional Sudeste
- Repercussões e Aprendizagens Para a Atuação Militante e Para a Vida

4 REGIÃO SUL.....103

- Características da Região
- Introdução
- Curso Nacional de Formação
- Oficinas de Autoformação
- Curso Regional de Formação
  - Principais conteúdos trabalhados no Módulo I
  - Principais conteúdos trabalhados no Módulo II
  - Principais conteúdos trabalhados no Módulo III
  - Caminhos Pedagógicos
- Depoimentos dos(as) Participantes Acerca do Processo Formativo Nacional e Regional
- Depoimentos de Dirigentes das Federações de Trabalhadores na Agricultura da Região Sul Acerca do Processo Formativo Nacional e Regional
- Marco Referencial Para Uma Ação Sindical "Sul Sem Fronteiras"
  - Objetivos da proposta
  - Elementos Conjunturais
  - Ações Estratégicas
  - Compromisso Político
- Reflexões Sobre o Marco Referencial
- Considerações Finais



5 REGIÃO NORTE..... 135

- Características da Região
- Experiências Anteriores de Formação
- Enfoc - Uma Nova Dinâmica da Formação
- Repercussões e Sinais de Mudanças
- A Nova Dinâmica de Formação Sindical
- Formação, Participação e Empoderamento
- Sindicalismo Rural no Norte, Antes e Depois da Enfoc/Contag
  - Visão de Quem Vivenciou As Primeiras Lutas
  - Desafios para o Novo Processo de Formação dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais

TERCEIRA PARTE: REPERCUSSÕES 151

Repercussões do Jeito de Ser Escola 153

Enfoc Uma Forma de Vida 157

Referências 163

INTRODUÇÃO

O Movimento Sindical dos Trabalhadores e das Trabalhadoras Rurais – MSTTR - discute seguidamente a importância da formação e o seu papel na qualificação da ação de dirigentes e militantes, buscando ampliar o entendimento da categoria sobre as grandes questões da agenda sindical. Por vezes, debate a possibilidade de criar uma Escola Sindical própria, com amplos diálogos sobre o seu caráter. O Congresso Nacional, instância máxima deliberativa, chegou a aprovar essa deliberação mais de uma vez, e em sua 9ª edição, em 2005, decidiu também orientar algumas estratégias de construção desse lugar chamado Escola.

Reuniões, Encontro Nacional, criação e funcionamento de um Grupo de Trabalho foram os passos seguintes, chegando a inaugurar a Escola Nacional de Formação da Contag - Enfoc em 14 de agosto de 2006. Dados os primeiros passos, ficava a indagação sobre como seria possível uma apropriação coletiva do Movimento sobre a ação da Escola, como se dariam os registros e reflexões proporcionadas e quais seriam as formas de socialização.

A sistematização da vivência surge então como pauta para a ação da Enfoc como um lugar de reconstrução reflexiva da caminhada e como aporte para a construção de novos conhecimentos e de socialização dessas reflexões para o MSTTR. Essas dimensões foram assumidas como indispensáveis para a qualificação da Escola e, para viabilizar a sua execução, mobilizou dirigentes, assessores(as), colaboradores(as) e educandos(as)[1].

A presente publicação reúne elementos que visam a comunicar todo o processo vivenciado pela Escola e os frutos decorrentes de sua missão de ser um lugar de transformação política. Trata-se de um mosaico de narrativas que condensa o conjunto dos esforços da sistematização, assumida aqui enquanto uma ação coletiva daqueles e daquelas que estiveram e estão presentes na vivência.

[1] Esse processo animou e envolveu direta e indiretamente mais de 150 pessoas nessa escuta, representando aproximadamente50% do público da primeira turma nacional e regional da ENFOC.

Está organizada em três partes, a saber:

i) Os antecedentes, compreendendo a concepção de sistematização, metodologia e organização do processo, o contexto histórico da formação no MSTTR, a criação da Enfoc, seu itinerário e eixos temáticos e pedagógicos.
ii) As narrativas das regiões, realizadas pelas equipes a partir das escutas, diálogos e reflexões efetuados nas regiões.
iii) As conclusões possibilitadas pelos diálogos, pela definição dos núcleos de singularidades que adensaram as reflexões nas regiões e pelas construções coletivas a partir das teorizações indicadas pelas narrativas.

PRIMEIRA PARTE:
A SISTEMATIZAÇÃO NA ENFOC/CONTAG

Amarildo Carvalho de Souza.
Raimunda Oliveira Silva
Célia Hissae Watanabe

ENAFOR 2008

POR QUE SISTEMATIZAÇÃO?

A Enfoc nasceu e deu seus primeiros passos com a realização dos 2 módulos do curso nacional de formação. Com a proposição de ser um lugar de reflexões permanentes sobre o seu fazer educativo e concomitantemente sobre a prática sindical, segue revelando algumas inquietações, nas quais tanto a sua coordenação política quanto a equipe pedagógica tiveram que se debruçar: Onde se pretende chegar? Como registrar e comunicar os processos e os resultados da formação político-sindical do MSTTR? Qual seria o lugar da reflexão sobre os processos e as vivências?

Era preciso constituir um mecanismo de registro dessas e outras reflexões, inventariar repercussões e percepções permitidas pela vivência coletiva desse lugar chamado Escola. Era preciso "sistematizar o nosso conhecimento – esta é uma forma de fortalecer a nossa ação e garantir que a nossa história seja contada".[1]

[1] Conforme está registrado no relatório da Oficina Nacional de Validação Metodológica realizada de 29 a 31 de maio de 2007.

Caminhada – encontros e desencontros

Na transição para a constituição das primeiras turmas regionais, momento de desenhar o processo de multiplicação criativa, considerando eixos temáticos e pedagógico,[2] buscou-se construir um entendimento sobre concepção e conceito de sistematização de experiências formativas populares.[3]

Havia e há em nosso meio uma diversidade de compreensões sobre o ato de sistematizar: registro, atas, relatórios, sínteses, resumos, juntar e organizar textos. Na verdade, o termo sistematização é empregado corriqueiramente como sinônimo dessas expressões, tudo em atividades nas quais grupos ou pessoas assumem essa tarefa. É preciso considerar, no entanto, outras dimensões postas para a sistematização.

[2] Nesse momento os eixos temáticos eram três: Estado, Sociedade e Ideologia; História, Concepção e Prática Sindical; Desenvolvimento Rural Sustentável Solidário, sendo posteriormente transformados em Unidades Temáticas, articulando o eixo temático "Ação Sindical e Desenvolvimento Rural Sustentável Solidário". Quanto aos eixos pedagógicos, foram sistematizados na caminhada, considerando que "Pedagogia para uma nova sociabilidade" já estava posto, até então chamado de Eixo Transversal. Um segundo eixo pedagógico - "Memória e Identidade" – foi incorporado, considerando a sua pertinência.

[3] Foi feita uma escuta das experiências de sistematização de quatro organizações convidadas: a CUT (SP), a Escola Nordeste da CUT (PE), a Escola Quilombo dos Palmares (PE) e o Instituto de Formação Sindical Irmão Miguel (RS). Os convidados das experiências participaram integralmente, contribuindo com a elaboração da Enfoc/Contag no campo da sistematização.

Por isso, foi necessário constituir espaços de conversas internamente e com colaboradores afins, com a concepção de educação assumida pela Enfoc.

Esses diálogos demarcam no tempo e no espaço, a concepção de sistematização a ser abraçada pela formação da Enfoc, resgatando para reflexão algumas confusões de encaminhamentos no decorrer dos módulos do curso nacional em sua primeira turma. As dificuldades sentidas expressaram as dúvidas existentes e as multifaces atribuídas ao ato de sistematizar. O exercício feito com a construção de sínteses e elaborações de esquemas para reapropriação temática e metodológica, constituiu importantes passos para a sistematização pretendida, mas implicou em agregar outros passos, os quais só seriam possíveis a partir de um aprofundamento conceitual e de concepção.

O professor João Francisco de Souza, coordenador do Núcleo de Educação Popular da Universidade Federal de Pernambuco (Ufpe/Nupep) e integrante do Conselho de Educação de Adultos da América Latina (Ceaal) foi uma das pessoas convidadas a dialogar, por acumular vasta experiência em sistematização como um lugar que possibilita a ampla apropriação popular dos saberes. Trata-se de exercitar o princípio da democratização do conhecimento e, desse modo, negar que o mesmo é "propriedade de especialistas".

Outras conversas seguiram paralelamente ou junto. Contamos também com a colaboração de Domingos Corcione que, além da vasta experiência em facilitação de processos no campo da educação popular e acompanhamento de sistematizações, reúne amplo conhecimento sobre a origem e caminhada da Enfoc. Por sua vivência no Grupo de Trabalho que organizou os primeiros passos da Escola e pelo acompanhamento da equipe pedagógica na condição de colaborador, deu ênfase ao reordenamento dos passos dados na incursão pedagógica para a memória e organização em escritos com objetivos de retroalimentar a prática pedagógica, trazendo subsídios didáticos para a estratégia multiplicadora.

Falava-se em sistematizar a memória e o processo, levantar elementos para constituir cadernos temáticos abordando a estratégia formativa de forma completa e ilustrando com fichas metodológicas a vivência de mística e blocos temáticos trabalhados nacionalmente, ressaltando as especificidades regionais, prevendo a incorporação das falas, as produções dos grupos e as várias formas de linguagem. O material seria elaborado como um modo de socializar a idéia aos educandos e educandas, de divulgar o trabalho, de ampliar as possibilidades de reflexão sobre a prática formativa da Enfoc e de subsidiar a estratégia de multiplicação.

As ideias estavam lançadas, sendo necessário construir um entendimento sobre o rumo da sistematização e quais objetivos seriam atendidos. O passo seguinte foi aprofundar esses elementos de concepção e buscar um jeito de operacionalizar, fazer uma discussão sobre a estratégia e a metodologia de trabalho e estabelecer alguns consensos sobre o tempo e o lugar da sistematização na agenda do movimento, pois sua realização requer o envolvimento das pessoas que participaram do processo formativo, sejam educadores(as) ou educandos(as).

Reafirmamos o rumo dos diálogos com João Francisco de Souza, partindo do pressuposto que a sistematização deve ter uma "direcionalidade". Considerando a "vocação" da Escola na relação com a transformação da prática sindical, a sistematização dessa vivência deve dialogar com o que é estratégico para o movimento, para a Contag, e com o que está descrito na missão e no planejamento estratégico da Entidade, com os sentidos de uma ação sindical por uma vida decente e digna no campo, e de que modo a formação sindical tem possibilitado essas reflexões e vivências, tendo centralidade na prática sindical.

Concepção de Sistematização

Progressivamente fomos construindo um entendimento sobre a sistematização, negando ser meramente uma memória "higienizada"[4], limpa de "excessos", expressando o olhar de seu escrevedor. A narrativa incorpora o desafio de ser redigida por várias mãos, com vários pensamentos e reflexões em uma perspectiva polifônica.

Essa sistematização deve ser assumida pelas pessoas que se apropriaram da vivência e que detêm a autoria dos processos, para que possam socializar seus aprendizados, inquietações e percepções; um jeito de democratizar a apropriação do conhecimento, de construir o sentido da vivência, transformá-la em experiência, tirar lições do que foi vivido e do que se está vivendo, pois, no dizer de João Francisco, se trata de "um processo que percebeu o sentido disso e o que isso pode ter na minha vida pessoal, na minha atuação política, econômica, etc."

Quis o destino que João Francisco nos deixasse. Era o momento de aprumar as idéias e deslanchar o movimento da sistematização, pois já havíamos construído um entendimento do que queríamos. Faltava ainda definir os passos para dar concretude ao processo. Fomos construindo, então, novos diálogos e buscando outras possibilidades. Chegamos à Elza Falkembach, educadora de um programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Ijuí, no Rio Grande do Sul. Elza partilhava com João caminhadas junto ao Conselho de Educação de Adultos da América Latina, (Ceaal), além de ter vasta vivência em colaborar com a sistematização de experiências populares.

Foi lançado o desafio: Elza deveria nos ajudar. Partindo do lugar onde estávamos, deveria propor saídas para as encrencas que a gente já tinha assumido como relevantes para a sistematização. E ela topou.

No melhor estilo do "construir o caminho na caminhada", a vivência seguia seus rumos. A realização dos cursos regionais se seguiu, com aspectos comuns e com outros específicos das regiões. Havia entre os educandos e educandas egressos(as) do curso nacional um conjunto de expectativas para esse lugar de corresponsabilidade com a equipe operativa da Enfoc (assessoria nacional) e curiosidades em relação ao que estava sendo vivenciado em outras regiões. Assim, o Seminário Nacional, previsto para acontecer ao final dessa rodada regional, buscou construir um espaço de socialização dos fazeres e reanimar a discussão sobre a sistematização, numa intencionalidade de desenhar os passos para sua realização.

[4] O termo higienização de textos foi citado por João Francisco ao se referir à forma limitada de fazer registros, com resumos que pouco trazem sobre o acontecido. É lançado para se referir ao poder atribuído a quem faz o registro, quem escolhe autoritariamente o que vai informar ou o que vai "apagar" das falas com as quais não concorda, ou que julga ser desnecessário, quase sempre sem consultar as demais pessoas interessadas. No processo de comunicação, o debate desaparece e são ocultadas as divergências e os conflitos quanto à posição relatada.

O seminário buscou, a partir da socialização dos módulos regionais, refletir sobre as dimensões da teoria e prática, tendo a sistematização enquanto "fio condutor"; estimular permanentemente a polifonia e explicitar encaminhamentos e instrumentos que efetivem de forma coletiva e participativa a sistematização dos processos vivenciados. De acordo com Falkembach (2006), "a sistematização de experiências vem sendo utilizada como metodologia para narrar vivências coletivas, recuperar aprendizados e construir conhecimentos a partir de práticas sociais".

A socialização permitiu treinar os ouvidos para uma escuta apurada e qualificar as perguntas para que as pessoas pudessem explicitar seus sentimentos de participantes da vivência. Estavam postas as orientações para a sistematização.

A sistematização deve permitir um olhar para os aspectos objetivos e subjetivos, deve revelar os significados trazidos pelas pessoas; não pode ser uma construção meramente racional. O texto deve trazer as pessoas, seus jeitos e suas reflexões; deve expressar o saber que os sujeitos aportam às vivências e delas recebem, e possibilitar construções teóricas em processos de criação e recriação para subsidiar as interpretações.

A sistematização deve problematizar a intencionalidade da formação em narrativas expressivas das vozes dos sujeitos está pautada no dialogismo.

O registro da vivência é importante passo para deslanchar o processo; deve de fato comunicar, possibilitar que outras pessoas que não vivenciaram a formação sigam a trajetória, deem continuidade ou façam as rupturas necessárias. São escritos vivos e não meramente burocráticos e cumprem o papel de contaminar as outras pessoas e de subsidiar a construção coletiva e contextualizada do conhecimento.

O PROJETO DE SISTEMATIZAÇÃO

Esse contato com a concepção e teoria de sistematização trouxe elementos significativos para o desenho de como fazer. O passo seguinte foi conceber e descrever os momentos de um projeto de sistematização, com atribuições e responsabilidades desenhadas em rede. O maior legado desse desenho é o de possibilitar que a rede de educadores e educadoras se veja com centralidade e assuma a autoria das narrativas.

A proposição sugerida por Elza, e assumida por todos, pressupõe um eixo temático como foco da sistematização; no caso, "o que mudou em mim, enquanto educador(a) do MSTTR e o que mudou no espaço de minha atuação militante?" e deve se realizar metodologicamente em oito momentos distintos, quais sejam:

1º Momento: *aproximação com os sujeitos da sistematização* que vivenciaram a formação (educandos(as), educadores(as)). São, ao mesmo tempo, construtores e executores da proposta.

2º Momento: *projeto da sistematização* – descrição das etapas a serem vencidas para sua realização, considerando os antecedentes e o processo vivenciado. O eixo escolhido para atravessar a prática (entendida aqui enquanto objeto da sistematização) foi: "O que mudou em mim enquanto educador(a) do MSTTR e o que

mudou na minha prática militante". O eixo abstrai mudanças no ser si (compreendendo o movimento feito de pessoas), ser junto (diversos coletivos construídos por intermédio da história) e ser relação (meio sóciocultural, natural).
Os desdobramentos do eixo foram descritos na forma de perguntas orientadoras.

3º Momento: *viabilidade da sistematização* – um processo de coresponsabilização com equipes funcionando nos âmbitos nacional, regional e estadual, com participações legitimadas pela vivência e pela institucionalidade do movimento, ou seja, com a anuência das instâncias. É a expressão da vontade política de realizar a sistematização, de chegar junto da prática e de revelar questões muitas vezes escondidas.

4º Momento: *registros e informações* – juntar o que existe de registro e informações, tendo como referência o eixo e as perguntas orientadoras.

5º Momento: *construção das narrativas* –é o momento de narrar os elementos que o eixo da sistematização indica e trazer elementos presentes na reflexão sobre discussão e polêmica. A sistematização tem esse papel de trazer elementos para a luta.

6º Momento: *reflexões e teorizações* – analisar o que merece uma discussão teórica mais ampla e buscar os aprofundamentos pretendidos. As escutas revelam as questões mais fortes, os núcleos de singularidades.

7º Momento: *reconstruções* – "lançar mão daquilo que foi produzido, aprendido e vivenciado, reflexivamente, e incorporá-lo objetivamente à prática. É o momento de sugerir mudanças quanto aos saberes em circulação (conteúdos temáticos, formas de tratá-los, procedimentos e técnicas para implementá-los), quanto às relações de poder (objetivos, estratégias, relações) e quanto aos sujeitos das práticas (relação consigo, convivência, participação social)" (Falkembach, 2006).

8º Momento: *comunicação* – é o momento de gerar produtos para comunicar a sistematização. Os produtos desempenham função relevante, uma vez que "retomam e narram processos, pontuam problemas e tensões, expõem construções, aprendizagens e revelam verdades que passam a ser afirmadas a partir da oportunidade assumida por um coletivo de voltar-se sobre vivências compartilhadas, culturalmente situadas, problematizá-las e analisá-las" (Falkembach, 2006).

As equipes, constituídas a partir de muita reflexão, considerando o perfil e o tempo para trabalhar a sistematização, compreendendo-a enquanto um fazer que se realiza junto com as demais atribuições, seguiram seus passos distintamente. Considerando as facilidades e dificuldades, aceitaram o desafio e caíram na estrada.

Esse processo educativo tem se constituído em uma permanente construção e reconstrução de passos, na medida em que experimentamos, localizamos as lacunas e potencialidades e vamos esboçando um novo traçado. A sistematização é esse lugar, ora incompreendido e doloroso, ora prazeroso e produtivo e vem cumprindo esse papel retroalimentador das ideias e, consequentemente, da ação pedagógica e das aprendizagens.

Enfrentar o desafio foi, em um primeiro momento, um difícil exercício, pois não havia clareza de por onde começar. Para tanto, foi fundamental a presença de nossa colaboradora Elza, a incitar reflexões e sugerir trilhas. O envolvimento, bem como a corresponsabilização

institucional com as federações estaduais, foi sendo construído gradativamente. Educadores(as) pertencentes à equipe de sistematização experimentaram a arte de conciliar seus afazeres no MSTTR com as novas demandas trazidas pela sistematização.

Apropriadas individual e coletivamente, as lições da sistematização inquietam e estimulam as pessoas envolvidas. O ir e vir das conversas, elaborações e reelaborações de planos de trabalho, ajustes nas equipes e nas escritas e demandas de novas reuniões, deram o sentido de vivência de processo, de interligação de rede, de aprendizagens e de maturidade militante na formação.

Se o momento de acertar o passo foi de muita angústia, gestar e, posteriormente, ver nascer narrativas, permitiu sentimentos de apropriação, de autoridade de rede e de realização pela capacidade de assumir o desafio e dar conta dele. Permitiu, também, contagiar outras pessoas, nas e entre regiões e, principalmente, os "chegantes" na Escola. O importante tem sido a clareza em torno da importância e da necessidade de sistematizar como ação indispensável para a qualificação da formação e do Movimento com sua amplitude e capilaridade. Para informar o momento atual de formação político-sindical e suas repercussões no cotidiano do MSTTR, necessário se faz um "passeio" histórico que favoreça uma contextualização. É o que veremos a seguir.

CONTEXTO HISTÓRICO DA FORMAÇÃO DA CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES NA AGRICULTA (CONTAG)

A formação sindical sempre esteve presente na agenda da Contag desde seu nascimento, por influência das organizações que a antecederam e por seu caráter organizativo de classe. Foi, ao longo da história, cumprindo objetivos demandados pela conjuntura e pelas resoluções de suas instâncias deliberativas.

Surge a Contag, a Maior Organização de Camponeses do País

A Contag, Confederação de caráter sindical, foi criada em 23 de dezembro de 1963, arregimentando forças a partir de articulações e organizações anteriores, a exemplo do Movimento dos Agricultores Sem Terra (Master), da União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil (Ultab), Ação Popular (AP), vinculada à esquerda católica e das Ligas Camponesas existentes em vários Estados do país. Nem tudo foi, no entanto, como os trabalhadores rurais queriam. Logo nos primeiros meses depois de criada, veio o golpe militar; a entidade sofreu intervenção e suas lideranças foram perseguidas.

O país vivia conflitos relacionais, econômicos e políticos muito intensos e os

militares acirravam a repressão a qualquer forma de organização da população. Os trabalhadores camponeses lutavam como podiam para difundir seus projetos, suas bandeiras de lutas: o direito a terra, justiça e liberdade.

Assim, na resistência e, em alguns casos, na clandestinidade, nossas lideranças, imbuídas da missão de criar sindicatos e federações para enraizar a Confederação em todo o país, foram constituindo organizações independentes, com caráter de ajuda mútua e de defesa dos interesses trabalhistas, aglutinando a diversidade de sujeitos políticos do campo. Assumiam o compromisso pela conscientização dos camponeses e iam contra as

injustiças praticadas pelos patrões e pelo Estado autoritário tomado pela força militar.

Segmentos progressistas da Igreja Católica e o Partido Comunista, com suas concepções distintas sobre organização dos trabalhadores, exerciam papéis importantes junto aos camponeses. Dessas influências, a Contag herda um legado político organizativo muito rico, no qual a dimensão formativa já ocupava um lugar de destaque, tendo como referência a formação de quadros e de base, cujo investimento foi, durante muito tempo, compreendido como um espaço em que os camponeses acessavam o conhecimento para a tomada de consciência sobre a sua realidade e do país.

Uma das estratégias adotadas para a sindicalização de mais companheiros e companheiras era o trabalho de base, de "formiguinha" quando as lideranças que participavam das atividades assumiam o compromisso de ler e repassar os materiais como forma de divulgar e informar os camponeses sobre a luta, formando uma grande corrente na multiplicação das ideias. Pretendia-se, com isso, refletir sobre a realidade e construir coletivamente uma perspectiva "revolucionária de transformação social", na qual os valores humanistas e cristãos fizessem parte da dimensão pedagógica e política da prática educativa. Estava semeada a intencionalidade do movimento em contribuir para a ampliação da consciência crítica da grande massa de trabalhadores rurais do país.

Para compreender o lugar que a formação sindical ocupa hoje, é necessário essa revisita da história, os passos dados, com quem e qual concepção de formação veio nortear essa construção. É importante também compreender que a formação em foco não está restrita aos espaços da formação programada;[5] considera também a sua dimensão no cotidiano das práticas sindicais, denominada de formação na ação,[6] aqui compreendida também como espaços formativos. Nesse caso, a construção do conhecimento se realiza à medida que as lideranças sindicais trazem para a consciência elementos que ajudam a entender a realidade na qual se encontram imersas, e o papel militante na construção das possíveis saídas.

A Caminhada da Formação Sindical

Para refletir sobre o papel que a formação sindical assumiu ao longo da história do conjunto do Movimento Sindical dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (MSTTR), tomaremos como referência três marcos históricos, a saber: o Programa Integrado de Educação Sindical, o Programa de Desenvolvimento Local Sustentável com ênfase na agricultura familiar – PDLS - e a Escola Nacional de Formação Político Sindical – Enfoc.

Primeiro Marco Histórico: Programa Integrado de Educação Sindical

Ainda no contexto da ditadura militar, de muita dificuldade para encampar uma formação sindical classista e independente do Estado, as lideranças do movimento reunidas em Petrópolis/RJ,[7] construíram uma estratégia para investir na formação pelo Programa Integrado de Educação Sindical, envolvendo sindicatos, federações e Contag, de abrangência nacional,com equipes próprias na Contag e nas Federações.

Este programa, financiado por recursos públicos, tinha o objetivo de realizar a difusão das frentes de luta, a defesa dos interesses da classe trabalhadora, mediação

[5] Atividade formativa que acontece via cursos, seminários, oficinas, dentre outros, (presenciais e a distância), com programação estruturada (Enfoc;Contag, PPP, 2008).

[6] Processo de reflexão da ação cotidiana, na qual, de forma planejada evidencia-se uma dimensão educativa das várias atividades do cotidiano sindical (Enfoc;Contag, PPP, 2008).

[7] Na tentativa de reorganizar e fortalecer politicamente o movimento sindical, a CONTAG organizou um encontro com educadores sindicais (dirigentes e técnicos), em Petrópolis-RJ (1968), com o propósito de desencadear um processo de formação de 'quadros dirigentes' por todo o país.

institucional entre os diferentes setores da sociedade e o Estado e colaboração com este na execução de programas de educação e alfabetização[8] para o meio rural. O Movimento buscou inserir nos estudos oportunizados pelas campanhas e programas de alfabetização, reflexões sobre a diversidade do campo e sobre os direitos da população camponesa.

Esta estratégia marcou, por quase duas décadas, o trabalho de formação sindical da Contag, que a concebia como um conjunto de ações e conteúdos correlacionados aos direitos e cidadania, oportunidade para os camponeses acessarem o conhecimento político sobre sindicalismo e luta de classe, e a escolarização (alfabetização e formação técnico-profissionalizante), quando os trabalhadores desenvolviam e qualificavam suas habilidades para ter acesso ao mercado de trabalho.

As aprendizagens vão reconstruindo o ideário de luta e de organização, ao passo que consolidam estratégias e constroem outras para alcançar o horizonte desejado:

> Os trabalhadores debatem, firmam posições e enfrentam seus problemas através de uma ação conjunta e descobrem que só a partir de sua participação é possível conquistar as bandeiras de lutas da classe e sua própria libertação (Contag, 1985, p. 50).

O período é marcado por debates sobre as regras claras quanto ao papel dos sindicatos como "órgão de classe, distinguindo-os dos partidos políticos e de outras organizações (...)". No contexto geral, o país vivia sinais da abertura democrática; os movimentos sociais em geral procuravam se afirmar, reformulando suas diretrizes, os rumos e papéis perante a classe e a categoria.

Entra em cena um novo componente: a relação sistêmica entre organização-formação passa a assumir centralidade na estratégia e no conteúdo formativo. Além de instrumentalizar a luta por direitos, passa a tomar a si a responsabilidade pela animação e qualificação dos debates sobre a construção de um projeto político, no qual a discussão sobre o papel dos sindicatos como fomentadores da construção de uma sociedade justa e igualitária é o referencial político da estratégia formativa. É dada especial atenção à formação de quadros do movimento (diretores e formadores) e à elaboração de referenciais políticos e pedagógicos comuns.

> A formação sindical como um processo que tem como ponto de partida a realidade concreta dos trabalhadores e de suas organizações de modo a elevar sua consciência política e sindical e sua capacidade crítica e criativa de entendimento de transformação da realidade, em função das necessidades da classe, respeitando a cultura, os conteúdos e a linguagem dos trabalhadores rurais no enfrentamento; articulando a formação política com a formação técnica; orientando-se pelo calendário e pelas lutas da categoria (Contag, 1991, p. 44).

Não existia na estrutura diretiva da confederação e das federações, a secretaria de formação,[9] que viesse a coordenar o Programa Integrado de Formação. O mesmo era desenvolvido por uma equipe multidisciplinar de assessores, chamada de equipe de educação sindical, encarregada da coordenação e aplicação da formação sindical. Com a ampliação das bandeiras de lutas e diversificação das ações, surgem as secretarias, inclusive a formação, que passa a assumir um lugar específico articulado a uma estratégia de interação com o conjunto das demais secretarias. A então criada secretaria de formação assume a coordenação do programa e constitui o coletivo de formação com atribuição de estabelecer "as diretrizes, conteúdos, metodologias e metas, visando atender às demandas nas áreas de atuação do MSTR" (Contag, 1991, p 27).

[8] Programa Especial de Bolsas de Estudos PEBE, Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAL, Programa Intensivo de Preparação de Mão de Obra – PIPMO, e outros (CONTAG, Anais, 1973)

[9] Tampouco existiam as demais: agrária, agrícola, assalariados, juventude, mulheres, meio ambiente e terceira idade. Foi no processo que elas foram criadas, e as duas últimas surgiram somente no décimo Congresso Nacional da categoria, em 2009.

Segundo Marco Histórico: Programa de Desenvolvimento Local Sustentável com Ênfase na Agricultura Familiar – PDLS

O Projeto CUT e Contag de Pesquisa e Formação Sindical construiu o referencial político para atuação da Contag, qualificando as elaborações do Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável (PADRS) e as estratégias de atuação das secretarias. A primeira ação ampla e articulada gestada a partir dessa experiência foi o PDLS.[10] Buscando unir formação e organização, contribuiu para a construção das bases do segundo marco histórico, o PDLS, com uma lógica de atuação que junta o local e nacional, que teve como principal referência o desenvolvimento de uma ação político formativa que extrapolasse o espaço sindical.

O PDLS teve como principal objetivo a qualificação das lideranças sindicais para intervir nos espaços locais, propondo política de desenvolvimento local e fiscalizando a execução das mesmas. O processo formativo era finalizado com a elaboração dos planos de desenvolvimento dos municípios e definição da estratégia de negociação com os gestores locais. Os conselhos municipais e câmara de vereadores foram palcos de muitas negociações. No PDLS o espaço de atuação do MSTTR "abrange as mudanças das relações políticas e econômicas bem como o conjunto das demais relações sociais, sejam elas culturais, éticas de gênero, étnicas, etc.", e a formação assume um papel central e é tida como um instrumento de afirmação da cidadania para a gestão da sociedade (Contag, 1995, p. 24). Este programa, que proporcionou forte atuação do MSTTR, é lembrado ainda hoje como um dos momentos mais marcantes do ponto de vista da qualificação das lideranças de base para a intervenção local.

[10] Programa de Desenvolvimento Rural Sustentável, com ênfase no aprimoramento da participação de lideranças e dirigentes do MSTTR nos processos de elaboração, proposição, negociação e monitoramento de políticas públicas nos espaços locais.

A formação encontra um espaço amplo de possibilidades, inclusive o de formular estratégias de atuação em três frentes complementares: intervenção na formação profissional, na educação rural e na área de organização sindical. Estes investimentos objetivavam preparar formadores e lideranças multiplicadoras sobre o papel e gestão das entidades sindicais e na formulação e negociação de políticas sociais.

Os termos, intervenção e qualificação, aparecem com muita ênfase nas elaborações e proposições do MSTTR. A concepção de formação retoma um princípio da educação popular: a construção coletiva do conhecimento a partir do saber dos trabalhadores "a formação é um processo que viabiliza a permanente construção de uma prática sindical classista. Seu desenho é estabelecido a partir das necessidades, potencialidades e definições políticas do movimento sindical" (Contag, 1995, p. 24).

Sobressai com muita força a construção de um Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável (PADRS) articulado a uma estratégia de formação ousada, em que formação, organização e comunicação se entrelaçam numa mesma perspectiva: levar à base as primeiras elaborações do Projeto, desencadear um processo de formação massiva de intervenção nos espaços locais, democratizar a gestão política das entidades sindicais e divulgá-lo para a sociedade.

> A formação é o principal caminho para levar até a base do MSTTR as formulações já existentes do Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável (...). Articular nossa discussão estratégica com a ação prática das FETAGs e STRs, relacionando a realidade local com ações estratégicas. Para isso é necessário formular e implementar de forma sistemática, um programa massivo de formação de quadros e uma estratégia eficaz e eficiente de comunicação (Contag, 1998, p. 128).

O Projeto Alternativo passou a ser o referencial político para a atuação do MSTTR, sendo alvo de reflexões e de atualização em suas instâncias deliberativas, vindo a

incorporar no 9º Congresso da CONTAG (2005) o princípio da solidariedade, passado a se chamar Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável Solidário (PADRSS).

No período da constituição da Secretaria até a criação da Escola, a formação cumpriu papel de animadora dos processos formativos desenvolvidos pelas secretarias. Colaborava com as elaborações e programações metodológicas, com a realização das atividades, sendo corresponsável pela articulação das temáticas específicas com as políticas macroestratégicas do PADRSS. Atribui-se à secretaria a responsabilidade pela "articulação da coordenação pedagógica do conjunto dos processos formativos realizados pelo MSTR, buscando garantir coerência interna com o Projeto Alternativo" (Contag, 1998, p. 131). Objetivava, com essa estratégia, identificar no processo "os limites e lacunas da capacidade de formulação, explicitar os pontos de estrangulamento e buscar formas de superá-los, com o conjunto das demais secretarias" (p. 131).

Essa trajetória formativa marcou a história da formação na Contag. Embora a construção de relações mais próximas entre direção-base ainda se apresentem como desafios, "as mudanças só ocorrem quando a CONTAG conseguir fazer com que seus processos formativos cheguem até a base", muitas experiências formativas foram vivenciadas com essa finalidade.

Os programas e projetos deram maior ênfase na qualificação das lideranças, de modo que as ações, abordagem metodológica e os conteúdos desenvolvidos assumiram por vezes dimensões temáticas e técnicas de caráter pontual. Ao fazer essa leitura, a Contag considerou importante reforçar essa formação com caráter processual classista para aprofundar aspectos da dimensão temática e refletir sobre a história de lutas do MSTTR, articulando: Estado, sociedade e ideologia; história concepção e prática sindical; e Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário.

Essa retomada da formação em caráter processual com reflexão mais programática sobre o PADRSS e os sujeitos políticos do campo, fez o MSTTR realizar uma demanda antiga pela constituição de uma Escola de formação política. Essa demanda foi pautada no 6º Congresso e somente no 9º Congresso ela é recolocada.

A iniciativa partiu das mulheres trabalhadoras rurais que trouxeram o debate na 3ª Plenária Nacional, ocorrida de 23 a 26 de novembro de 2004. A ideia era a de constituir uma Escola de Formação específica para as mulheres. No aprofundamento do debate interno foi construída a proposição a ser deliberada no 9º Congresso Nacional: criar uma Escola Nacional de Formação Política para o MSTTR.

Terceiro Marco Histórico: Escola Nacional de Formação da Contag

O 9º Congresso Nacional da Contag aprovou, em 2005, a criação da Enfoc, objetivando a realização de

cursos de formação político-sindical para o MSTTR, e os passos para sua criação deveriam ser discutidos na primeira reunião do Conselho Deliberativo subsequente. A partir daí constituiu-se um desenho, a várias mãos, do funcionamento, do itinerário formativo e dos espaços de gestão e deliberação política da escola, que contemplasse as demandas identificadas em diversos momentos.

Dentre os encaminhamentos seguintes estava a realização de um encontro nacional de formação (Enafor) para dialogar com a categoria, com outras experiências e delinear os referenciais político-pedagógicos orientadores da Escola. Foi instituído o Grupo de Trabalho (GT Enfoc) composto de diretores e assessoria da Contag, representantes das regiões e colaboradores externos, para encaminhar a criação da Escola e organizar o curso nacional de formação político-sindical.

O Encontro Nacional de Formação – Enafor[11] foi realizado de 24 a 28/10/2005, com a participação de lideranças, dirigentes, assessorias, organizações parceiras e colaboradores (as), e foi considerado o ponto de partida para a criação da Enfoc, terceiro marco histórico da formação do MSTTR. Foi um lugar de partilha de experiências em um diálogo com a Escola Quilombo dos Palmares (Equip), Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese); Central Única dos Trabalhadores (CUT) e a Universidade Camponesa (Unicampo). O Enafor também possibilitou a construção de um diagnóstico sobre a realidade da formação no Movimento, mediante um levantamento das ações realizadas nacionalmente, nas regiões, nos Estados e nos polos ou regionais sindicais.[12]

Com base nos elementos trazidos por esses dois momentos, o Encontro buscou formular os referenciais políticos, pedagógicos e metodológicos para a atuação da Escola, lançando a semente da sistematização de uma Política Nacional de Formação para o MSTTR e de um Projeto Político Pedagógico da Enfoc.

O Grupo de Trabalho Enfoc passou a se reunir periodicamente para trabalhar com os subsídios trazidos pelo Enafor na perspectiva de alimentar as elaborações e sistematizações que se faziam necessárias para dar vida à Escola, a saber: eixos temáticos, eixos pedagógicos, perfil de entrada de educandos e educandas, metodologias, objetivos dos

[11] Quando criado para ser o lugar da reflexão sobre a formação sindical do MSTTR, foi idealizado que deveria acontecer a cada 3 anos. O primeiro Enafor veio para construir os referenciais político-pedagógicos para a constituição da Escola e sistematização da Política Nacional de Formação, a PNF. A segunda edição do Enafor aconteceu de 27 a 31 de outubro de 2008 e cumpriu o papel de socialização da vivência Escola em todo país, de atualização do diagnóstico da formação e de aprofundamento de várias dimensões pedagógicas e metodológicas.

[12] Forma de organização horizontal das Federações Estaduais de Trabalhadores na Agricultura. Possuem coordenação escolhida pelos próprios dirigentes dos Sindicatos que o compõem. Têm papel de articulador, animador e coordenador das lutas, mobilizações e manifestações na região, em consonância com as estratégias encaminhadas estadual e nacionalmente pelo MSTTR.

cursos, elaboração de documentos pedagógicos. A opção nesse momento foi construir processualmente na caminhada, dando passos no sentido de discutir, elaborar, desenvolver e consolidar uma ação pedagógica capaz de articular uma formação sindical transformadora e libertadora, fundada em uma gestão coletiva e participativa. Assim, no dia 14 de agosto de 2006, foi oficialmente criada a Escola Nacional de Formação Política da Contag (Enfoc). Os primeiros módulos nacionais, realizados em agosto e dezembro, foram, ao mesmo tempo, lugar de estudo e de reflexão sobre a estratégia formativa. Um total de 99 educadores(as) concluiu a primeira turma nacional e seguiu adiante no desenvolvimento da estratégia formativa então inaugurada.

Estratégia Formativa

Havia uma grande lacuna na formação do MSTTR deixada após o encerramento do PDLS, que era a de a formação contemplar a base do movimento, chegar de fato aos trabalhadores e trabalhadoras rurais, dialogar diretamente no cotidiano sindical e influenciar suas mudanças. Considerando a extensão territorial do país e a amplitude temática e de atuação do movimento, o caminho escolhido foi o da formação de educadores para possibilitar a multiplicação criativa.[13]

Assim, o itinerário pensado parte da formação de educadores(as) em âmbito nacional, cujos egressos (as) são responsáveis solidários com a equipe operativa da Escola em realizar os cursos regionais. Os educadores e educadoras egressos(as) dos regionais constituem as equipes estaduais, responsabilizando-se pela realização dos cursos estaduais, sob a coordenação da Secretaria Estadual de Formação, subsidiados e apoiados pela Enfoc. Em todos os âmbitos (nacional, regional e estadual), os educandos(as) devem realizar atividades intermodulares, bem como organizar Grupos de Estudos Sindicais.

Curso Nacional, Regional e Estadual

Aprender a aprender tem sido uma dimensão presente no fazer educativo da Enfoc. A Escola norteou o chamado GT na elaboração dos primeiros passos da Escola, alimentando a ação da coordenação política e da, então criada, equipe pedagógica da Escola.

O MSTTR sabia o que queria, onde desejava chegar, mas o caminho foi construído no processo. Em um primeiro momento, o itinerário formativo da Escola era constituído por três eixos temáticos (Estado, Sociedade e Ideologia; História, Concepção, Prática e Estrutura Sindical; e Desenvolvimento Rural Sustentável Solidário) e um eixo pedagógico (Pedagogia para uma nova sociabilidade).

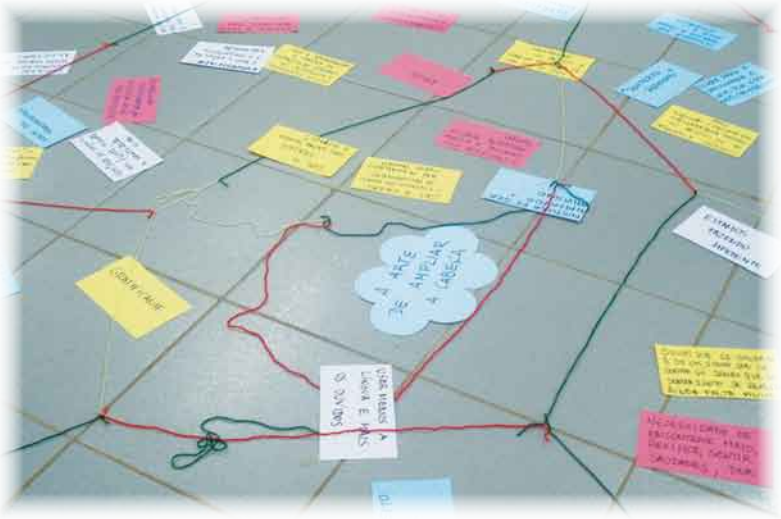
Durante a primeira rodada de cursos nacionais, percebeu-se a necessidade de um novo arranjo para informar

[13] Nesse momento ainda não chamávamos de multiplicação criativa, mas essa dimensão sempre esteve pautada enquanto um caminho para a ação da Escola.

Os cursos nacionais são compostos de 2 módulos de 12 dias cada, acontecem em Brasília e recebem 4 educandos(as) de cada Estado; os cursos regionais são realizados em 3 módulos de 7 dias cada, nos Estados da região, conforme acordos estabelecidos anteriormente com a participação de 10 pessoas por Estado, sendo os 4 do nacional e mais 6 novos participantes; e os cursos estaduais são realizados em 3 módulos de 5 dias cada, contemplando de 30 a 40 pessoas por turma.

As inscrições dos educandos(as) são feitas pelas secretarias de formação das federações e estas devem construir a corresponsabilização institucional para que as pessoas possam participar integralmente dos cursos e também da multiplicação criativa. A indicação deve observar a cota de 50% de mulheres e 20% de jovens.

o que de fato estava reservado para a Escola. Os três eixos temáticos, definidos até então, eram dimensões importantes que articulavam um único eixo e passaram à condição de unidades temáticas. "Ação Sindical e Desenvolvimento Rural Sustentável Solidário" passou a ser a formulação do eixo temático. Quanto ao pedagógico, foi incorporado um segundo eixo, intitulado "Memória e identidade". Juntos constituíram os pilares da formação da Enfoc que, em âmbito nacional, é planejado e realizado pela equipe nacional; no regional, é planejado e realizado pela equipe nacional e educadores egressos do curso nacional em sua respectiva região; e nos Estados, é planejado e realizado pelas equipes de educadores de cada Estado, egressos do curso nacional e regional.



Nos três âmbitos acontecem as atividades intermodulares como parte integrante do itinerário. Estas cumprem um papel de estabelecer uma relação intrínseca entre o discurso e a prática, possibilitando uma análise das ações inseridas no cotidiano sindical com o objetivo de contribuir com a construção de novas práticas.

Favorecer a imersão dos educandos e educandas da escola no espaço militante do cotidiano sindical (tempo comunidade) e desencadear reflexões e estudos na vivência dos cursos (tempo escola), são ações articuladas para o aprofundamento da relação entre teoria e prática.

Logo na primeira experiência de multiplicação (a ida aos cursos regionais), foi feita uma reflexão sobre a necessidade de se constituir espaços para refletir sobre os módulos e planejar os passos metodológicos e temáticos. Foi então que, no intuito de aperfeiçoar a estratégia formativa, foram instituídas as oficinas de autoformação para a rede de educadores.

Oficinas de Autoformação da Rede de Educadores do MSTTR

As oficinas surgem em um contexto de demandas por aprofundamento sobre a estratégia, de discussão temática, pertinência dos eixos, metodologias, entre outras questões. Elas nascemda necessidade de educadores, sejam os que estavam na Escola ou os das federações, refletirem com um olhar apurado sobre como as ações formativas seriam realizadas, considerando as especificidades regionais e estaduais.

Este modo de trabalho surgem a partir de uma reflexão sobre a necessidade de se ter espaços que tivessem um caráter de formação de formadores, onde se pudesse pensar sobre o conjunto de questões possíveis de ser discutido nos módulos, inclusive os temas, conceitos e abordagens. É também lugar de construção metodológica, de viabilização de material didático-pedagógico e de reflexão sobre as possíveis parcerias e colaborações, para dar concretude aos passos de multiplicação criativa da formação. Acontecem nos três âmbitos e envolvem os educadores responsáveis e corresponsáveis pelos módulos (aqueles egressos dos cursos nacional e regional), além dos secretários e secretarias de formação da Contag e das Federações.

Desde os primeiros meses de 2009, esses espaços vêm assumindo também o papel de articulador e animador do processo de sistematização da vivência da escola e da rede de educadores(as) enquanto estratégia de multiplicação criativa na região e/ou no Estado.

Seminários e Oficinas Nacionais

São espaços que buscam potencializar a articulação e o funcionamento da rede de educadores; lugar de reflexão sobre a caminhada pedagógica nacional nas regiões e nos Estados, na medida em que possibilita uma ampla socialização e discussão sobre a unidade pedagógica que se deseja construir/consolidar.

Os seminários e oficinas nacionais têm possibilitado avançar no processo de sistematização. Da mesma forma que contribuíram com sua definição política considerando concepção e metodologia, agora seguem orientados pelas diretrizes dessa sistematização. Em consonância com o eixo da sistematização "o que mudou em mim enquanto educador/educadora do MSTTR e o que mudou no espaço coletivo da militância", os seminários e oficinas nacionais cumpriram um importante papel na retroalimentação da prática pedagógica da Enfoc.

Grupos de Estudos Sindicais – GES

A criação e o funcionamento dos Grupos de Estudos Sindicais foi alvo de muita reflexão e inquietações. Havia mais de uma compreensão sobre o formato e o papel dos GES. Prevaleceu a visão de que os GES sejam o lugar da formação no cotidiano sindical, um jeito de chegar com os estudos e reflexões onde as pessoas vivem, produzem e constroem seus laços organizativos.

São espaços dinâmicos que devem ser organizados nas comunidades ou o mais próximo delas, para refletir sobre suas práticas e constituir meios de aperfeiçoá-las, de discutir e construir mecanismos para a adoção e disseminação de práticas fundadas no Projeto Alternativo de Desenvolvimento Sustentável Solidário, bem como potencializar a organização sindical. Possibilita amplas escutas que vão, a partir de sua criação, contribuir com uma leitura real da conjuntura sindical a partir da base, favorecendo a atuação de dirigentes e lideranças sindicais.

> "O sonho de uma nova sociedade mais justa, onde as pessoas não tenham medo de pensar, e muito menos de falar, essa é uma transformação em mim, de pensar e falar, e ai na responsabilidade de levar o processo pra outras pessoas, lá na ponta, na base"; "O GES é que vai fazer as ações de formação da escola chegar mais perto da base".

O Movimento deu Vida à Escola

Corajosamente o MSTTR seguiu o que foi deliberado, e pôs uma Escola em seu caminhar; juntou pessoas, construiu o que hoje chamamos de itinerário formativo; e segue junto, na medida em que o movimento é ponto de partida e de chegada das reflexões ocorridas nesse espaço pedagógico. Qualificar o discurso sindical, aprimorar a participação das pessoas nas instâncias do movimento, deliberar a partir de um debate no qual todos e todas se sintam parte, são atributos demandados para a Escola, da qual se espera transformar a ação-transformação.

A formação tem se proposto a andar de braços dados com as mobilizações de massa, com a realização de plenárias, congressos, assembleias, reuniões dos conselhos deliberativos da Contag e das Fetags. Tem procurado estimular e alimentar os debates e ajudar o movimento a fazer suas escolhas. Os passos seguintes se propõem a trazer alguns elementos sobre a práxis sindical, construídos na incursão de educadoras e educadores nessa primeira vivência de cursos nacional e regionais, a partir de escutas apuradas no contexto das regiões.

Conteúdo Programático

Na formulação do itinerário formativo, as reflexões partiram da deliberação do Movimento em se constituir uma Escola que viabilizasse "a formação de militantes do MSTTR, de modo que aprimorem sua capacidade multiplicadora e potencializadora da ação formativa em suas áreas de atuação."[14].

Na busca de articular conteúdos que favorecessem a formação pretendida e superar a tendência de cursos, seminários e oficinas de curta duração, pontual e, quase sempre, fragmentada, a decisão foi a de oferecer cursos nacionais em 2 módulos de 12 dias cada, com atividades intermódulos articuladas com os conteúdos. Conforme exposto anteriormente, eram 3 eixos temáticos e 1 eixo pedagógico que no início orientavam os cursos. Com o caminhar, os 3 eixos passaram a ser unidades temáticas, articuladas por um eixo temático e 2 pedagógicos.

[14] Conforme sistematizado no objetivo geral dos cursos da Enfoc em âmbito nacional e regional.

MÍSTICA

A mística é compreendida como um processo presente em todos os momentos do curso, com passos consonantes com os temas e objetivos do módulo. É planejada e realizada coletivamente a partir de recursos e vivências criativas, a partir da expressão artística e corporal, valendo-se de ritmos, sons, o uso e a reinvenção de símbolos, ressignificação das inquietações e dos sentimentos. Busca, com isso, proporcionar vivências reflexões que alimentem os sonhos e a utopia, na perspectiva de fortalecer o desejo por uma sociedade igualitária, solidária e democrática.

Da primeira vivencia ao atual momento, não houve mudanças significativas nos conteúdos, mas um rearranjo que os tornassem mais coerentes entre si e significativos quanto ao cumprimento do objetivo proposto. Não obstante, as modificações ocorridas foram precedidas de avaliações da primeira vivência, que indicaram um conjunto de desafios para a Escola. A descrição a seguir segue a atual configuração:

Eixo Temático: Ação Sindical e Desenvolvimento Rural Sustentável Solidário.

Unidades Temáticas: Estado, Sociedade e Ideologia; História, Concepção e Prática Sindical; Desenvolvimento Rural Sustentável Solidário.

Eixos Pedagógicos: Pedagogia Para Uma Nova Sociabilidade e Memória e Identidade.

As 3 unidades são vivenciadas articuladamente. Nos momentos em que uma delas adquire centralidade, as outras duas seguem como facilitadoras do entendimento sobre os conteúdos, conceitos e concepções. São entrelaçadas pelas dimensões da mística, presente nos momentos presenciais de curso.

I Unidade Temática: Estado, Sociedade e Ideologia

A unidade temática articula um conjunto de temas que cumpre o objetivo de trazer uma compreensão sobre a configuração do projeto político e ideológico hegemônico de sociedade, que dá forma a um modelo de desenvolvimento dominante. Contribui com a reflexão sobre o sentido da luta de classes, da organização dos trabalhadores no mundo e no Brasil, em especial no campo.

Temas:
TRABALHO: o que é trabalho; importância do trabalho na construção das identidades e relações sociais; organização social do trabalho, a influência do patriarcado e relações sociais de gênero, geração e raça; trabalho como forma de humanização e de escravidão.

MODOS DE PRODUÇÃO: comunismo primitivo; escravismo; feudalismo; capitalismo; socialismo. Ênfase no sistema capitalista, suas origens e características na configuração do modelo de desenvolvimento hegemônico e suas consequências no campo.

II Unidade Temática: História, Concepções, Estruturas e Prática Sindical

Esta unidade objetiva conhecer a história de luta dos trabalhadores(as) com ênfase no campo, refletir sobre os elementos que inspiram o atual contexto da organização sindical, compreendendo a razão de ser da luta de classes, a origem dos sindicatos, das centrais sindicais e suas diferentes concepções; no diálogo sobre os antecedentes do MSTTR, examinar as histórias de nossas lideranças do passado e do presente, o que se traduz na reflexão sobre os aspectos relacionados ao pertencimento/identidade, pois a apropriação do *fio da história* é fundamental para se pensar o movimento sindical contemporâneo.

Temas:
HISTÓRIA DA ORGANIZAÇÃO SINDICAL DOS TRABALHADORES: contexto e origem do Sindicalismo na Europa e no Brasil. Primeiras formas de organização da classe trabalhadora na Europa e no Brasil; lutas camponesas pré-sindicais.

CONCEPÇÃO E PRÁTICA NO MOVIMENTO SINDICAL BRASILEIRO: pluralidade de concepções e práticas no Movimento Sindical Brasileiro: anarquista, sindicalismo "amarelo", comunista e cristão; heranças dessas concepções na prática do movimento sindical; construção da estrutura sindical no Brasil, no âmbito do Estado Novo; contexto e principais características da estrutura sindical oficial.

CONTEXTO E TRAJETÓRIA DE LUTAS DOS TRABALHADORES(AS) RURAIS NO BRASIL: as diversas formas de organização no campo; consequências históricas para a organização da classe trabalhadora; da Ultab à Contag; as diferentes concepções presentes no período inicial do sindicalismo rural; trajetória política da Contag; o sindicalismo durante e após a ditadura militar.

CENTRAIS SINDICAIS NO BRASIL: origens históricas das centrais sindicais; concepção de organização

MEMÓRIA E IDENTIDADE

Embora esteja presente transversalmente, o eixo pedagógico "memória e identidade" é fortemente enfatizado por essa unidade temática quando se propõe a um mergulho na história de organização dos trabalhadores(as), onde cada um e cada uma perceba o seu lugar nessa história (autoconhecimento).

Conhecer as raízes individuais e coletivas, revisitar a história de luta e de vida de nossos precursores para refletir sobre os aspectos identitários e reforçar o sentimento de pertencimento de classe e de campo. São passos para a construção de saberes necessários para que a história seja interpretada e contada sob o nosso olhar, valendo-se da criticidade e rebeldia ante a arbitrariedade da história considerada como oficial.

em centrais; desafios e perspectivas para a classe trabalhadora.

III Unidade Temática: Desenvolvimento Rural Sustentável Solidário

Compreender as matrizes estruturadoras do desenvolvimento e suas implicações para a população do campo. Ao se debruçar sobre os elementos constituidores do modelo hegemônico de desenvolvimento, é possível compreender as razões das desigualdades sociais e econômicas. Constitui, ao mesmo tempo, as argumentações pela construção histórica do MSTTR, sistematizada no Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável Solidário, focada nos sujeitos políticos do campo.

Temas:

CONJUNTURA NACIONAL E INTERNACIONAL: cenários conjunturais e a configuração das forças políticas na sociedade; tendências do desenvolvimento; impactos das políticas globalizadas sobre o campo brasileiro.[15]

ESTADO E DESENVOLVIMENTO: o Estado brasileiro, sua configuração, características (patrimonialismo, autoritarismo, centralismo); a atual relação entre Estado e Sociedade Civil; políticas públicas; democracia, participação e controle social.

DESENVOLVIMENTO RURAL - CONCEITO E CONCEPÇÕES: padrões de desenvolvimento rural instituídos no Brasil e seus impactos políticos, sociais, econômicos, ambientais e culturais; desenvolvimento rural sustentável solidário e as relações sociais de gênero, de raça/etnia e de geração; meio ambiente; economia solidária.

PROJETO ALTERNATIVO DE DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL SOLIDÁRIO: resgate histórico, referenciais e princípios do projeto; dimensões social, organizativa, econômica, produtiva e ambiental; relações de trabalho; pilares do Projeto: valorização e fortalecimento da agricultura familiar, reforma agrária ampla e massiva, assalariamento rural, políticas sociais no campo; equidade

[15] Essa temática tem formatos diferenciados, considerando a conjuntura eleitoral. O MSTTR possui uma deliberação de participar das disputas eleitorais, lançando candidaturas próprias ou apoiando outras comprometidas com o PADRSS e, em anos eleitorais, a atividade intermódulos dialoga com esse contexto, buscando identificar os projetos políticos de desenvolvimento em disputa.

PEDAGOGIA PARA UMA NOVA SOCIABILIDADE

Ao longo dos tempos a classe trabalhadora foi destituída do direito de estudar, de conhecer a sua própria história. A escola reproduzia a visão dominante da história, cumprindo o papel de fomentar a manutenção das desigualdades, da submissão e da subserviência.

Ciente da necessidade de contraponto a esse modelo, a perspectiva posta para a formação sindical realizada pela Enfoc é a de construir uma lógica pedagógica favorável ao resgate da identidade de classe e à emancipação dos sujeitos, um convite ao encontro com os fundamentos da educação popular crítica e libertadora, com a intencionalidade de transformar a prática sindical. É vivenciar os princípios e a dimensão da "nova sociabilidade" que orienta o PADRSS pela construção de um novo mundo.

de gênero, de geração, raça e etnia;
organização sindical.

Os eixos pedagógicos transversalizam a realização dos cursos na medida em que dialogam diretamente com os temas apresentados. São, também, articuladores dos momentos em que a Política Nacional de Formação (PNF) e a estratégia formativa se constituem em objeto de reflexão nos módulos.

Considerando o caráter de formação de educadores e educadoras, as temáticas político-pedagógicas são abordadas em todo o itinerário.

Os diálogos pedagógicos assumem, então, o papel de possibilitar essas reflexões e de consolidar as informações para realizar processos avaliativos e de sistematização da vivência, contribuindo com a construção coletiva do conhecimento.

SEGUNDA PARTE: SINGULARIDADES REGIONAIS NO JEITO DE SER ESCOLA

1 Região **Centro-Oeste**

Antonio Gilberto Viegas da Silva
Celma Moreira
Cleudes de Souza Ferreira

CARACTERIZAÇÃO DA REGIÃO

A Região Centro-Oeste, composta pelos Estados do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Distrito Federal, ocupa uma área de 1.606.371,505 km² e uma população de 13.269.517 habitantes (IBGE, 2006).

É a segunda maior região do país em extensão territorial e a segunda menos populosa, tendo também a segunda menor densidade populacional, perdendo apenas para a Região Norte. Apresenta algumas concentrações urbanas e grandes vazios populacionais.

O Quadro a seguir mostra as unidades federativas da região com suas respectivas informações:

Unidade da Federação	Área (km²)	População (hab.)	Densidade Demográfica (hab./km²)	IDH
Distrito Federal	5.801,9	2.383.784	410,9	0, 844
Goiás	340.086,7	5.730.753	16,9	0, 776
Mato Grosso	903.357,9	2.856.999	3,2	0, 773
Mato Grosso do Sul	357.125	2.297.981	6,4	0, 778
Total	**1.606.371.505**	**13.269.517**		

Fonte: IBGE, 2006; PNUD, 2000.

A região Centro-Oeste abriga três biomas: cerrado, pantanal e amazônico, predominando no primeiro a criação extensiva de gado bovino, as monoculturas da soja, do algodão, do milho e a expansão da cana-de-açúcar, que tem sido muito significativa em vários aspectos: na oferta de emprego para o trabalhador rural, na destruição ambiental e em casos de trabalho degradante na região. O bioma pantanal não escapa à proliferação das atividades agrícolas altamente mecanizadas e dependentes de insumos externos. O bioma amazônico, assim como os outros, também tem sido vitimado pela exploração do agronegócio, mas nos três biomas citados existem comunidades tradicionais e áreas de assentamentos rurais que, muitas vezes, ficam imprensados pelas grandes propriedades rurais, enfrentando todo o tipo de adversidades.

O Sindicalismo na Região Centro-Oeste é marcado por uma história de luta e resistência, tanto no combate à Ditadura quanto na luta pela reforma agrária e na defesa dos trabalhadores e trabalhadoras rurais. A resistência de Trombas e Formoso, ocorrido na região de Uruaçu ao norte de Goiás, está registrada na memória camponesa como um marco histórico, que influenciou a criação de vários sindicatos de trabalhadores e trabalhadoras rurais no Estado de Goiás e na Região Centro.

Esta região tem uma trajetória de ocupação a partir de migrantes de outras regiões do país, que trouxeram em sua bagagem, suas vivências anteriores.

Pelos depoimentos das antigas lideranças sindicais e daqueles que contribuíam com o movimento, percebe-se as dificuldades encontradas para se chegar ao grau de organicidade que se tem hoje. São quatro as Federações de Trabalhadores na Agricultura atuantes na região: Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Distrito Federal e Entorno.

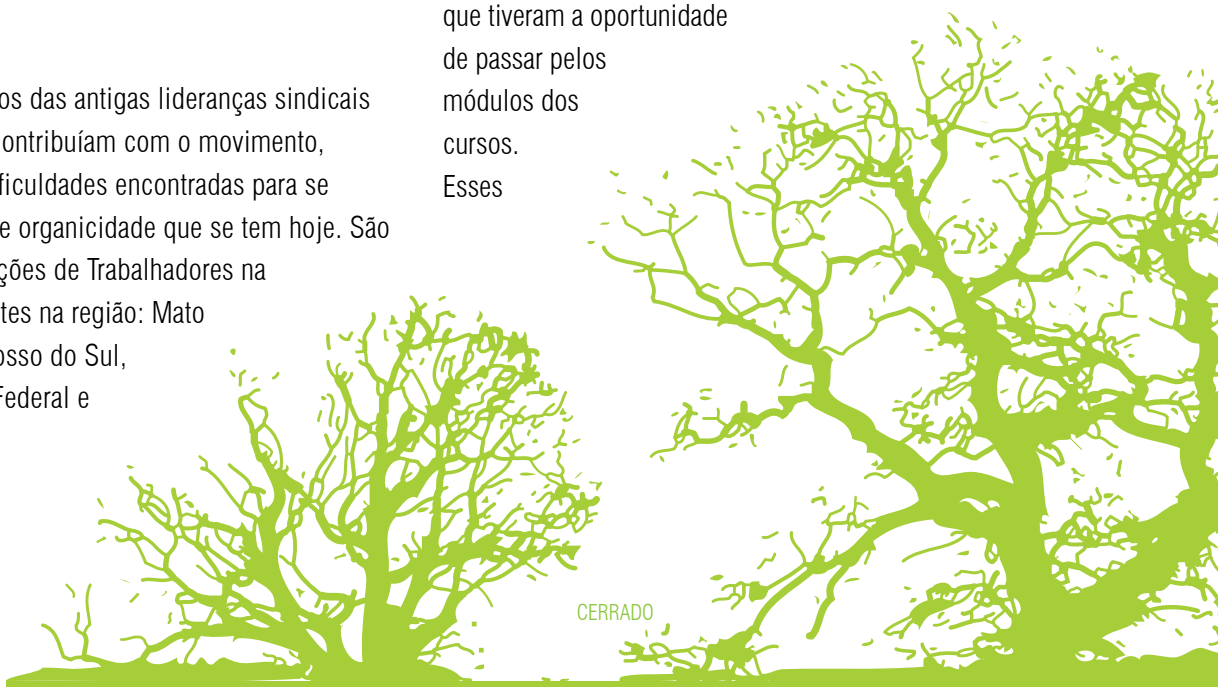
4.1 INTRODUÇÃO

> A educação deve contribuir não somente para a tomada de consciência de nossa Terra-Pátria, mas também permitir que esta consciência se traduza em vontade de realizar a cidadania terrena.
>
> (Morin, 2000, p. 18)

A presença da Enfoc na Região Centro-Oeste tem contribuído para a produção de mudanças nas formas de trabalhar o conhecimento nos processos formativos que tem promovido, o que merece ser registrado e refletido detidamente.

É importante que os companheiros e as companheiras que estão envolvidos com a sistematização possam reservar certo tempo para rememorar pontos importantes da trajetória da Escola, relembrar os momentos dos Cursos Nacional, Regional e Estaduais, a vivência, o conteúdo, a metodologia adotada e o aprendizado em um ambiente tão diversificado e, a partir desses elementos, evidenciar os acontecimentos que contribuíram e podem contribuir para o desenvolvimento das potencialidades de cada pessoa, no sentido da modificação da sua prática cotidiana e da ação sindical.

A sistematização reuniu informações sobre vários fatos e relações que aconteceram durante o processo vivenciado pelos diversos sujeitos que tiveram a oportunidade de passar pelos módulos dos cursos. Esses



CERRADO

fatos têm sido revelados pelos depoimentos de várias lideranças e também pela qualidade das ações que são efetivadas na prática cotidiana da militância. Uma maior participação nos espaços existentes nos municípios, como os diversos conselhos, tem demonstrado uma melhor qualidade das intervenções de nossas lideranças, o que certamente contribui para aprimorar sua relação com as políticas públicas em benefício da sociedade como um todo. Torna-se difícil uma avaliação quantitativa da "evolução" de nossas lideranças, mas verifica-se que mais jovens estão assumindo as direções sindicais e mais mulheres estão ativas na participação política no meio sindical.

O texto aqui apresentado trata das trajetórias de formação referidas a partir do eixo temático: "O que mudou em mim enquanto educador(a) do MTTRS e o que mudou em minha prática militante". Foi organizado em quatro partes: na primeira são apresentados os conteúdos e processo vivido no decorrer do Curso Nacional – módulos I e II - sob a ótica de integrantes da Região Centro-Oeste. Adicionam-se, aí, fragmentos de testemunhos de líderes históricos do MSTTR no país, que colaboraram com o processo formativo no módulo I, e de depoimentos de dois educandos do Curso Nacional, integrantes da Região Centro-Oeste. Na segunda é relatada a recriação regional da formação em análise. A recriação regional ocorreu mediante três módulos, como o texto descreve ao tratar dos conteúdos e processos vividos. Na terceira parte constam depoimentos dos participantes da formação, em âmbito regional, tendo por base o eixo temático da sistematização, desdobrado em perguntas orientadoras a eles dirigidas. A quarta parte traz a reflexão da equipe de sistematização da Região Centro-Oeste sobre o processo vivido nos dois planos de formação: o nacional e o regional, seguidas de algumas "considerações finais".

CURSO NACIONAL

É importante ressaltar que o Curso Nacional da ENFOC abriga 2 módulos presenciais de 12 dias cada um, tendo entre eles uma atividade intermódulo que dá seguimento à dinâmica vivida durante a fase presencial. Este é um momento de interação do educando e da educanda com sua base, bem como oportunidade de pesquisar o cotidiano das pessoas das comunidades com um olhar mais reflexivo, em razão dos aprendizados propiciados pela trajetória formativa iniciada. Representa a busca de mais elementos da prática sindical para reflexão teórica durante o segundo módulo.

Módulo I

Os temas trabalhados no módulo I foram: Trabalho, Identidade e Relações Sociais; Modo de Produção; Gênero e Ideologia; Estado, Sociedade e Ideologia e Origem do Sindicalismo. Foram desenvolvidos em perspectiva crítica, explorando as relações que configuram historicamente e lhes dão significado.

Trabalho, Identidade e Relações Sociais – o trabalho foi apresentado como forma de humanização e/ou escravidão, enfocando a divisão social do trabalho e suas consequências na distribuição dos frutos desse trabalho e como essas relações se tornaram hierarquizadas e cada vez mais complexas. Os modos de produção estão relacionados com a força de trabalho e este é visto como categoria de análise do modo de produção.

Modo de Produção – conceituação: levando em consideração os contextos sociais e as relações entre seres humanos e a natureza, as relações produtivas e as forças produtivas. Os diversos modos de produção e o seu desenvolvimento, com o passar dos séculos até a fase contemporânea, foram também trabalhados.

Gênero e Ideologia – conceituação: gênero como relação de poder; relação que favorece o domínio do masculino sobre o feminino e ideologia como elemento de exclusão da mulher nos espaços de poder.

Estado, Sociedade e Ideologia – conceitos de Estado, Sociedade e Ideologia, sistema de governo, evolução das concepções e formações do Estado.

Origem do Sindicalismo – concepções e correntes sindicais; raízes e itinerário das lutas e organização do campo, controle e repressão das organizações; a linha do tempo dos movimentos sociais. Lutas e conquistas para cada categoria social e para a sociedade. Os principais desafios da contemporaneidade para o sindicalismo.

Durante as atividades deste módulo, a mística, as dinâmicas e os diálogos pedagógicos estiveram presentes no desenrolar de todo o processo. A mística sensibilizou as pessoas para um maior comprometimento com os trabalhos; trouxe à tona os sentimentos de trabalho coletivo, solidariedade e de pertencimento a um determinado grupo ou classe social, possibilitando associações com os conteúdos trabalhados; despertou a idéia do fazer coletivo, tornando as pessoas mais comprometidas com as ações e ainda mostrou que a atividade de ensino-aprendizagem pode e deve ser uma coisa prazerosa.

Os elementos considerados para dar suporte à mística, neste primeiro módulo, foram: a água, a terra e a semente. A terra como elemento da fertilidade que alimenta os sonhos e os sentimentos; a semente como fator de perpetuação da espécie; a água como fonte de vida.

Todo o conteúdo desenvolvido com os participantes seguiu a lógica de exposição dialogada, trabalhos de grupos e debates, estimulando-se ao máximo a participação e integração dos educandos e educandas. Importante ressaltar que a partir desse módulo começou-se a experimentar a capacidade investigativa dos participantes, quando lhes eram atribuídas atividades intermódulo, ou seja, investigações durante o tempo na comunidade para serem apresentadas durante o segundo módulo, como estímulo à ação- reflexão–ação, uma forma de experimentar a metodologia adotada pela Escola na ação cotidiana das atividades sindicais.

Algumas formas de experimentação dessa metodologia:

- sistematizar a ação educativa das Federações ou dos STTRs, produzindo textos ou materiais didáticos;
- desenvolver atividades específicas de formação, como seminários, reuniões, cursos ou palestras sobre os temas estudados no Curso Presencial;
- circular as informações acerca do maior número possível de atividades da Federação, para que nelas possam pautar discussões sobre temas estudados;
- estimular reflexões das diretorias das Federações ou dos STTRs sobre a relação prática-teoria-prática no cotidiano sindical;
- registrar percepções, construir sínteses e desenvolver novas metodologias adaptadas aos processos, de acordo com cada realidade estadual ou local.

A experiência e o conhecimento dos participantes tiveram papel importante para a integração de cada

um deles, contribuindo significativamente para o desenvolvimento e aprendizagem do grupo como um todo. A reflexão sobre a prática sindical de cada liderança que compunha o grupo, foi um elemento motivador da participação ativa dos educandos e educandas.

As equipes de trabalho constituídas marcaram a dimensão de protagonismo dos participantes, uma vez que tinham a atribuição de avaliar, animar, manter o grupo atento e registrar as atividades que eram desenvolvidas durante todo o processo. Esse exercício contribuiu sobremaneira para estimular o envolvimento das pessoas participantes do processo.

Uma forma de "intervenção pedagógica" que muito motivou os educandos e educandas neste módulo de formação, foram os testemunhos de sindicalistas históricos que resistiram à repressão no período de ditadura militar no país, pondo em risco as próprias vidas ao integrarem movimentos e participarem de atos de denúncia e de resistência às relações de poder vigentes, bem como de lutas por um projeto socialista de sociedade. Foram eles: Francisco Urbano, ex-presidente da Contag; Margarida Hilda, primeira coordenadora de mulheres da Contag e Manoel dos Santos, ex-presidente da Contag.

A seguir são apresentados fragmentos de suas falas aos participantes do Curso Nacional:

Em 1965 *Francisco Urbano* foi eleito presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São Paulo de Potengi/RN. Em 1966 foi eleito vice-presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Rio Grande do Norte. Em 20 de janeiro de 1967 mudou-se para Natal. Afastando-se da religião, foi buscar base para o sindicalismo no velho partidão, no qual fez sua formação política e marxista, no qual convicção mantém até hoje.

Francisco Urbano

> Meu ingresso no movimento sindical se deu quando em uma folga do trabalho. Dom Expedito me chamou para fazer um curso de formação sindical. Fui chamado pelo fato de ser questionador. Avisei a mãe e pedi para não contar para o meu pai. A mala, arrumada pela mãe, contava com roupa e uma rede, que, ainda molhada, teve que ser estendida e esperar que secasse para deitar.
>
> Meu trabalho seria estimular os trabalhadores a se sindicalizarem. A partir daí passei a ser suplente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, em 1965, quando prenderam o presidente da Federação do Rio Grande do Norte. Os fazendeiros da região eram muito violentos e por isso a gente só andava juntos.

Margarida Hilda era separada e tinha 4 filhos. Associou-se ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais - STR - em Surubim/PE em 1973, pensando no assistencialismo e não na importância de a mulher participar do sindicato. Ficou um tempo somente como associada. Depois é que começou a participar das reuniões a convite de sua mãe, como relata:

Margarida Hilda

> Associei-me ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais – STR - em Surubim/PE em 1973 por convite da minha mãe. Logo fui eleita delegada sindical e em 1980 passei a compor a diretoria do STR. Eu morava na casa de minha mãe e minhas irmãs questionavam muito que eu só vivia viajando e elas tinham que cuidar dos meus filhos.

No ano de 1980 surgiu a comissão nacional das mulheres trabalhadoras rurais, a partir de dois Estados, incentivada pela exclusão das mulheres das frentes produtivas da seca e do próprio sindicato (sertão de Pernambuco) e da discussão sobre a previdência (Rio Grande do Sul).

Até o sétimo Congresso (da Contag) travou-se uma luta para se conseguir a cota de 30% de mulheres participando das direções. Alguns homens apoiavam, mas a maioria era contra. A discussão da cota trouxe resultados muito bons. A assessoria da Contag contribuiu muito para essa deliberação.

Era tudo muito difícil, a gente nem podia chorar. No Congresso conseguimos trazer 42% das mulheres e colocar 30% na direção.

Foi aqui que aprendi a me libertar, eu aprendi muitos direitos. Continuo associada ao STTR, não tenho nenhum cargo, mas estou em um movimento autônomo que tem mulheres do sindicato e outras que não são.

Manoel dos Santos é bisneto de escravo, neto e filho de sem-terra e sem-terra até os 34 anos, quando conseguiu comprar um pedaço de terra. Estudou até a quarta série primária. Associou-se ao sindicato para fazer uma consulta, mas o sindicato não dispunha desse serviço, então deixou de pagar. Foi levado por sua mãe, que era uma mulher muito ativa. Nunca pensou que fosse ser um presidente do sindicato. Um diretor muito combativo foi assassinado e ele assumiu a tesouraria do sindicato. A partir de então não se afastou da militância. Sua fala, apresentada a seguir, traz informações importantes sobre o sindicalismo em tempos de grande movimentação social e política no país:

Manoel dos Santos

A Contag exerceu forte influência em muitas lutas como as Ligas Camponesas, Trombas e Formoso, Contestado, dentre outras. Deram origem à União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil (Ultab) e depois à Contag, a participação de 29 federações de 18 Estados.

A ditadura militar proibia qualquer reunião de sindicato para organização. A Contag e as Federações reconhecidas só podiam se reunir com a presença do Ministério do Trabalho.

Em 1978, quando a região do ABC paulista estava em greve, o campo também estava em greve, em Pernambuco, depois outros Estados do Nordeste e São Paulo. Entramos na luta pela democratização do Brasil e, posteriormente, incorporamos à campanha das Diretas Já. Lula e Jose Francisco, principais lideranças da cidade e do campo, voltaram a se encontrar para fundar a Central Única dos Trabalhadores (CUT).

Outra luta fundamental para o MSTTR foi a retomada dos sindicatos pelegos (amarelos) que estavam sob intervenção militar. Para se ter uma ideia do peleguismo de alguns, uma vez eu fui com o José Francisco para Goiana (PE) participar de uma assembleia. A federação já havia enviado os panfletos para o sindicato chamando os associados. O presidente veio armado e disse que havia entregado metade dos panfletos para o delegado e a outra metade para os usineiros.

Hoje estamos fazendo o que a Contag fazia antes. Temos uma relação direta com as federações, com as secretarias das políticas que atuamos.

Módulo II

Os temas trabalhados neste módulo foram Estado e Desenvolvimento, Política e Políticas Públicas, Desenvolvimento Rural, Desenvolvimento Rural Sustentável e Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário (PADRSS). A abordagem dos mesmos se deu em coerência com as opções - teórica e metodológica - feitas pela formação ao desenvolver os temas do módulo anterior do mesmo curso.

Estado e Desenvolvimento – caracterização do neoliberalismo (Estado mínimo, patrimonialismo, protecionismo, democracia); relação entre Estado e Sociedade Civil, Estado em ação – conceitos fundamentais.

Política e Políticas Públicas - política numa acepção ampla - políticas distributivas, redistributivas e regulatórias. Políticas Públicas – a importância da participação da sociedade na formulação e efetivação de políticas públicas.

Visita pedagógica.

Conjuntura Nacional e Internacional – reflexão sobre o cenário nacional no período pós-eleições, as tendências do desenvolvimento do Brasil e da América Latina, abordando também o desenvolvimento na Europa, América do Norte e Ásia e a guerra contra o terrorismo liderada pelos Estados Unidos.

Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário (PADRSS) - debate sobre a contraposição de um projeto criado pelo MSTTR, buscando disseminá-lo como um projeto de sociedade, a se contrapor ao projeto neoliberal imposto pela classe dominante mundial.

Esse módulo teve início com uma reapropriação do primeiro módulo, revisitando os conteúdos, reforçando alguns aspectos e conceitos que careciam de maior aprofundamento.

Como o primeiro módulo, valeu-se da mística para dar densidade ao processo educativo. Sem dúvida, este é um recurso pedagógico que tem se mostrado importante como fator de aproximação dos participantes dos cursos de formação político-sindical da Enfoc, mediante o compartilhamento de saberes e emoções. Propicia momentos de grande envolvimento dos educandos e educandas, tanto na preparação das atividades (o pensar, o planejar, o refletir, o problematizar) quanto em sua apresentação. Nesse caso, o uso desse recurso pedagógico se deu para que os participantes do processo formativo de cada região pudessem compartilhar com aspectos das identidades cultural, econômica, política e social de sua região, da maneira mais emotiva possível nas atividades conjuntas da formação.

Procedeu-se, no desenrolar das atividades do módulo, à socialização das atividades intermódulo, que foi apresentada em forma de painel, por região. Essa atividade, que foi proposta aos participantes

durante o primeiro módulo, consistia na investigação sobre o cenário político das eleições em cada Estado. Nesse momento, foi enfatizada a reflexão sobre a rede de capilaridade que compõe o movimento sindical dos trabalhadores e trabalhadoras rurais, formando um importante organismo de disseminação de qualquer ação, mas que, politicamente, ainda se apresenta de forma muito tímida. Essa rede capilar teria, se fosse suficientemente sensibilizada para tal, condições de eleger representantes políticos afinados com o projeto do MSTTR.

Como se trata de uma Escola de formação política, a análise de conjuntura feita para e com os participantes, no desenrolar do módulo, aconteceu num clima sensível, de pós-eleições gerais. Durante essa exposição dialogada, foram abordados aspectos que poderiam influenciar positiva ou negativamente a implementação do Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário (PADRSS).[1] A eleição do presidente Lula foi posta como um fator de fortalecimento desse projeto do MSTTR, ressalvando-se que isso, apenas, não significaria a plenitude de sua potencialização, uma vez que o parlamento e o judiciário brasileiro continuam com o seu perfil conservador e como os verdadeiros representantes da elite nacional. Foi ainda comentado que o Brasil vem aumentando sua importância política para fortalecimento do bloco dos países do cone sul e ganhando relevância no cenário mundial.

Dois sindicalistas da Região Centro-Oeste que participaram do Curso Nacional, dispuseram-se a dar depoimentos sobre sua participação no processo descrito. Por esses depoimentos, pode se ter uma "ideia" dos impactos do processo vivido sobre os mesmos e sobre a ação sindical na região.

Naildo dos Santos[2]

A Escola contribuiu de maneira muito marcante sobre a minha atuação sindical, proporcionando uma maior dimensão do aspecto político, social, ambiental, econômico, não apenas da minha região, mas do território brasileiro como um todo e o entendimento de como ele está inserido no cenário internacional.

Passei a valorizar mais o movimento sindical e, com isso, a ter uma melhor impressão de mim mesmo, porque através da Enfoc conheci as raízes do movimento sindical que tanto lutou pelos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras rurais desse país. Saber que mesmo dando uma pequena contribuição, tem um significado muito importante para mim.

Entender o que significa Estado, Sociedade, Governo, sua formação e sua importância, certamente está contribuindo para uma melhor participação nos espaços de disputa política.

Ter a certeza de que o projeto de dominação das classes menos favorecidas pela elite desse país deve ser combatido de maneira muito forte e isso só poderá acontecer se o movimento sindical estiver unido na implementação do Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário.

Na minha vida pessoal houve uma contribuição muito boa, melhorando a relação familiar.

[1] O Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário constitui-se no eixo orientador das ações do movimento sindical dos trabalhadores e trabalhadoras rurais, como um contraponto ao projeto neoliberal.

[2] Secretário de Formação e Organização Sindical da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Mato Grosso – Fetagri/MT - e coordenador político da Enfoc na Região Centro-Oeste.

Nagibe Alves da Rocha[3]

Representou uma experiência muito rica do ponto de vista pessoal, político e profissional. O MSTTR está fazendo a retomada da formação que há muito tempo estava esquecida no tocante à formação de formadores. O que me emociona é a utilização da mística enquanto a recuperação de sonhos de construção de uma nova sociedade justa e igualitária, isso motiva um sentimento coletivo de mudanças.

Entendo a formação como uma ferramenta que possibilita um(a) companheiro(a) ajudar o outro a caminhar...

Estes depoimentos mostram a importância da Escola de Formação da Contag para contribuir com o desenvolvimento não apenas de cada sujeito que está engajado ao movimento, mas também das potencialidades coletivas. Em diversos espaços de formação que acontecem no Movimento Sindical dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais, observa-se o despertar de novas potencialidades naqueles que participaram do processo de formação da Enfoc.

Dando continuidade ao processo formativo, os participantes do Curso Nacional apresentaram suas estratégias para dar prosseguimento às atividades da Enfoc em cada Estado. Esta ação foi elaborada partindo da sensibilização das diretorias das federações com apresentação dos objetivos formadores da Escola e os conteúdos que se pretendia trabalhar nos Estados, bem como mostrando a importância de se proceder à formação política das lideranças e assessorias, visando à expansão das ações de formação na base do movimento sindical dos trabalhadores e trabalhadoras rurais. Este momento da estratégia formativa teve como função estabelecer um nexo forte entre as etapas nacional, regional e estadual da formação da Enfoc.

Outra reflexão que merece espaço no momento é a relação entre tempo-escola e tempo-comunidade.

Segundo o Projeto Político Pedagógico do MSTTR, o tempo-escola constitui-se em momentos formativos realizados na Escola de Formação, nos Institutos de Formação, nos coletivos de formação e nos grupos de estudos por meio da formação programada na modalidade presencial ou a distância. O tempo-comunidade constitui-se em momentos formativos realizados no cotidiano sindical, na formação na ação, nas atividades de pesquisa, de estudos, de sistematização e, ainda, na constituição de GES.

Essa metodologia adotada no processo formativo, baseada em alguns aspectos da pedagogia da alternância, contribui para um melhor aproveitamento das experiências vivenciadas pelas diversas lideranças que participam do curso. Após a apropriação das categorias conceituais de diversos temas abordados no tempo-escola, os educandos e educandas voltam as suas bases, tempo-comunidade, para pesquisarem sobre as diversas realidades e, assim, trazerem elementos para fortalecer o ensino-aprendizagem, baseado na ação-reflexão-ação. Este exercício tem trazido uma melhoria considerável na atuação das lideranças e assessorias que participam do processo formativo.

RECRIAÇÃO REGIONAL

A recriação regional do processo formativo aconteceu mediante três módulos. No primeiro foram trabalhados o eixo temático "Estado, Sociedade e Ideologias" e o

[3] Assessor da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Goiás - Fetaeg

eixo pedagógico “Memória e Identidade”. No segundo, o eixo temático foi “História, Concepção, Estrutura e Prática Sindical” transversalizado pelos dois eixos pedagógicos “Pedagogia para uma Nova Sociabilidade” e “Memória e Identidade”. O terceiro e último módulo foi orientado pelo eixo temático “Desenvolvimento Rural Sustentável Solidário” atravessado pelos mesmos eixos pedagógicos trabalhados no módulo anterior.

A seguir são apresentados os referidos módulos, conforme a recriação regional. A lógica adotada para orientar a sistematização dos mesmos foi:

- primeiramente apresentar os conteúdos programáticos desenvolvidos em cada um;
- a seguir fazer um comentário sobre os diálogos pedagógicos e oficinas de autoformação e planejamento e oficinas de avaliação, todas elas atividades intermódulos;
- depois apresentar a reflexão guiada pelo eixo temático da sistematização “O que mudou em mim enquanto educador(a) do MSTTR e o que mudou em minha prática militante?” desdobrado em perguntas orientadoras que o contemplam.

Foram trabalhadas, em um primeiro momento, as perguntas:

Quais os temas trabalhados (no módulo)? Sob quais enfoques? Como (abordagens metodológicas, didáticas e orientações pedagógicas – métodos e técnicas)? Quais as mudanças que ocorreram em relação às formações anteriores? Como os integrantes “avaliaram” as propostas de desenvolvimento do curso no início e no final do processo? Como foi a animação do processo (coordenação e comissões)? Teve momentos de “baixa e de alta”? Como se reagiu quanto a isso? Como a discussão do ser educador e educadora aconteceu? A que significados essa discussão chegou? (Instigar essa conversa: rebater na intencionalidade da rede – ver como revisitar, se registra e põe no cabide, se tratando na medida em que for surgindo reflexões). O que mudou no ser si, ser junto e ser relação (espaço coletivo da minha atuação militante)?

Num segundo momento, as perguntas que orientaram a reflexão foram: O processo formativo desencadeado proporcionou empoderamento para educandos e educandas? Sim ou não? Por quê? Como? O processo formativo promoveu reflexos sobre os espaços (Secretaria de Formação)? Sim ou não? Por quê? Como? Os espaços institucionais do MSTTR (outros coletivos e secretarias) estão interagindo com os processos de formação? Sim ou não? Por quê? Como? Quais os potenciais, limitações (contradições) evidenciados para a recriação dos demais processos formativos? O que fazer ante eles? A vivência formativa se articula com a Política Nacional de Formação (PNF) do MSTTR? Se sim, de que forma podemos perceber essa articulação?

As perguntas, além de orientar a apresentação dos conteúdos trabalhados em cada módulo e os procedimentos adotados ao desenvolvê-los, orientaram depoimentos sobre as marcas que a vivência do processo educativo produziu nos educandos e educandas.

CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS

Os conteúdos programáticos trabalhados em dois módulos na fase nacional dos cursos foram reorganizados em três módulos na fase regional da formação.

a) Módulo I

Política Nacional de Formação - a formação foi tratada como elemento norteador para a mudança de prática sindical que melhora a atuação do movimento em sua plenitude. Muito importante para entender o papel de multiplicador criativo de cada participante e o seu compromisso de socializar as informações tratadas durante este primeiro módulo.

Sistemas de Sociedade/Modo de Produção (escravismo, feudalismo, capitalismo, socialismo) – esse tema foi significativo para uma melhor compreensão das relações sociais e para identificar resquícios do passado bem evidentes na sociedade contemporânea. Certamente trouxe elementos valiosos para a atuação das pessoas em seu cotidiano. Serviu para reconfigurar conhecimentos a respeito das relações sociais e de classe que permeiam a convivência na Região Centro-Oeste.

Estado e Sociedade (conceito e origem do Estado, relação entre Estado, Sociedade e Ideologia) – a partir desse diálogo foi possível que os participantes pudessem compreender a constituição do Estado de uma maneira geral e, principalmente, o que contribuiu para a formação do Estado brasileiro e sua capacidade de produzir e acentuar as desigualdades de sua população.

Bobbio (1987) faz um comentário importante sobre esses dois entes: Sociedade Civil e Estado:

> Mais difícil dar uma definição positiva de "sociedade civil", pois se trata de fazer um repertório de tudo aquilo que foi desordenadamente empregado pela exigência de circunscrever o âmbito do Estado. Basta notar que em muitos contextos há contraposição país real/país legal. O que é país real? O que é sociedade civil? Numa primeira aproximação pode-se dizer que a sociedade civil é o lugar onde surgem e se desenvolvem os conflitos econômicos, sociais, ideológicos, religiosos, que as instituições estatais tem o dever de resolver ou através da mediação ou através da repressão. Sujeitos desses conflitos e portanto da sociedade civil exatamente enquanto contraposta ao Estado são as classes sociais, ou mais amplamente os grupos, os movimentos, as associações de vários gêneros com fins sociais, e indiretamente políticos, os movimentos de emancipação de grupos étnicos, de defesa dos direitos civis, de libertação da mulher, os movimentos de jovens, etc.
>
> ...E Estado põe-se então como contraste entre quantidade e qualidade das demandas e capacidade das instituições de dar respostas adequadas e tempestivas.

Sendo esse tema abordado no primeiro módulo, deveria ter um aprofundamento em módulos que o seguiram. Ficou visível, entretanto, a intenção de a classe dominante não apenas ter a figura do Estado como seu protetor, mas como um projeto hegemônico das camadas mais favorecidas da população. Como o Estado brasileiro está constituído em Unidades Federativas, sendo o município a unidade mais próxima das pessoas, há uma maior necessidade de participação efetiva do movimento sindical para acompanhamento e cobrança na implementação de políticas publicas nesse âmbito.

Democracia, Participação e Controle Social – esse foi um tema de extremo interesse para os educandos/educandas e futuros educadores/educadoras do movimento sindical dos trabalhadores e trabalhadoras rurais, uma vez que afeta diretamente a qualidade de sua atuação no sentido de contribuir para uma maior influência na elaboração e efetivação de políticas públicas em benefício de sua classe e da sociedade,

quando a questão da conceituação relacionada à democracia em suas formas representativas ou participativas não estejam bem-entendidas. Observaram-se nos diversos módulos depoimentos de participantes fazendo crítica à participação do movimento sindical como pouco eficaz nos diversos conselhos existentes nos municípios, havendo uma consciência da necessidade de uma intervenção mais qualificada nesses espaços. Onde essa participação torna-se mais eficiente, há uma grande diferença, com políticas públicas atendendo melhor à sociedade.

Memória e Identidade – o trabalho com o tema foi iniciado por meio da exposição da professora Socorro Silva[4] que fez um resgate da história de ocupação da Região Centro-Oeste, relatando os conflitos de Trombas, Formoso e Guerrilha do Araguaia, os aspectos culturais e possibilitando um diálogo que se estabeleceu com os participantes. Para ilustrar mais esse momento de revisita histórica da região, houve a apresentação de testemunhos de pessoas que participaram ativamente dos conflitos na região de Trombas, Formoso e na guerrilha do Araguaia, como os companheiros dessa luta José Gomes, de Goiás, Manoel Ferreira dos Santos (Manoel Prelazia, de Mato Grosso), cuja família participou ativamente da guerrilha do Araguaia e José Genuíno, Deputado Federal, que lutou na guerrilha do Araguaia. Pelos depoimentos de vários participantes foram momentos de muita emoção, tanto por parte dos que vieram para contar suas lutas quanto dos que ouviram com muita atenção todas as narrativas. Eram os personagens em carne e osso. Mais do que simplesmente contar uma história, apresentavam parte de uma luta de muita significação para o movimento sindical e para toda a sociedade que pretende viver em um país verdadeiramente democrático. Esse foi um dos temas que mais empolgou os participantes, trazendo uma importante dose de emoções. As novas lideranças tomaram conhecimento do que representou a resistência dos movimentos sociais a um regime que, cada vez mais, se fechava e centralizava o poder.

[4] Educadora popular colabora da Enfoc - doutora em educação pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

b) Módulo II

Os temas trabalhados no módulo II do curso regional e as intencionalidades que lhes deram significado são apresentados a seguir:

Diálogo sobre a Política Nacional de Formação – PNF, PADRSS e Projeto Político Pedagógico – socializar com os educandos e educandas as principais orientações a respeito do processo de formação de formadores, buscando melhorar a ação sindical em sua base.

Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário PADRSS – aprofundar o conhecimento a respeito do projeto que se contrapõe ao modelo hegemônico neoliberal.

Identidade Social, Ideologia e Luta de Classe – entender como são reproduzidas as desigualdades mediante uma ideologia de dominação.

História do Sindicalismo no Mundo e no Brasil – compreender a forma como foram iniciadas as primeiras organizações de classe no mundo e no Brasil.

A Organização dos trabalhadores/as no Brasil: contexto e significados – compreender como e porque surgiram as primeiras formas de organização da classe trabalhadora e o papel do sindicalismo no contexto histórico enquanto meio de transformação social.

As concepções sindicais que caracterizaram o sindicalismo da Região Centro-Oeste – refletir sobre as características sindicais na Região Centro-Oeste.

As Centrais Sindicais e a luta da classe trabalhadora – entender o papel das centrais sindicais na luta dos trabalhadores e trabalhadoras rurais e o que motivou os trabalhadores a formação da Central Única dos Trabalhadores (CUT).

Contexto e perspectiva da Gestão Sindical – refletir sobre a política de gestão, seus limites e desafios na atualidade.

O sindicalismo na atualidade e seus desafios – refletir sobre as conquista e principais desafios na atualidade.

A Política Nacional de Formação (PNF) – refletir sobre a ação formativa - seus princípios políticos e pedagógicos, estratégia formativa - e sua relação com a organização e a ação política e sindical.

c) Módulo III

Os conteúdos trabalhados neste módulo foram:

Política Nacional de Formação(PNF) e seus instrumentos.

Concepções de Desenvolvimento Sustentável e Solidário; Territorialidade e Ruralidade.

Socioeconomia Solidária: abordagens, experiências (os sujeitos e suas práticas).

Gênero e Desenvolvimento; a unidade Familiar de Produção, os sujeitos e suas relações sociais e reprodutivas.

Desenvolvimento Regional: características sócioeconômicas e produtivas; as frentes pioneiras e de expansão, os grandes projetos – assalariamento rural, o pantanal e suas características, o papel formador do Estado.

Políticas de Desenvolvimento nos Estados (Atividade intermódulo para os educandos e educandas).
Os conteúdos arrolados foram desenvolvidos tendo presente a preocupação dos educadores e coordenação dos cursos de integrar os módulos (reconstrução da vivência, olhar sistêmico para a caminhada, socialização e reflexão) e mediante acertos de trabalho (acordos, organização de comissões de trabalho, atribuição de tarefas).

No módulo III foi também organizada, realizada e avaliada, como recurso pedagógico, uma visita dos participantes do curso ao Assentamento Cunha, situado no município de Cidade Ocidental/GO (entorno do Distrito Federal). Para isso houve a preparação da visita: preparação dos grupos para o exercício de levantamento das informações no assentamento rural visitado; formulação de roteiro para o levantamento; organização das equipes de trabalho; a visita propriamente dita e o debate sobre a mesma.

Durante o Diálogo Pedagógico ocorrido no transcurso do módulo III do curso regional, foi priorizado o tratamento dos seguintes temas: a ação sindical no Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário (DRSS); as tendências do DRSS e a ação sindical (síntese temática); concepção e gestão de políticas públicas (educação do campo e participação social); organização da produção (agricultura familiar e assentamentos de Reforma Agrária).

As estratégias de continuidade das ações formativas nos Estados - Cursos Estaduais e Grupos de Estudos Sindicais, especialmente, foram também temas de preocupação do módulo III, estendidas às oficinas pedagógicas e de planejamento que serão comentadas a seguir

A metodologia adotada no curso regional teve como eixo orientador a efetiva participação dos educandos e educandas, na perspectiva de um melhor aproveitamento das vivências individuais como elementos fundamentais na construção do conhecimento coletivo. Os trabalhos em grupos e a socialização dos debates entre todos os participantes, constituíam-se em fatores motivacionais no processo de ensino-aprendizagem.

A visita de campo representou uma imersão em uma realidade já conhecida praticamente por todas e todos os participantes, mas assumiu um significado particular no contexto do curso; permitiu que verificassem quanto podem contribuir com o desenvolvimento das pessoas nas comunidades e assentamentos rurais.

A preparação da visita, a formação dos grupos, o eixo temático desenvolvido para ser explorado no assentamento, foi um exercício que contou com o conhecimento, a experiência e o envolvimento de todos.

As informações trazidas da visita para a sala de aula, reforçaram o debate e estimularam o pensar sob uma nova visão da realidade do homem e da mulher do campo. Instigaram também a reflexão sobre a atuação sindical na base.

Essa iniciativa de uma prática em um dos módulos do curso da Enfoc (módulo III) foi um aspecto positivo e está sendo "replicado" nos módulos dos cursos nos Estados.

DIÁLOGOS PEDAGÓGICOS E OFICINAS PEDAGÓGICAS

Diálogo Pedagógico I – este foi um momento de relevância porque, a partir do diálogo pedagógico, os participantes retomavam os pontos mais significativos de alguns temas que careciam de maior aprofundamento. Os diálogos pedagógicos têm proporcionado aos educandos e educandas um exercício muito interessante. O referencial teórico trabalhado com os participantes nos módulos proporcionou uma reflexão sobre o novo conhecimento adquirido, produzindo um tempo de maturação para interligação com a sua vivência prática e a teoria abordada. Essa reflexão entre teoria e prática facilitava uma melhor compreensão por parte dos educandos e educandas, adquirindo mais confiança em suas atuações na base.

Diálogo pedagógico II: tempo-escola – espaço de discussão dos participantes, evidenciando a vivência metodológica, momento de grande interação entre os participantes e a equipe pedagógica, em que a

prática de cada pessoa se apresenta como contribuição ao aprendizado coletivo. As lições apreendidas até o momento permitem que se reflita em cima das práticas individuais e coletivas. É o instante em que os educandos e educandas experimentam uma atividade mais intensa na construção do conhecimento. "O educando ou é protagonista do processo educativo ou estamos falando de opressão educativa que, portanto, não é educadora" (Freire; Betto, 1988). Essa afirmação mostra bem a dimensão do que seja uma educação em que se busca a formação de educadores e educadoras seguindo os preceitos da educação popular.

Diálogo pedagógico III: tempo-comunidade (GES, atividades intermódulo) – como foi explicitado, o tempo-comunidade é o momento de a escola provocar a investigação na base em que atua cada educando-educador e educanda-educadora, propiciando tanto uma intervenção mais qualificada quanto um olhar mais apurado sobre a realidade de atuação de cada militante. É uma oportunidade motivadora para se criar os Grupos de Estudos Sindicais (GES), que terão papel fundamental para a multiplicação criativa da ação formativa da Enfoc na base. Representa um envolvimento relevante dos educandos e educandas com as pessoas da base para animá-las e sensibilizá-las para uma melhor atuação da prática sindical. É um momento que se aproxima muito da experiência de pesquisa participante[5], quando o sujeito pesquisado torna-se pesquisador. Essa atividade se reveste, portanto, de muita importância no processo de pesquisa nas comunidades, fazendo com que os educandos e educandas possam levantar informações importantes tanto para o seu estudo, quanto para o interesse da comunidade.

OFICINAS DE AUTOFORMAÇÃO E PREPARAÇÃO DOS MÓDULOS

As oficinas de autoformação e preparação dos módulos correspondem a um momento dedicado à revisão metodológica e aprofundamento de temas relevantes para os educandos e educandas. Possibilitam a avaliação do módulo anterior bem como dar prosseguimento ao processo reflexivo desencadeado, preparando o passo seguinte. No caso, produziram muitas informações, contribuindo também com a sistematização da experiência da Escola.

A elaboração da matriz pedagógica e dos temas a serem abordados, e as decisões e iniciativas quanto aos educadores externos a serem convidados para atuação nos módulos seguintes, assim como os internos (de dentro da instituição), são atividades próprias a este momento. Parte

[5] Pesquisa participante, segundo Thiollent, existe um envolvimento tal que o elemento pesquisado torna-se pesquisador. Também conhecida como pesquisa-acao por alguns autores.

[6] Tendo referenciais teóricos nas linhas de pensadores como Paulo Freire, Moacir Gadotti, Juan Diaz Bordenave, Socorro Silva, Elza Falkembah, dentre outros.

do bom desempenho dos módulos do curso, portanto, depende deste espaço de planejamento e reflexão.

REFLEXÃO DAS VIVÊNCIAS

Houve grande preocupação nos processos formativos tanto do curso nacional quanto dos regionais, de unidade de enfoque no trabalho com os temas desenvolvidos nos diferentes módulos. Normalmente as abordagens feitas pelos diversos educadores e educadoras, tanto de dentro do movimento quanto os parceiros convidados, seguem as premissas básicas da educação popular.[6]

As abordagens teóricas têm se voltado a proporcionar o entendimento das práticas dos sujeitos em sua ação de organização e militância na base. Algumas contradições se estabelecem a partir do momento em que os educandos e educandas passam a refletir sobre sua prática na atividade de tempo-escola, ou seja, teorizam em cima da ação, voltando para o tempo-comunidade com uma abordagem diferenciada de sua prática. Nesse momento, tem-se observado que aqueles que não vivenciaram o processo formativo da escola sentem-se ameaçados em seu "estágio" de compreensão ou condição de poder. "Quem acredita em participação, estabelece uma disputa com o poder"[7].(Demo, 2001, p. 20). Nesse aspecto é importante que, durante os módulos, haja espaço de discussão para a superação desses pontos de tensão que acontecem no tempo-comunidade. O retorno dessas lideranças que passaram pelo processo de ensino-aprendizagem da Enfoc deve ser precedido de alguns cuidados quanto à abordagem para introdução desse novo conhecimento. O que se quer na realidade, não é tomar os espaços dos que ficaram, mas compartilhar conhecimentos para orientar uma prática mais humanizada e uma participação mais ativa e proativa, afinal de contas todo o processo formativo tem um objetivo definido que é o fortalecimento do movimento sindical dos trabalhadores e trabalhadoras rurais.

[7] DEMO, Pedro.Participação é Conquista: noções de política social e participação. 5 ed. São Paulo, Cortez, 2001. p. 20.

As abordagens metodológicas foram sempre orientadas no sentido de que os participantes pudessem se apropriar não apenas da metodologia, mas de todo o conhecimento construído de maneira coletiva. O ser humano, portanto, foi sempre considerado como o elemento central de todo processo pedagógico. Todos os educadores, sejam os convidados ou os de dentro do movimento, são orientados a associarem os referenciais teóricos à prática e às ações sindicais. Os trabalhos de grupos, os grupos de cochicho são estimulados, juntamente com técnicas de visualização móvel, encenações, dentre outras, na construção de conhecimento e abordagens na reflexão da prática sindical, visando a estimular os diversos sentimentos que são característicos.

A mística muito contribuiu para o desenvolvimento do processo educativo. A dinâmica de integração na qual os participantes, ao chegarem, percebiam um mapa do Brasil desenhado no chão contendo todas as unidades da federação, foi muito importante. O objetivo foi rever a trajetória que cada um e cada uma fez em sua vinda para a Região Centro-Oeste. Foi um momento em que todas as pessoas expuseram informações a respeito de si mesmas. Nesta oportunidade verificou-se o quão diversa é a constituição das pessoas que compõem a Região Centro-Oeste. Identificaram-se homens e mulheres de origem nordestina, sulista, nortista, de origem paraguaia, alemã, italiana e da própria região que migraram em migração interna, isto é, de Estados dentro da própria Região. Foi um momento em que os participantes tiveram a oportunidade de se conhecerem melhor, uma vez que, durante a trajetória de cada um no mapa, relatava-se como foi esse processo migratório, e as pessoas, muitas vezes, se emocionavam ao revisitarem as histórias de suas próprias trajetórias de vida.

O curso regional teve momentos de significativa importância, tanto no aspecto da troca de informações, construção de conhecimento coletivo, quanto na exteriorização das emoções das pessoas envolvidas durante as atividades. Um momento que provocou uma

reviravolta emocional ocorreu quando apresentadas as cartas que cada participante fez para a pessoa que ele ou ela escolhera. Durante a leitura dessas cartas, todos e todas não contiveram as lágrimas. Elas representaram as vontades das pessoas de dizerem coisas que nunca haviam dito para quem certamente gostaria de ouvi-las. Pai reconhecendo a sua ausência durante a criação de seus filhos; mães que não conseguiram dar a atenção e o carinho que os filhos (as) mereciam; mulheres que, em função de suas múltiplas atividades, não puderam dedicar mais afetividade aos seus companheiros; homens que reconheciam a sua falta de atenção para com suas companheiras. Enfim, foi uma verdadeira sessão de terapia em grupo.

Certamente os depoimentos postos nas cartas pelas pessoas participantes, oportunizaram momentos de reflexão, tanto a respeito de cada trajetória quanto da maneira de conduzir a prática sindical, inclusive a convivência familiar. "Revelaram a força da contradição entre os processos de produção e reprodução e ainda as dificuldades de relação entre indivíduos e coletivos sociais" (Falkembach, 2009).

Foram constituídas também comissões entre os educandos e educandas para avaliação e animação do processo educativo em cada módulo. As comissões de avaliação tiveram papel importante na sua atividade diária, fazendo com que as observações contribuíssem para a correção de rumos nos dias seguintes. Os depoimentos indicam que os participantes avaliaram como muito positivo todo o processo.

Houve, no desenrolar dos cursos, tanto por iniciativa da coordenação quanto da equipe responsável pela animação, dinâmicas, músicas, dentre outras atividades, que conseguiram manter os educandos e educandas motivados durante todo o processo. Verificou-se que os educadores que mais empregavam premissas da educação popular, obtinham, por parte do grupo, mais contribuições com relação a sua vivência prática, em função do ambiente propício que se constituía para os participantes, principalmente para aqueles mais tímidos. Esse ambiente permitia que os educandos e educandas pudessem falar com mais intensidade de suas atividades práticas, dando-lhes oportunidade de refletir sobre as mesmas na perspectiva de uma prática ressignificada e de melhor qualidade. Nesse aspecto, é importante observar a seguinte visão a respeito do olhar crítico da prática:

> Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. (Freire, 1996, p. 39).

Embora as dinâmicas ou as brincadeiras possam ser consideradas por alguns como irrelevantes, contribuem sobremaneira para criar um clima mais descontraído aos participantes, a fim de exteriorizarem elementos que são fundamentais para a construção do conhecimento individual e coletivo. É dentro desse princípio de humildade entre educandos/as e educadores e educadoras que os saberes se fortalecem.

> Assumir a postura de liderança é, antes de mais nada, uma escolha. Mas ela exige uma estupenda capacidade: a de se ter humildade. Isto é, saber que não sabe tudo, saber que não sabe todas as coisas e, especialmente, saber que não se é o único a saber. (Cortella, 2008, p. 72).

Essa noção, de que o saber de cada um e de cada uma deve ser valorizado, sem perder de vista a necessidade de se saber mais, faz uma grande diferença para o aproveitamento do conhecimento de nossas lideranças.

Todo o processo educativo tem seus momentos de "baixa" e de "alta". O diferencial entre eles é que há os que reagem ante as debilidades, construindo saídas para os problemas constatados.

Os depoimentos de educandos e educandas do curso regional do Centro-Oeste revelam que, em

alguns momentos, o índice de rendimento dos participantes teve certa baixa, principalmente quando o mediador não apresentava características de educador popular e não promovia inspiração aos educandos e educandas a participarem mais ativamente do segmento. Quando, entretanto, o mediador trazia experiência de ter vivenciado ações com os movimentos sociais e se percebia certa apatia do grupo, imediatamente ele reconstituía a sua metodologia para que houvesse um maior envolvimento. Essa reação se dava de maneira mais ou menos intensa, de acordo com o perfil de proximidade e de identificação (ou não) com os movimentos populares. As dinâmicas, as músicas e outras atividades lúdicas, contribuíam para trazer de volta o ânimo das pessoas em momentos de "baixa".

A discussão sobre o ser educador e educadora em processos de formação política e sindical, como os liderados pela Contag, se processou durante os diferentes momentos dos cursos. A que significados chegou essa discussão?

Na realidade o processo de formação não é novidade no movimento sindical dos trabalhadores e trabalhadoras rurais. Esse processo de formação tem experimentado diferentes metodologias desde o período antes de 1964, quando se sentia forte influência dos movimentos ligados à educação popular, com intensa utilização de metodologias participativas, evidenciando-se o protagonismo dos sujeitos do campo, que aprendiam muito com a sua prática sindical; e o momento pós-64, em que esses movimentos foram praticamente banidos da cena política do país. A partir daí começa a predominar uma formação muito mais direcionada pelo aparelho de Estado do que propriamente experiências de educadores populares. Com o advento da Escola Nacional de Formação da Contag, a Enfoc, os educadores e educadoras envolvidos na formulação do seu Projeto Político Pedagógico passam a viver com mais intensidade os princípios da educação popular. Essa nova orientação tem tornado os processos formativos, tanto nacionais como regionais, menos afetos a "altos" e "baixos" em razão da orientação metodológica assumida, na qual a avaliação e a sistematização assumem papel relevante. Tem, outrossim, associado as vivências propiciadas pelos cursos promovidos pela Enfoc às práticas formativas na base e demais atividades sindicais.

O que isso tem produzido de mudanças no cenário em discussão? O que tem havido de mudanças no ser si, ser junto e ser relação (espaço coletivo da atuação militante)?

As reflexões produzidas na Região Centro-Oeste indicam que o processo metodológico, levando em consideração o princípio da participação ativa, tem demonstrado, depois de vários módulos do curso, uma significativa mudança individual no ser si, com ressonância significativa no ambiente da atividade sindical (espaço coletivo da atuação militante). Essa mudança muitas vezes se torna imperceptível aos olhos da maioria das pessoas do próprio movimento. Sem dúvida, têm ocorrido mudanças.

Há pessoas que sentiram a necessidade de estudar e ler mais para melhorar a sua atuação como militante ou como educador e educadora, reconhecendo a necessidade de buscar a construção de novos conhecimentos. Nesse aspecto, é importante: "reconhecer o desconhecimento sobre certas coisas é sinal de inteligência e um passo decisivo para a mudança" (Cortella, 2008a, p. 28). Verifica-se que a repercussão dessa mudança tem se dado na base de atuação do movimento sindical, a partir dessa transformação individual (do "ser si") e se espraia para o espaço coletivo. É verdade que essa mudança vem acontecendo de maneira ainda muito tímida, mas é importante lembrar que a Enfoc é muito nova (fundada em 2006) para se ter uma mudança mais significativa. Durante uma escuta feita em Brasília com os participantes da formação regional do Centro-Oeste (Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal), pudemos captar do grupo os seguintes depoimentos:

- Em mim mudou a postura didático-pedagógica, em que busco muito mais potencializar os conhecimentos dos atores sociais envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, do que apenas ensinar.
- No espaço coletivo tenho observado algumas mudanças, principalmente daqueles (as) que têm participado das atividades da Enfoc, em que a valorização dos saberes tem sido valorizada.
- Em mim mudou a expectativa quanto a uma melhor formação no campo.
- Melhorou a participação e a intervenção dos companheiros(as).
- Em mim melhorou a capacitação e a vontade muito grande de guerrear com aqueles militantes que não querem dar espaço.
- Nos espaços não aconteceram mudanças.
- Em mim mudou bastante o meu conceito, inclusive a minha forma de pensar. Achava que sabia muita coisa. Sinto que meus conceitos mudaram e mudaram para melhor.
- No espaço de trabalho a minha postura de entendimento do outro mudou bastante no espaço coletivo.
- Em mim mudou como educadora, porque me sentia muito insegura. Agora fico mais tranquila porque tenho mais conhecimento, o que me deixa mais segura.
- No espaço coletivo sinto a necessidade de discutir um projeto de sustentabilidade. Ia atrás de caminhos, hoje chamo as pessoas a construírem comigo.
- Em mim mudou a minha forma de agir com os próprios companheiros.
- No coletivo existe uma dificuldade de se levar para a base essa nova postura dialógica em função dos poucos recursos e da cabeça de alguns dirigentes.
- Em mim mudou a forma de ver o movimento sindical. Algumas mudanças foram feitas a partir dessa nova postura.
- No coletivo já se tem alguns sinais dessa mudança.
- Em mim a PNF fez compreender o que é Estado, o que é sociedade, o sistema de produção, os movimentos sociais. A diferença entre Educação Formal e a Educação Popular.
- No coletivo senti a necessidade de planejar melhor as ações para atuar no coletivo.
- Em mim a mudança está relacionada com uma maior compreensão do movimento social.
- No espaço coletivo sinto mais consistência quanto a minha militância. No espaço coletivo ainda não sinto mudanças significativas.
- Em mim está a vontade de disseminar o aprendizado construído.
- Em mim mudou as minhas participações abrindo mais a minha visão. Tinha uma dificuldade imensa de interagir com as pessoas. Sinto que aproximou a região. Me vejo outra pessoa. Me motivou a voltar a estudar.
- Em mim serviu como reforço para a atuação, preciso adequar o discurso a minha atuação. Houve uma maior sensibilização para escutar o outro(a).

- Em mim ainda não dá para medir a evolução da mudança. Espero que eu possa entender determinadas posturas como falta de transparência de militantes que estão participando do processo de formação.
- No espaço coletivo espero que haja muitas mudanças, a partir do momento em que as pessoas entendam a necessidade dessa formação mais dialógica.
- Em mim mudou a forma de, enquanto sujeito, pensar diferente no dia a dia do movimento. Nos proporcionou espaço para discutir a nossa história. Nos trouxe uma segurança muito maior.
- No coletivo melhorou no sentido de enxergar a necessidade de mudanças das práticas sindicais, o que é um desafio muito grande.
- Em mim mudou a maneira de olhar o movimento sindical.
- No coletivo estou tentando melhorar a minha prática.
- Sinto-me mais consciente. A PNF me trouxe a necessidade de uma educação para emancipação dos sujeitos.
- No coletivo toda equipe tem contribuído muito.
- Em mim mudou no sentido de ter mais experiência e participação.
- Em mim vem consolidando o processo de compreensão do mundo e nossas ações nele.
- Em mim mudou a visão, o conhecimento a forma de me expressar.
- No coletivo mudou a minha postura.
- Em mim mudou o modo de me ver como educador e não como diretor.
- No espaço coletivo mudou só a vontade.
- Em mim mudou a forma de ver a sociedade, o nível político.
- No coletivo melhorou o entendimento do outro. Foi bom para me autoavaliar.
- Fez-me mais consciente e comprometida com o efeito multiplicador da PNF.
- Em alguns espaços, o planejamento e execução da formação têm sido feitos em equipe, coisa que não acontecia antes.

Esses depoimentos foram muito significativos, pois representam a visão de lideranças das unidades da federação que compõem a região.

As perguntas orientadoras da sistematização possibilitaram, também, oportunidade para se perguntar e tecer recomendações sobre os sujeitos nos três níveis: ser si, ser junto, ser relação.

Quanto ao empoderamento, procurou-se saber: "O processo formativo desencadeado pela Enfoc proporcionou empoderamento para os educandos e educandas? Por que e como?"

Das diversas escutas efetuadas, tanto durante os módulos quanto posteriormente, pode-se constatar que os educandos e educandas passaram a demonstrar

muito mais segurança em sua atuação nos diversos espaços existentes em seus municípios. Não se verificam apenas os depoimentos, mas as situações que se tem observado em vários embates em que há necessidade de se ter consistência na argumentação para realmente se estabelecer uma relação de poder. Não é o poder para exercer a autoridade, mas o poder em função da apropriação do conhecimento para melhor se posicionar em determinadas situações. Isto tem se dado com jovens que passaram pelos módulos dos cursos regionais e que estão assumindo o papel de liderança em várias instâncias do movimento sindical, motivados pela busca de melhorar a sua prática em função da reflexão feita durante os módulos.

Com relação a esta pergunta orientadora, fizemos mais algumas escutas com companheiros e companheiras que participara da trajetória da Escola e que afirmaram que essa trajetória tem, sim, oportunizado o empoderamento de educandos e educandas.

> Sim. Porque o processo em si, muito rico, e muito bem elaborado, garantiu condição de empoderamento.
>
> Sim, o processo tem proporcionado conhecimentos, através das experiências vividas e relatadas pelas pessoas em seus depoimentos, pois através desta formação cada educando tem maior aprendizado sobre real história do movimento sindical, e qual seu papel frente ao movimento.

O processo formativo promoveu também reflexos sobre os espaços institucionais.

Na Região Centro-Oeste há vários exemplos daqueles que passaram pelos itinerários dos módulos regionais e tiveram uma atuação muito importante durante os módulos estaduais, demonstrando a capacidade multiplicadora e criativa de cada participante. Isso representa um reflexo muito bom, porque demonstra a ressonância da recriação no processo de construção coletiva. Nas Secretarias de Formação dos Estados, particularmente em Mato Grosso e Goiás, foi visível o seu desenvolvimento, que pode ser percebido quando da execução dos módulos estaduais, em que essas duas secretarias tiveram uma presença marcante e acompanharam todos os módulos. Em Mato Grosso do Sul o acompanhamento foi muito intenso, mas especificamente pelo Secretário de Política Agrícola e assessores, uma vez que o Secretário de Organização acumula "a pasta de assalariados e assalariadas rurais", consumindo-lhe muito tempo, o que dificultou o acompanhamento dos módulos. Nesse Estado, foi muito positivo o desempenho dos assessores durante as atividades dos módulos da Enfoc no curso estadual. Eis alguns depoimentos trazidos:

> Sim, através principalmente do interesse do presidente da Fetagri (MT) em viabilizar uma escola de formação no Estado.
>
> Sim, pois está interagindo dentro das Federações, Sindicatos, junto a toda diretoria um maior conhecimento da real história do movimento sindical, onde às vezes nem os próprios diretores tinham tais conhecimento, ajudando também no próprio convívio de trabalho em grupos.

Fator muito importante foi a formação da primeira turma da Escola de Formação da Fetagri/MT (Esfomat).

Os espaços institucionais do MSTTR (outros coletivos e secretarias) estão interagindo com os processos de formação, mas pode haver crescimento nesta interação.

Durante o processo formativo, os secretários de organização e formação, juntamente com assessores

de várias áreas, participam do processo formativo da Enfoc, nos itinerários regionais e estaduais. O que se percebe é que ainda há necessidade de uma maior interação nos processos de formação, mas principalmente nas áreas mais técnicas. Essa necessidade fica evidenciada, dado o pouco conteúdo pedagógico desenvolvido neste segmento. Durante os módulos, entretanto, em função de sua abertura aos vários saberes, observa-se o crescimento do debate sobre temas muito diversos, como sustentabilidade, economia solidária, comércio justo, ética, dentre outros que, até então, não eram trazidos com tanta intensidade.

Os depoimentos quanto à interação nem sempre convergem, como se pode ver a seguir:

> Não é do meu conhecimento se há essa realidade.
>
> Sim, através de escola Estadual de formação.

Quanto aos potenciais e limitações (contradições) evidenciados na recriação dos processos formativos, foi revelado:

A meu ver, e pelo que tenho sentido no momento, existe uma necessidade aflorada, a da organização da produção onde as pessoas estão mais preocupadas em obter renda e o sustento da sua família, em detrimento da possibilidade de estar mais presente frente aos acontecimentos de maneira geral do movimento.
Pelo que sinto frente ao movimento, este processo sofre mais na questão financeira, pois acredito que existe boa vontade da parte de muitas pessoas a participar, porém se emperra na questão finaceira, agora o que fazer? ...criar um fundo específico para formação?

Em relação à articulação entre a vivência nos cursos com a Política Nacional de Formação (PNF) do MSTTR, os depoimentos revelam que houve articulação, mas não mostram a partir de que pontos e temas essa articulação ocorreu.
Não tenho como distinguir algum tema específico, pois todos fizeram e fazem parte dessa ligação, contribuindo para o entendimento do nosso momento hoje, com base nos acontecimentos do passado, da história da luta pela terra e por melhorias das condições de vida no campo.

História do movimento sindical, pois para mim sobre certos acontecimentos nunca antes tinha ouvido falar, ou que já antes tivesse ouvido, de uma forma bem diferente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contato com novos conhecimentos, recursos pedagógicos e pessoas, a integração e a reflexão provocados pelos cursos de formação-político sindical da Enfoc, foram muito significativos para a Região Centro-Oeste, como apontam os depoimentos apresentados anteriormente.

Esse momento, dedicado pela Escola para que os participantes pudessem se envolver mais emocionalmente com sua formação, provocou uma maior cumplicidade entre todos e todas. A afirmação seguinte mostra a importância de se ter o ser humano como foco do processo educativo:

> A educação do futuro deverá ser o ensino primeiro e universal, centrado na condição humana. Estamos na era planetária; uma aventura comum conduz os seres humanos, onde quer que se encontrem. Estes devem reconhecer a diversidade cultural inerente a tudo que é humano. (MORIN, 2000, p. 47).

Em outras atividades da formação fora da escola, verifica-se que o aspecto emocional não tem sido

exposto com tanta força como nos módulos em que são realizados durante os cursos, tanto o nacional quanto os regionais e os estaduais. Esta e uma constatação decorrente também do que se observa em vários momentos de conversas na informalidade com muitas lideranças e assessorias. Essa maneira de proporcionar que as pessoas possam exteriorizar suas emoções, contribui para o processo de humanização dos indivíduos.

Em todos os módulos a participação feminina foi marcante, não apenas em quantidade, mas principalmente contribuindo com experiência de vida sindical e familiar forjada na adversidade e na luta. Dentre as várias contribuições durante os módulos, destaca-se a já costumeira presença com suas poesias, como a de uma companheira muito participativa, que é apresentada na parte introdutória desta publicação.

A juventude a cada momento conquista mais espaços. Na trajetória formativa não tem sido diferente, seja nas atividades lúdicas, seja manifestando o seu inconformismo com determinadas atitudes pouco democráticas de algumas pessoas do movimento.

A necessidade da maior participação de diretores de sindicatos e federações, a fim de que a Política Nacional de Formação seja efetivada com mais vigor em benefício de um melhor desenvolvimento do movimento sindical, foi outra constatação da sistematização.

A priorização das ações de formação da Enfoc para fortalecimento do movimento sindical nos Estados, sem dúvida, deverá continuar ocorrendo.

O trabalho de sistematização exigiu um esforço muito grande por parte daqueles que tiveram a felicidade de participar dessa abertura de um caminho, que, na maioria das vezes não existia, e, quando existia, carecia ser percorrido com atenção. Outras vezes não enxergávamos o caminho. Nesse caso, urgia abrir-se a picada para seguir em frente. Nessa trajetória contamos, inicialmente, com a fabulosa ajuda do saudoso professor João Francisco, que não mostrou o caminho, mas a necessidade de construí-lo, e, posteriormente, com a professora Elza Falkembach que, com humildade e muita sabedoria, compartilha conosco essa fantástica caminhada.

Como diria o professor Mário Sérgio Cortella (2008b), "não ficamos prontos"; que bom que por isso mesmo buscamos ler mais, estudar mais, querendo em vão nos aprontar. Essa busca constante engrandece a todos e todas que participam desse trabalho de sistematização.

Durante os módulos dos cursos regionais observou-se uma maior atenção quanto a alguns temas trabalhados e o aprofundamento dos mesmos. Houve um esforço muito grande da equipe pedagógica e da coordenação da Enfoc para entendimento e sistematização da trajetória.

Pelos depoimentos, percebendo-se a mudança de postura de educador e educadora no que se refere a contribuir com o processo de construção do conhecimento, observa-se que aqueles e aquelas que passaram pelos momentos de formação da Enfoc demonstram hoje uma qualidade muito boa em suas intervenções nos diversos espaços de atuação. Essa constatação tem sido notada não apenas nos diversos eventos do movimento sindical, mas em vários outros espaços de participação política externa.

As místicas, as dinâmicas compartilhadas durante toda a caminhada pedagógica, têm contribuído não apenas com a facilitação da aprendizagem, mas certamente despertaram o desejo de compartilhar conhecimento, a partir de uma visão mais humana e solidária, aliada à promoção individual e coletiva. Certamente, o processo educativo desencadeado pela Enfoc, em 2006, está afetando o modo de ser militante e de desenvolver a prática sindical em diversos âmbitos do MSTTR.

2 Região **Nordeste**

Ana Maria Menezes Rodrigues
Cleide Araujo
Ediane Alves Nascimento
Elaine Maria silva das Neves
Engracia Viviane Rodrigues da Silva
Erbenia Maia da Costa
Evandro Vieira dos Santos
Jose Arnaldo Brito
Joyce Samara de Holanda Maia
Maria Darione David
Maria Rosa de Sousa Rodrigues

Mandala síntese – Curso Nordeste

CARACTERIZAÇÃO DA REGIÃO

A Região Nordeste possui uma área de 1.554.257,004 km², tendo uma população de 51.609.027 habitantes, com 34.377.377 eleitores (dados das eleições de 2008), sendo o segundo maior colégio eleitoral do país, atrás apenas da Região Sudeste. É a terceira região em extensão territorial.

É a região com maior número de Estado do país. São nove Estados: Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Piauí, Pernambuco (incluindo como Distrito Estadual a ilha de Fernando de Noronha e o Arquipélago de São Pedro e São Paulo), Rio Grande do Norte (incluindo a Reserva Biológica Marinha do Atol das Rocas) e Sergipe.

A região, segundo o IBGE, representa quase 30% da população brasileira, sendo a segunda região mais populosa do país, ficando atrás apenas da região Sudeste. Com uma densidade de 32 habitantes por quilômetro quadrado, é a terceira região em densidade demográfica.

O quadro a seguir mostra as unidades federativas da região com suas respectivas informações:

Unidade da Federação	Área (km²)	População	Densidade Demográfica (hab./km²)	IDH
Alagoas	27.767,661	3.050.652	109,9	0,649
Bahia	564.692,669	13.950.146	24,7	0,688
Ceará	148.825,602	8.217.085	52,2	0,700
Maranhão	331.983,293	6.184.538	18,6	0,636
Paraíba	56.439,838	3.623.215	64,2	0,661
Piauí	251.529,186	3.036.290	12,1	0,656
Pernambuco	98.311,616	8.502.603	86,5	0,705
Rio Grande do Norte	52.796,791	3.043.760	57,7	0,705
Sergipe	21.910,348	2.000.738	91,3	0,682
Total	**1.554.257,004**	**51.609.027**		

Fonte: IBGE, 2006; PNUD, 2000.

Para uma melhor compreensão, ao se analisar as características do Nordeste o IBGE considera a seguinte classificação: meio norte (faixa transitória entre a Amazônia e o sertão, parte dos estados de Maranhão e Piauí); Sertão abrangendo todo região do semi-árido (estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Paraíba, Sergipe, Alagoas e Bahia, além da parte norte de Minas Gerais na região sudeste); Agreste Nordestino, área de transição da Zona da Mata ao Sertão (Planalto da Borborema); e Zona da Mata (faixa litorânea do sul da Bahia até o Rio Grande do Norte, área da Mata Atlântica).

Por ser uma região de clima semiárido, embora a caatinga apresente o cacto como reservatório de água salobra, o Nordeste sofre com a escassez de água causada pela estiagem, o que levou muitos nordestinos a se mudarem para outros Estados e regiões. Parte do Estado do Maranhão, entretanto, por estar às margens da Amazônia, não sofre com as adversidades da seca.

O Nordeste é habitado desde a *Pré-História* pelos *povos indígenas do Brasil* que, no início da colonização, realizavam trocas comerciais com *europeus* na forma de extração do *pau-brasil* por outros itens. Foi ao longo do período de colonização, no entanto, que eles foram sendo incorporados ao domínio europeu ou eliminados, devido às constantes disputas contra os senhores de *engenhos*.

A região foi o palco do descobrimento durante o *século 16*. *Portugueses* chegaram em uma expedição no dia *22 de abril* de *1500*, liderados por *Pedro Álvares Cabral*, na atual cidade de *Porto Seguro*, no Estado da *Bahia*. Foi no litoral nordestino que se deu início à primeira atividade econômica do país, a extração do *pau-brasil*. Países como a *França*, que não concordavam com o *Tratado de Tordesilhas*,[1] realizavam constantes ataques ao *litoral* com o objetivo de contrabandear madeira para a *Europa*. Durante o período colonial, no *século 16*, a resistência quilombola se iniciou no *Brasil* com a fuga de *escravos* para o *Quilombo dos Palmares*, na região da serra da Barriga, atual território de *Alagoas*. Nos vários *mocambos* palmarinos chegaram a se reunir mais de 20 mil pessoas. Em *1694* o Macaco, "capital" de Palmares, foi tomado e destruído, e *Zumbi dos Palmares* foi capturado, tendo sua cabeça degolada e exposta em praça pública no *Recife*.

Por estar estrategicamente localizada em um ponto médio do litoral, a cidade de Salvador foi escolhida como a primeira sede do governo geral no Brasil, numa tentativa de centralização do poder para auxiliar as capitanias hereditárias que estavam passando por um momento de crise com a atividade açucareira, que até os dias atuais é a principal atividade agrícola na região.

A grande concentração fundiária, e a desigualdade social, aliadas às adversidades encontradas com a seca no sertão nordestino, têm promovido uma forte expulsão populacional. A migração dos nordestinos teve um impacto muito grande durante as décadas de 60, 70 e 80, quando da expansão das fronteiras agrícolas em outras regiões do país e dos programas

[1] Acordo assinado entre o governo português e o espanhol em 1494, sobre as terras conquistadas. De acordo com o Tratado de Tordesilhas, as terras situadas até 370 léguas a oeste de Cabo Verde pertenciam a Portugal, e as terras a oeste dessa linha pertenciam a Espanha.

COQUEIRO

especiais promovidos pelos sucessivos governos militares.

A concentração fundiária no Nordeste, como na maior parte do país, teve um papel decisivo como dificultador da mobilidade social nessa região. Essa situação pode ser entendida a partir da afirmação:

> A herança colonial sedimentou-se na constituição de um país sustentado originalmente por uma estrutura produtiva vinculada à grande propriedade fundiária, dependente da monocultura para exportação e do trabalho escravo para a produção de riqueza. A sociedade que resultou dessa estrutura produtiva marcada pelo monopólio de terras e controle puramente coercitivo da mão-de-obra, muito dificilmente seria outra que não a de uma hierarquia social e econômica muito excludente (POCHMANN et al., 2004, p. 31).

Caminhar no sentido de reverter a situação precária que se encontra grande parte da população nordestina, é tarefa das mais difíceis para os vários governos, haja vista essa herança que os colonizadores nos deixaram e os sucessivos governos fizeram questão de acentuar.

O movimento de emigração tradicional do Nordeste tem se reduzido ao longo dos anos. Conforme pode-se observar em estudos da Universidade de Campinas (Unicamp), os Estados do Ceará, Paraíba, Sergipe e Rio Grande do Norte receberam mais migrantes entre 1999 e 2004 do que enviaram para outras regiões. O Estado da Paraíba, segundo a mesma pesquisa, foi o exemplo mais radical da transformação, porque tem passado os padrões migratórios na região, onde houve uma inversão do saldo negativo de 61 mil pessoas para um saldo positivo de 41 mil. Em todos os outros Estados que continuam a contar com um saldo negativo, o número de migrantes diminuiu no mesmo período analisado: no Maranhão, diminuiu de 173 mil para 77 mil; em Pernambuco, de 115 mil para 24 mil; e na Bahia, de 267 mil para 84 mil.

No contexto das lutas pré-sindicais, o nordeste foi cenário de intensas movimentações, chegando a vivenciar experiencias por uma sociedade igualitária, como é o caso de Canudos, no sertão baiano; de Caldeirão, na Chapada do Araripe, no Ceará; e dos Quilombos dos Palmares em Alagoas.

As Ligas Camponesas, a Ação Popular, o 1º Congresso dos Trabalhadores na Lavoura (1961) foram algumas das formas de organização anteriores ao MSTTR, gestadas pela classe trabalhadora no campo, que tiveram a região nordeste como palco principal dessa articulação.

Atualmente a região está organizada em nove Federações Estaduais de Trabalhadores na Agricultura que representam cerca de 40% de todos os Sindicatos de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais do país. Dentre as bandeiras de lutas estão: as campanhas salariais; a luta pela terra; a construção de alternativas de convivência com o semi-árido; a organização da produção da agricultura familiar; e a intervenção junto às políticas públicas.

Alguns dos projetos mais expressivos na região, resultaram dessas bandeiras a exemplo do Projeto

Dom Helder, do Projeto 1 milhão de Cisternas de Placas, e da Articulação Semiárido. Este ultimo constitui-se, atualmente com dinâmica própria contribuindo no desenvolvimento de políticas voltadas para o semi-árido nordestino.

No campo do fortalecimento da organização dos trabalhadores camponeses, destaque para as mulheres e para a juventude trabalhadora rural, que somando às demais regiões, mobiliza grandes manifestações nacionais.

INTRODUÇÃO

O texto que apresentamos trata do processo de formação sindical desenvolvido pela Escola Nacional de Formação da Contag (Enfoc) no período de 2006 a 2009, sob a ótica da Região Nordeste.

Vivenciamos um processo de formação composto por três módulos de sete dias cada, realizados de forma descentralizada em três Estados do Nordeste, a saber: I Módulo – Natal (RN), II Módulo – Aracaju (SE) e III Módulo – São Luís (MA). Em cada módulo tivemos a oportunidade de nos debruçar sobre temáticas diferenciadas e articuladas entre si. Assim, no primeiro módulo estudamos a temática "Estado, Sociedade e Ideologia"; no segundo, "História, Concepção e Prática Sindical" e, no terceiro, "Desenvolvimento Rural Sustentável". Em cada módulo vivenciamos um jeito novo de fazer e saborear a construção do conhecimento.

Encontraremos aqui relatos dos educadores e educadoras que vivenciaram o processo formativo do I Curso Regional do Nordeste da Escola Nacional de Formação da Contag – Enfoc.

A ideia de registrar a vivência nasceu da necessidade de conhecer a nossa própria história (foi marcante a falta de registros nos processos formativos, desde as diversas fases de construção dos cursos, formas a eles atribuídas, métodos, estratégias).

Nesse processo formativo, a leitura e a releitura, a análise e a discussão sobre os elementos que cada um dos educandos, educandas, educadores e educadoras trazem consigo (ideológicos, culturais, sociais, políticos, econômicos e afetivos), se tornam importantes para a transformação das realidades locais, territoriais e regionais.

O processo de sistematização dentro da proposta da Enfoc, oportuniza olhares diferenciados sobre a realidade do MSTTR, suas práticas, sua estrutura e os sujeitos que o constitui.

"**A Picada**", eixo temático da sistematização do processo formativo, ou seja, caminho escolhido para provocar os sujeitos a refletirem sobre: "*O que mudou em mim enquanto educador(a) do MSTTR e o que mudou no espaço de minha atuação militante*", fez com que as pessoas narrassem o processo vivenciado e externassem seus sentimentos sobre o mesmo, tendo um olhar voltado para o nosso universo sindical, nossas práticas e relações.

Com essa picada em mente, fomos encontrando formas e jeitos de fazer brotar das pessoas que participaram do processo formativo o que sentiam em relação à vivência. Entre as diversas formas de fazer, buscaram-se alternativas para se conseguir dar voz ao maior número de pessoas possível – a polifonia – tais como: cartas, oficinas de escuta, trocas de e-mails e conversas pelos corredores das Federações.

A diversidade de recursos usados para possibilitar às pessoas a falarem de seus sentimentos, tinha um objetivo claro, valorizar a polifonia, afinal, nada mais rico e significativo do que ter um material formativo

e informativo feito a partir das falas das pessoas que participaram deste processo.

A picada aberta e percorrida nos possibilitou falar da vivência, escolhendo um caminho para percorrê-la, observá-la e narrá-la, com um eixo temático para que se entenda bem o que foi feito. O texto está estruturado da seguinte forma:

1. *Passagem do Curso Nacional para o Curso Regional* – neste item, fazemos um breve relato de como foi finalizar uma vivência no curso nacional e a ansiedade de vivenciar o curso regional.
2. *Oficina de Autoformação* – aqui, abordamos como foi preparar os módulos do curso regional, as dificuldades encontradas, as angústias e a riqueza de aprender a fazer fazendo a construção do curso.
3. *Recriação metodológica da oficina – significado da oficina de autoformação no processo formativo* – ressaltamos aqui a importância de recriar metodologias que possibilitem a construção do conhecimento de modo a atender à necessidade de ensino e aprendizagem requerida por cada módulo do curso de formação e das oficinas de autoformação, que contribuem para que os objetivos propostos por cada módulo do curso sejam atingidos.
4. *Recriação metodológica dos módulos regionais* – falamos da experiência de criar e recriar metodologias que favoreçam a construção coletiva do conhecimento e possibilitam a realização do curso com participação.
5. *Conflitos* – aqui buscamos evidenciar os conflitos que houve no decorrer da realização do curso e como estes foram significativos para a quebra de paradigmas e para a reconstrução e construção de novos.
6. *Matriz Pedagógica* – abordamos neste item a importância das temáticas trabalhadas em cada módulo do curso e como elas foram significativas para os(as) participantes, possibilitando a reflexão permanente sobre os conteúdos vivenciados, a vida e ação sindical de todas as pessoas envolvidas no processo formativo.
7. *Grupo de Estudos Sindicais – GES e Rede de Educadores(as)* – aqui contamos como foi constituída a rede de educadores(as) do movimento sindical de trabalhadores(as) rurais e o que entendemos por rede. Abordamos, também, os sentimentos que nortearam essa constituição e como ela foi se fortalecendo, bem como o significado e importância do GES e sua operacionalização nos Estados.

Fruto de um sonho que foi realizado coletivamente, este registro marca a nossa passagem pelo primeiro curso de Formação Político Sindical no Nordeste à luz da Política Nacional de Formação (PNF) e orientada pelo Projeto Político Pedagógico (PPP) do MSTTR.

Assim, esperamos que este documento permita perceber como a Escola Nacional de Formação da Contag se consolida, fortalecendo a ação sindical e seu objetivo de transformação política e forjando um sindicalismo docente. O conhecimento coletivamente construído permite repensar o passado, compreender o presente e projetar o futuro, de modo a possibilitar um movimento sindical mais participativo, democrático, justo e solidário; um sindicalismo que luta pela melhoria da qualidade de vida dos(as) trabalhadores(as) rurais.

CURSO NACIONAL E PASSAGEM PARA O REGIONAL

O curso nacional da Enfoc é desenvolvido por meio de dois módulos com duração de 12 dias cada. O primeiro Curso Nacional, realizado no período de 14 a 25 de agosto de 2006, foi estruturado em duas Unidades. A primeira tratou como eixo temático

Estado, Sociedade e Ideologia, o qual teve como objetivo situar a origem e evolução do Estado ao longo da história da humanidade, compreendendo a relação entre as referidas temáticas e suas implicações para a classe trabalhadora no campo e também como o Estado e Ideologia produzem e reproduzem relações desiguais.

A segunda Unidade discorreu sobre História, Concepções, Estrutura e Prática Sindical, propondo-se a resgatar o processo de construção e formas de organização das classes trabalhadoras com o advento da Revolução Industrial na Europa e as transformações no Brasil. Outra pretensão era o favorecimento da compreensão do papel do sindicalismo no contexto histórico enquanto meio de transformação social.

O segundo módulo do curso nacional aconteceu no período de 6 a 17 de novembro de 2006, tendo como eixo temático Desenvolvimento Rural Sustentável – Concepções, Desafios e Perspectivas, objetivando explicitar as concepções de desenvolvimento e evidenciando as principais matrizes: sociais, políticas, culturais, produtivas e ideológicas.

Este módulo buscou garantir a socialização da trajetória histórica do MSTTR na construção do desenvolvimento rural sustentável e solidário, por intermédio do resgate histórico e do referencial teórico do nosso Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário – PADRSS.

Entre o primeiro e o segundo módulo foram estabelecidas duas tarefas intermódulos, desenvolvidas no tempo-comunidade. Na primeira teríamos que socializar com o conjunto das federações a estratégia da escola; a segunda era para que fizéssemos um olhar crítico para os processos eleitorais nos Estados. Essas tarefas se dirigiam a aproximar a prática da teoria.

Sentir como as federações receberiam essa nova proposta de fazer formação foi muito importante para o fortalecimento da Enfoc e para a garantia da continuidade dessa proposta, pois, apesar de a criação da Escola ter passado por uma decisão congressual, a receptividade do seu "experimento" era fundamental para o sucesso dessa estratégia.

O ano de 2006, marcado pelo processo eleitoral nos Estados e no país, trazia para o segundo módulo a necessidade de olhar como esse contexto se relacionava com um projeto alternativo, quais as opções tomadas pelo MSTTR quanto a esse projeto e quais as perspectivas e implicações disso para o fortalecimento de uma proposta de Desenvolvimento Sustentável e Solidário, inclusive avançando na instituição do PADRSS.

A diversidade regional da turma que se constituiu neste primeiro Curso Nacional merece destaque, pois, veio a enriquecer o espaço de construção do conhecimento. A partir das diferenças foi sendo despertada a curiosidade em conhecer a realidade de vida e de trabalho, os sabores, descobrir os temperos, sentir o ritmo uns dos outros. Em uma sincronia coletiva desconstruímos (pré) conceitos construídos historicamente no Brasil.

Ao final da Etapa Nacional levamos na bagagem a certeza de que iríamos para as nossas regiões com o compromisso de cada educador(a) multiplicar criativamente os conhecimentos e aprendizados, além de partir com a certeza da saudade e o desejo de um reencontro.

> ..."Não escolhemos a ENFOC, foi a ENFOC que nos escolheu. Nem parecia uma sala de aula. Tinha debates acalorados, momentos de reflexão, momentos de alegria"...

OFICINA DE AUTOFORMAÇÃO

As oficinas de preparação do curso regional inicialmente foram pensadas como espaços de planejamento e preparação dos módulos regionais. Com o processo de discussão e de definição de papéis para os (as) educadores(as)[2] as oficinas passaram a ser definidas como espaços autoformativos.

A redefinição do caráter da oficina se deu a partir da necessidade de resgatar os conteúdos abordados e buscar novas formas de construção metodológica do curso regional, de modo a proporcionar aos educadores(as) a apropriação do conhecimento com a realização do módulo.

A oficina configurou-se, assim, em um espaço formativo, pois, além da construção do módulo, preparava os educadores(as) para a realização da multiplicação criativa dos cursos nos Estados.

Assim, durante o processo de vivência dos módulos, gradativamente os educadores(as) foram se apropriando dessa atribuição, "aprendendo a fazer fazendo" cada atividade idealizada para a realização do curso regional. Preparar um curso composto por três módulos formativos com eixos temáticos diferentes entre si, mas interligados, não é algo simples, requer da equipe que o prepara clareza no que quer fazer e certeza no formato que os módulos do curso vão ter.

> A decisão consciente dos educandos e educandas que participaram das oficinas de autoformação, de dividir a responsabilidade, foi o que nos levou a uma recriação metodológica. Foi um processo intencional, que envolveu a troca de conhecimento, com objetivos em comum e de modos de realizá-los. Uma metodologia que articula prática e teoria, ação e conhecimento numa combinação dinâmica e criativa de ação e reflexão, de prática e teoria. E deu certo.

Uma oficina de autoformação nos possibilita pensar temas, metodologias e técnicas que facilitem a construção do conhecimento de forma leve, didática e envolvente, em que todos(as) que vivenciaram a experiência como educandos (as) possam confirmar, por meio dos cursos regionais, que não era apenas mais um curso; havia ali explícito um compromisso de garantir a realização experimentando novas formas de fazer, pondo em prática o nosso acúmulo nessa caminhada. Agora perceber-se que a formação política e ideológica desenvolvida pela Enfoc, permite um olhar para nós mesmos; que nada é por acaso, ou seja, que tudo tem uma intencionalidade e, além disto, a transformação é possível.

Percebemos que nossa caminhada estava apenas começando e que a oficina de autoformação era um espaço riquíssimo para pôr em prática nossas habilidades em planejar, organizar e executar um curso envolvente e dinâmico. Tudo isso foi muito desafiador e enriqueceu a nossa prática.

Agora, não era mais a visão de mundo ou de país; o Nordeste era o foco, e devíamos trabalhar os mesmos

[2] Os papéis que estamos nos referindo aqui estão relacionados ao de ser educando(a) e educador(as) nos processos formativos vivenciados.

eixos temáticos do curso nacional, porém com conteúdos que melhor expressassem o Nordeste e a diversidade dos seus nove Estados.

A responsabilidade de construir os módulos regionais seria, então, deste grupo, composto pelos(as) educadores(as) que passaram pelo curso nacional. Inicialmente foi preciso fazer um trabalho de rememorização dos módulos, percorrendo todo o caminho na vivência nacional e refletindo sobre os erros e acertos.

Ainda era um momento de insegurança, medo de errar. Sabíamos que era um grande desafio para ampliar a rede de educadores (as) da Enfoc que o curso fosse atrativo, convidativo, para que todos quisessem continuar nos próximos módulos. Isso daria consistência à rede de educadores(as) do Nordeste.

A oficina de autoformação configurou-se num espaço fértil de aprendizado, pois servia para avaliar o módulo vivenciado, refletir sobre as lacunas deixadas e, com isso, projetar o redimensionamento das ações previstas para cada módulo do curso, de modo a atender os objetivos propostos e o preenchimento de maior número de brechas possíveis, garantindo a qualidade do curso e a satisfação dos(as) educandos(as) com o resultado alcançado.

Estas oficinas foram atividades-meio, que demandaram reflexão permanente sobre tudo o que estava sendo desenhado e realizado no processo de multiplicação criativa e dos Grupos de Estudos Sindicais – GES – olhando para a questão metodológica e recursos didáticos necessários.

Na oficina de autoformação tivemos a oportunidade de construir o conhecimento escolhendo as estratégias metodológicas para ensinar e aprender. Estas estratégias possibilitaram o desenvolvimento das habilidades e valores, de forma a contribuir com o processo de ensino e aprendizagem a partir dos saberes que cada um(a) traz consigo, elevando a autoestima dos(as) educadores(as), reafirmando o sentimento de pertencimento e proporcionando novas formas de atuação no dia a dia da vida sindical.

Na primeira oficina houve uma preocupação maior com a construção do módulo propriamente dito do que com o caráter autoformativo. Ali, foi incorporado o papel de educador(a), responsável pela construção e condução dos três módulos regionais.

Havia um entendimento de que os educadores(as) formados pela primeira turma nacional iriam conduzir os módulos regionais, tão responsáveis pela condução quanto pela construção do módulo, embora em alguns momentos ainda fosse conflituoso o ser educador(a) e educando(a).

As inquietações iam se resolvendo no momento em que se conseguia assumir que muitas perguntas nesta nova experiência, neste novo jeito de fazer formação político-ideológica, só teriam respostas com o tempo, e algumas destas respostas só foram obtidas com o fazer.

Com as experiências adquiridas no planejamento da matriz pedagógica do I módulo do curso e de sua realização em Natal, o grupo de educadores(as) voltou para a segunda oficina que aconteceu no período de 28 a 30 de agosto de 2007, compreendendo que mais do que construir um módulo formativo, era preciso refletir sobre o seu significado e verificar se o que estava sendo proposto dialogava com os objetivos estabelecidos e, sobretudo entendendo melhor nosso papel de educador(a) e educando(a) em momentos diferenciados.

A II oficina possibilitou refletir sobre o nosso papel durante o processo formativo nos módulos regionais e

nos fez perceber que éramos também construtores(as) do processo e responsáveis pela sua realização com todos seus erros e acertos.

As inquietações[3] dirigidas para a equipe pedagógica da Enfoc depois do primeiro módulo, levaram os(as) construtores(as) a rever o que tinha acontecido e a refletir quanto ao papel dos diferentes sujeitos, ou seja, quem éramos no curso e como iríamos contribuir.

Após todo esse debate e entendimento de que éramos ao mesmo tempo educadores(as) e educandos(as) foi possível construir um II módulo mais participativo, com tarefas e papéis bem-definidos.

Dessa forma, o segundo módulo, que aconteceu em Sergipe, teve outra integração; foi menos conflituoso, pois buscamos, em virtude do processo de sua construção, o preenchimento das lacunas deixadas pelo módulo anterior e a integração entre os(as) participantes do curso.

Com a realização deste II módulo, saímos mais animados (as) para a terceira oficina, embora estivéssemos entendendo que ainda tínhamos muito por construir e obstáculos a serem superados.

Na terceira e última oficina o desafio foi grande, pois não teríamos outra oportunidade para suprir possíveis brechas. Esta oficina foi marcada pelo desafio de preencher as lacunas deixadas e, a partir da conclusão do curso, iríamos preparar a realização dos estaduais e sensibilizar para a constituição dos grupos de estudos sindicais – GES.

Tudo isso só foi possível porque ao longo do processo de construção, realização e avaliação dos módulos do curso, fomos (re)inventando formas e jeitos de fazê-lo acontecer.

[3] Estas inquietações eram referentes à definição de nosso papel na construção e vivência dos módulos, ou seja, em que momento éramos educandos(as) e em que momento éramos educadores(as).

Criamos as oficinas literárias e utilizamos os diálogos pedagógicos, as sessões de cinemas, as mandalas do saber e as oficinas de oficina, como estratégia pedagógica para possibilitar a construção do conhecimento de forma leve, envolvente, atrativa e mais adequada aos educandos e educandas, objetivando atingir os objetivos propostos.

A criação e recriação de caminhos para promover a construção do conhecimento requer de quem conduz o processo formativo, sensibilidade para (re) planejar o caminho de modo a favorecer o êxito nas ações propostas.

Um curso como o da Enfoc, não pode e nem deve ficar engessado em uma matriz pedagógica. Ele deve favorecer a mudança de estratégia na sua execução sempre que se julgar necessário e o contexto de sua realização pedir os ajustes metodológicos.

MÓDULOS REGIONAIS

A Enfoc é um espaço onde a diversidade é um elemento enriquecedor e, ao mesmo tempo, desafiador. Temos pessoas dos diversos Estados do Nordeste, de várias gerações, de todas as raças, cores e religiosidades. Além das condições econômicas, sociais e de formação diferentes, é nesse universo que se constitui este espaço formativo.

• Recriação Metodológica

Para contemplar tanta diversidade tivemos que fazer algumas opções que nos permitissem acolher as diferenças, isso porque os nossos objetivos de favorecer a emancipação dos sujeitos, transformar sua prática e a sua realidade, a partir da identidade de

classe, não seriam alcançados se não tivéssemos o cuidado de escolher o caminho pelo qual esse alcance se daria.

Assim, vemos na Educação Popular, no marxismo e no novo sindicalismo, fundamentos que embasam os princípios da Enfoc. Ainda procuramos para o nosso fazer educativo contribuições da Pedagogia da Alternância.

A Educação Popular vai nos desafiar todo tempo a ouvir para além do que é dito com as palavras, exercitar o sentir, considerar a história de vida de cada sujeito, os diferentes saberes. Nesse sentido, Freire (1970) considera a Educação Popular uma teoria de conhecimento, com metodologias incentivadoras à participação e ao empoderamento das pessoas, orientada para uma política de transformação social que liberta o ser humano e gerando, assim, liberdade, justiça, igualdade e felicidade.

Acreditamos que o alcance desses sentimentos, que verdadeiramente transformam, passa pela formação, que nos ajuda a mudar e a refletir sobre o tão citado "ser si, ser junto e ser relação" (Falkembach, 2006.) Quanto às demais contribuições podemos citar: do marxismo, especialmente a abordagem dialética do processo educativo; do novo sindicalismo, a autonomia de criação dos processos formativos e organizativos, e da Pedagogia da Alternância, a relação tempo-escola e tempo-comunidade.

A organização da escola estabelece dois tempos formativos: o tempo-escola e o tempo-comunidade.

O tempo-escola é formado pelos cursos nacional, regional e estadual com o objetivo de contribuir para a formação de militantes do MSTTR, aprimorando seus conhecimentos, suas habilidades e capacidades para desenvolver a luta sindical e fortalecer a organização dos trabalhadores(as) rurais e as oficinas de autoformação buscando aprofundar questões metodológicas (concepção, conceitos e didática), organizar e elaborar, recriando o processo formativo, fazer avaliação, aprofundar temas relevantes do processo formativo e potencializar a sistematização da experiência da escola.

O tempo-comunidade é o tempo relativo às atividades intermódulos que buscam experimentar instrumentos investigativos, dialogar com o cotidiano sindical e refletir sobre as necessidades, limites, potencialidades e desafios da ação sindical em relação à luta, organização e formação sindical. Integrando o tempo-comunidade, temos ainda a constituição dos GES (por egressos da escola), que irá propiciar a expansão do processo formativo nas bases sindicais. O GES tem o objetivo de contribuir para uma visão crítica dos trabalhadores e trabalhadoras sobre a realidade em que vivem e favorecer conhecimento sobre o PADRSS, com políticas que promovam a inclusão social e o desenvolvimento da comunidade.

> "As atividades dos intermódulos eram uma extensão da Enfoc. A gente fazia o dever de casa sabendo que seria aproveitado por todo mundo, e nossas diferenças e semelhanças enriqueciam o processo."

> "À medida que íamos passando pelos módulos (e temas), estudando e discutindo no conjunto, apontando novos caminhos e aprendendo novas formas, experimentando novos métodos e instrumentos; tudo isso favoreceu o empoderamento".

> "Paulo Freire deve estar vibrando onde ele estiver, por perceber que tem vida eterna, enquanto a Enfoc existir. Eu penso assim, vida eterna é permanecer vivo na história, na vida das pessoas, como Freire está."

"As reflexões eram feitas, elas entranharam na gente e só hoje com a oportunidade de reviver esse processo pela sistematização, percebemos que muita coisa ficou, realizamos um verdadeiro aprendizado significativo. A gente percebe o efeito da metodologia exatamente quando conseguimos fazer essa reflexão, de que você não passou simplesmente pelo processo, que ele continua em você, transcende em sua vida, e é isso que faz uma metodologia ser eficiente".

Os fundamentos que deram base aos princípios da Enfoc, porém, não dariam conta se não tivéssemos nas oficinas de construção dos módulos a iniciativa de buscar pessoas que complementassem o processo com suas metodologias e formas que nos ajudariam a aprender prazerosamente. Mapas mentais, cirandas de visitas, roda de conversa, mandalas, diálogos pedagógicos, foram alguns dos instrumentos metodológicos escolhidos para termos sempre um espaço de aprendizado circular e democrático.

"Os mapas mentais, sobretudo na organização do pensamento a partir das discussões após a explanação dos temas correlacionados. O sentimento contagiante na emoção das falas dos e das companheiros(as)".

"A gente tinha uma roda de leitura muito seca e depois a gente foi recriando, sempre tinha algo que reinventávamos".

"A forma como foi conduzida a Enfoc, era prazerosa estar ali, muito intenso mas tudo era simples de compreender, as rodas de leituras, filmes, a formação das equipes nos fazia sentir protagonistas daquele momento. Eu diria que todas, sendo que a "Linha do tempo" e a "Mandala" foram mais fortes".

"Elementos metodológicos inovadores como as Mandalas, as linha do tempo, resgate da história do MSTTR, a sistematização e a formação orientada em rede através da Enfoc nacional, regionais e estaduais, além dos GES. Este novo modo de fazer formação é muito mais eficiente e abrangente".

Esse jeito vivo de aprender despertou em nós um grande interesse. Além de vivenciarmos, queríamos aprender a fazer, a ponto de termos uma oficina de Oficina e uma oficina de Linha do Tempo, tudo para suprir nossa vontade de provocar em outras pessoas o que estava sendo despertado em nós.

"O terceiro módulo teve um sabor especial, as oficinas de oficina, a oficina de linha do tempo foram partes importantes, onde entendemos como se constrói instrumentos metodológicos significativos, vivenciados e utilizados no processo. Assim tivemos mais segurança para trabalhar em nossas multiplicações criativas".

"Nas oficinas aprendemos brincando, aprendemos com prazer, também por ser uma atividade livre nas noites. Aprendemos saboreando e o gosto foi muito bom".

Após o processo nacional, como já adiantamos, iniciamos o itinerário regional da Enfoc, e uma das necessidades era exatamente dar identidade e rosto aos módulos regionais. Foram pensados, então, alguns elementos que definissem esse lugar como o Nordeste. Assim, tivemos o café cultural, que foi uma das primeiras atividades no primeiro módulo, um momento com a farta culinária regional, regada a um típico forró.

"O café tinha o objetivo de aproximar as pessoas, fazer as pessoas se conhecerem. Esse foi o primeiro encontro dos dois grupos, a equipe nacional, que já se conhecia e as outras pessoas da equipe regional".

"Para implementar o café, tivemos o forró, com a mistura de sabor e ritmo, a cara do NE".

"...e eu que sou do Estado, não sabia que havia uma equipe que pensou tudo aquilo".

"Aconteceu o café cultural, que não foi muito proveitoso pelo fato das pessoas ainda não se conhecerem".

A Oficina Literária foi outro elemento. Nela foram utilizados textos de autores nordestinos como Graciliano Ramos, Luiz Gonzaga, Patativa do Assaré, quando fomos motivados a conhecer melhor a nossa identidade por intermédio dessas obras, traçando paralelos de nossa realidade com o estudo de relações de trabalho, modos de produção e convivência com a diversidade ambiental, trazidos por esses maravilhosos autores.

"A oficina de leitura com Vidas Secas de Graciliano Ramos, despertou na gente essa identidade nordestina. Eu, em especial, porque sou da Zona da Mata, sul da Bahia. Lá a gente não se sente nordestina, porque quando se fala em NE a imagem é sempre a seca, chão rachado, e isso não era meu, acho que por isso eu não tinha refletido sobre esse sentimento de pertencimento. Foi ao conhecer e ouvir as pessoas que veio despertar em mim que sou nordestina e, mesmo com a realidade um pouco diferente, me inseri nessa identidade. Imagino que como eu muita gente pensa assim".

"Durante este modulo pude viajar no tempo, refletir sobre a construção de nossa identidade camponesa, sobre a identidade individual de ser homem, ser mulher assim como nossa identidade coletiva – que nos une – enquanto categoria."

Na amostra cultural dos Estados nos foi dada a oportunidade de vivenciarmos e refletirmos a resistência a partir da cultura (dança, cordel, música, símbolos da cultura, artesanatos, culinária) e a alegria de ser nordestino(a).

"No segundo e no terceiro módulo, foi muito forte a apresentação cultural dos Estados. Vimos as semelhanças, nas cores, na alegria, na criatividade e nos sabores, como também a diversidade."

Ainda utilizamos apresentação de testemunhos de vida, filmes, interpretação de músicas, teatro, programa de rádio e tudo o mais que nossa criatividade pode gerar como alternativa de aprendizado e prazer.

"Os depoimentos dos personagens históricos que fizeram parte da construção do movimento sindical na época da ditadura, nos trouxe uma história viva, fácil de sentir que fazemos parte dela".

"Mas o que mais me chamou atenção foi a história contada de uma outra forma daquilo que eu vi na escola, daquilo que eu vi na universidade e contada por pessoas, que viveram. Então é muito melhor você escutar as pessoas que viveram, do que simplesmente você ir num livro e ler aquela história. Uma boa contribuição na Enfoc dentre os temas, foi priorizar a história contada pelos próprios sujeitos que viveram, e em vários momentos nós tivemos isso, principalmente na história do movimento sindical, na história das mulheres, da ditadura militar, nos relatos de vida das pessoas mesmo que viveram isso".

"E a riqueza desses instrumentos, cada caderno, cartilha, cada ficha pedagógica, cada "Power-point", cada mapa mental, caderno de música, seja construída no nacional, no regional, no estadual, a gente carrega com muito carinho, com muito zelo".

"Percebemos mais uma vez, que aquilo que marca é a prática, o lúdico".

"O que marcou realmente foi esse lado lúdico; se divertindo, cantando, interpretando ou fazendo poesia a gente também aprende, e os trabalhos foram um momento de grande aprendizado, que era lá onde a gente mais debatia, onde mais tinha oportunidade de falar, na sala de aula tinham mais de cem pessoas, então nem sempre todos conseguiam falar, e os trabalhos eram a

> oportunidade, era realmente ali onde a aprendizagem realmente acontecia, de forma que você aprendendo você também ensina".

Um elemento que merece lugar bem especial nesse processo é a mística. Um tanto diferente do que nos diz Ferreira (2004): "s.f. Estudo das coisas divinas e espirituais; devoção religiosa. / P. ext. Crença fanática em uma idéia, doutrina, pessoa. / Carisma". Acreditamos que mística ultrapassa a religiosidade instituída. Para nós ela permite que as pessoas se aproximem de si, dos seus processos, revela as identidades individuais, tem o poder de acolher o diferente, o especial, acreditamos, por favorecer o ouvir simplesmente, o que não é tão simples, ouvir sem intervir permitindo o tempo para reflexão.

Na mística as pessoas se abrem e são acolhidas como são e com o que trazem; é o espaço que revela o caminho que foi feito para sermos o que somos e estarmos onde estamos. Favorece entrar por inteiro nos espaços e nas reflexões.

> "Incluo também o espaço dedicado à mística, que possibilita um 'mergulho' interior e pessoal para sensibilizar o novo e para humanizar as relações."

Esse processo de resgate da mística no MSTTR não é tão simples; enfrenta algumas resistências de pessoas que pensam que um momento como esse é perder tempo, que estaríamos produzindo mais se fôssemos direto ao assunto. Não nos cabe aqui julgar; sabemos que tudo é processo; que a Educação Bancária, como afirma Freire (1970), não exige a consciência crítica do educador(a) e do educando(a), assim como o conhecimento não desvela os "porquês" do que se pretende saber. E a mística, nesse contexto, se contrapõe a esse tipo de educação, propondo a inserção das pessoas enquanto sujeitos do seu próprio aprendizado, que parte da realidade concreta do homem e este reconhece o seu caráter histórico e transformador.

A partir desse referencial, a Enfoc embarca nesse universo de libertação, de sonho de um outro mundo possível, da real instituição do PADRSS e usa a mística como alimento para nutrir e aproximar as utopias do cotidiano no MSTTR.

> A reconstrução da mística de mudança social, passando pela retomada de referenciais teórico-político, por uma retrospectiva crítica das lutas e, pela reinvenção de uso de símbolos, gestos, e comportamentos que ajudem a revitalizar o horizonte utópico, combinando o sonho numa sociedade nova – igualitária, solidária e democrática – com o compromisso de contribuir com sua construção desde agora, engajando-se na luta contra o atual projeto capitalista (PNF, 2008, p. 32).

Percebemos que verdadeiramente alcançamos os resultados esperados dando lugar à subjetividade, ouvindo o que é dito até mesmo com o silêncio e com outras linguagens não verbais, em que cabe a simultaneidade e os mistérios das pessoas.

> "Sentia-me surpresa pela importância dada aos símbolos, à música, à subjetividade. Os momentos de animação que nunca tinha vivido em outros espaços formativos."

> "Mística era algo estranho, não fazia parte de minha prática, nem vivência. Até aqui pra mim, formação era aqueles cursos que a gente tinha que saber de tudo que ia falar, aquela educação bancária mesmo. Só hoje é que compreendemos que a mística perpassou todos os momentos do processo. Na época causava estranheza, e questionávamos: pra que isso?"

> "Outra coisa que chamou muita atenção foi a parte das místicas, eu me considero uma pessoa muito tímida, teve momentos que tive que me jogar e eu continuo me jogando, [...], a gente tem que se jogar porque a gente precisa colocar na prática o que a gente está vivenciando.

A metodologia, como nos traz a PNF, é a espinha dorsal desse processo de formação sindical. O jeito de fazer, de valorizar e aproximar todos os saberes existentes, de incentivar e valorizar a participação, foi o que marcou.

> "Durante todo o itinerário os(as) educandos(as) foram convidados a participar de todos os momentos, desde a criação de uma banda de música para animar e motivar a turma, a comissão de avaliação que, por conta do seu trabalho, por algumas vezes a metodologia pensada para abordar um tema teve que ser repensada até mesmo nas exposições dos(as) colaboradores(as). Nós podíamos intervir sempre que julgássemos necessário".

> "...perceber o espaço rico onde estávamos e perceber tudo isso dentro de nós. "

> "Então veio a Enfoc e novamente aquele sentimento – o que estou fazendo aqui? – assuntos novos, assuntos que eu já conhecia, mas transmitidos de uma maneira nova, diferente. Trabalhos em grupo, místicas dinâmicas. Muita coisa nova? Sim. Porém esclarecedoras, não apenas para matar o tempo como é de costume nas dinâmicas que a gente vê em outros lugares".

> "As coisas foram planejadas, e levei um tempo para perceber que tudo era ligado, existiram passos a serem dados, a metodologia permitia recriar e criar os fatos sem fugir do foco."

• Conflitos

> "Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre" (Freire, ano).

Em todo momento nesse processo formativo há o encontro das diferenças culturais, étnicas, regionais, de ideias, de tempos e formação escolar. Esse espaço diverso possibilitou, o que Paulo Freire (1992) conceitua de "conflitos não antagônicos", aqueles que podem ser identificados no interior de uma mesma classe social, cuja explicitação pode atuar no sentido de provocação de debates sobre as diferenças. Desse modo, a Enfoc proporcionou que pessoas diferentes se conhecessem e construíssem novos saberes, sem que, para isso, subjugassem o conhecimento do outro.

Dessa forma, Freire (1992) destaca que nessa dinâmica de tentativa de relação e compreensão do outro, do diferente, pode existir conflitos. Assim, numa construção coletiva não é possível eliminar as tensões que marcam as relações humanas. Essas tensões são inevitáveis, no entanto o que vai determiná-las é a forma como elas se dão e como são trabalhadas, como bem explica Freire:

> É a tensão a que se expõe por ser diferentes, nas relações democráticas em que se promovem. É a tensão de que não podem fugir por se acharem construindo, criando, produzindo a cada passo a própria multiculturalidade que jamais estará pronto e acabado. A tensão, neste caso, portanto é a do **inacabamento** que se assume como razão de ser da própria procura e de **conflitos não antagônicos**, não o criado pelo medo, pela prepotência, pelo "cansaço existencial", pela "anestesia histórica" ou pela vingança que explode, pela desesperação ante a injustiça que parece perpetuar-se (1992, p. 156).

Assim, podemos dizer que o conflito na obra de Freire é fundamental para o diálogo, ou "ação dialógica". É o diálogo entre diferentes que promove a construção do conhecimento.

Usando como referência o conceito de conflito trazido por Freire, podemos afirmar que uma das características importantes da Enfoc regional foram os conflitos provocados pelos diferentes sujeitos do processo formativo.

Um desses conflitos diz respeito à variação de grau de escolaridade existente na Enfoc, pessoas com diversos níveis de formação, desde o Ensino Fundamental até Pós-Graduação e nas mais diversas áreas de conhecimento. Essa relação nos levou a exercer o que Freire (1996) conceitua como paciência pedagógica. Ele trata de três tipos de paciências: a paciência histórica, a paciência afetiva e a paciência pedagógica. A histórica diz respeito a nossa capacidade de olhar o momento e trabalhá-lo nas condições que ele tem, incluindo também a nossa qualidade de esperar quando as condições não forem as melhores. Já a afetiva corresponde a nossa capacidade de acolher a incompreensão do outro. E ela, por sua vez, acaba resvalando na pedagógica, pois não há como ensinar sem ter paciência com o que o outro não sabe e para que ele possa aprender a seu tempo. Assim, o que no primeiro momento foi visto como algo negativo, mostrou no decorrer do processo ser uma escolha acertada, pois considerou a horizontalidade do conhecimento.

> "A escola trouxe realmente isso, essa facilidade metodológica, de todo mundo se compreender e demonstrar que todos têm alguma coisa pra ensinar independente do nível, e mesmo uns tendo nível superior e outros não, todo mundo tava numa escola e quem tem bem mais apropriação da grande maioria dos discursos era quem estava na prática que são os dirigentes sindicais, porque há bem mais facilidade de entender certos tipo de discussão, e a forma de apresentar as coisas, a forma dos facilitadores dependia muito do seu nível de ensino, tinha gente que estudava muito, tinha vários títulos e a gente não conseguia entender o que aquela pessoa dizia e aí a metodologia da escola, que era o aprender fazendo, que a gente chama de "feedback", era uma troca, a gente ia para as palestras, a gente ouvia as conferências, mas tinha os trabalhos em grupo, que era naquele momento que a gente discutia, que a gente questionava, a gente tirava muitas dúvidas naqueles momentos com os textos básicos."

> "...facilitava pra todo mundo, tanto pra quem sabia mais quanto pra quem sabia menos".

Nos módulos regionais estavam envolvidos dois públicos diferentes: um que tinha passado pela experiência do curso nacional e outro que estava iniciando o processo no curso regional. O encontro desses sujeitos foi marcado por alguns conflitos de entendimento, pertencimento e identidade. Isso afetou profundamente todo o primeiro módulo regional. Um grupo se sentia em parte responsável pela construção e condução da escola, e outro iniciava ali o processo e não compreendia a presença do primeiro grupo, ora educando(a), ora educador(a).

Os conflitos estabelecidos por esse não entendimento de papéis marcaram e afetaram diretamente a condução do módulo, como podemos observar nos depoimentos abaixo.

> "No primeiro módulo foi muito marcante a diferença de comportamento das pessoas que fizeram o itinerário (curso) nacional. Muitas vezes a presença deles(as) inibia a participação. As falas não eram para estimular outras participações, nos parecia que era sempre para demonstrar conhecimento, como se tivesse uma elite. Salientamos: isso aconteceu apenas no primeiro módulo, Sergipe já foi um módulo mais tranquilo."

> "Vindo aqui pra regional, que foi um momento conflituoso entre os alunos da nacional e os alunos da regional, porque não havia essa identidade, se já tínhamos passado pela nacional qual era o nosso papel na regional? A gente era aluno da mesma forma que os que chegaram agora ou a gente tinha um papel a mais?"

Ainda no primeiro módulo surgiu uma grande polêmica no que se refere à forma como alguns temas foram trabalhados e como a turma reagiu a isso. Então, uma questão foi posta: Como lidar com uma situação que desestabilizou e prejudicou o desenvolvimento do curso?

Enquanto essa discussão ficou no campo da polêmica nada foi resolvido. Podemos usar o que foi estabelecido por Michael Foucault (2006) quando destaca que da polêmica não surge ideia nova, nem consenso, há sempre um vencedor e um derrotado. Dessa forma:

> O polemista prossegue investido dos privilégios que detém antecipadamente, e que nunca aceita recolocar em questão. Possui, por princípio, os direitos que o autorizam à guerra e que fazem dessa luta um empreendimento justo... O polemista se sustenta em uma legitimidade da qual seu adversário, por definição, está excluído (Foucault, 2006, p. 226).

No entanto, Foucault também destaca que questionar é um direito de não ter certeza, de perceber uma contradição, trata de questionar em busca da verdade interagindo (dialogando) com o outro. "Aquele que questiona nada mais faz do que usar um direito que lhe é dado... defender diferentes postulados, apontar um erro de raciocínio" (Foucault, 2006, p. 225).

Nesse sentido, a partir do momento em que a discussão saiu do campo da polêmica, encaminhamentos foram dados e o diálogo foi estabelecido. Isso não significa dizer que acabaram os "conflitos não antagônicos".

Esse tipo de conflito, conceituado por Freire, foi tomando quando entendemos os nossos papéis dentro da Escola, sobretudo quando voltamos para a segunda oficina de autoformação.

O segundo módulo que aconteceu em Sergipe, contudo, já foi mais tranquilo, os conflitos foram diminuídos e relações foram aprofundadas; relações de amizade, de companheirismo, de troca de conhecimentos e de histórias. Lá pudemos perceber que esses conflitos, antagônicos ou polêmicos, muitas vezes eram construídos por um tipo de divisão que existia na turma, quando um grupo se excluía do outro, não se permitindo a oportunidade de relacionamento.

> "Hoje, ao revisitar esse espaço de nossa história, podemos ver que a maior parte das coisas que aconteceram fomos nós que construímos, em especial as exclusões; naquele momento por algum motivo nos excluíamos dos espaços."

> "Hoje sabemos; nós que construímos esse lugar diferente para a equipe nacional, por isso os conflitos e a inibição. Isso aconteceu muito na construção das equipes de trabalho."

> "Eu não tinha noção do lugar onde eu estava, embora a turma do nacional tenha feito um momento para explicar o processo. Eu não tinha dimensão de onde eu estava entrando, só ouvia um monte de siglas: PNF, PPP, GED (Grupo de Estudo Dirigido), que não sabia se quer o que significava. Como não tinha dimensão, eu não me oportunizei viver, era o curso pelo curso, só mais um."

O terceiro módulo, em São Luís, foi o momento em que relações construídas nos dois primeiros módulos foram aprofundadas. Os conflitos passaram a ter um caráter mais desafiador, na tentativa de pôr em prática tudo o que foi aprendido, desconstruído e vivenciado na Enfoc.

Os conflitos passaram a ser individuais e as angústias pairavam sobre as contradições existentes no discurso e na prática sindical. Como sensibilizar quem não vivenciou o processo? Como as federações iriam incorporar a proposta? Como nos manteríamos motivados e ligados enquanto educadores(as) nos Estados? Como incorporar novas práticas metodológicas no cotidiano sindical?

Essas angústias começam a ser postas como grandes desafios a serem superados por cada educador e educadora da Enfoc, pois estes se tornaram compromissos assumidos tanto por dirigentes quanto por assessores e assessoras.

> "E aí a gente começa a confrontar nossas ideias da gente no dia a dia de direção, onde existe uma certa resistência de entender o novo, novas descobertas, sobre o verdadeiro significado do movimento sindical, é aí onde às vezes o que a gente aprendeu e partilhou com outros companheiros na escola, no momento formativo, a gente fica um pouco frustrado por não ver as coisas acontecer porque não depende só de um indivíduo."

> "Depois da Enfoc, a quantidade de desafios que a gente vê pela frente, porque antes eu não percebia, mas com a Enfoc eu comecei a entender a quantidade de desafios, a partir desse momento de aprendizagem que eu tive não só do conteúdo em sala, mas de tudo que foi vivenciado na escola, ao retornar aos sindicatos, muitas coisas fazem a diferença quando você passa por um processo de formação. Agora é bom ter desafios, porque quando a gente não tem desafios perde o foco de onde se quer chegar."

Nem todos(as) que passaram por esse processo mudaram a sua prática ou até mesmo os seus conceitos ou pensamentos. A Enfoc contribuiu principalmente com aqueles que se permitiram mudar e isso os depoimentos expressam de maneira muito forte.

> "Estava entrando no movimento [...], e a Enfoc me fez conhecer o MSTTR, me fez ver que há muito tempo o movimento sindical no Estado não fazia formação. Estávamos muito voltado para a formação política partidária, tudo se voltava para esse foco. Só quando cheguei na Enfoc nacional que percebi isso. Também percebi o quanto é importante e interessante a formação sindical."

> "O que a gente acha e percebe de mudança depois da escola? É uma pergunta muito forte e ao mesmo tempo muito importante no entender do que era antes e do que somos hoje, do que a gente pensava que sabia e o que a gente descobriu que não sabia, quando você percebe que achava que tinha uma identidade, e na verdade você não tinha, você perceber de que raça você é, essa foi uma mudança percebida por mim, perceber o quanto é importante o reconhecimento da minha identidade."
> "A partir da escola vi que o MSTTR é importante para a construção de um projeto e não só de pessoas, que se beneficia inclusive do salário, enfim, de uma ajuda de custo ou de uma gratificação. É claro que a nossa vida como dirigente sindical ela é bem complexa, porque no dia a dia estamos no conjunto de pessoas que não participou do processo formativo."

• Matriz Pedagógica

A necessidade de fazer formação político-ideológica, sistemática e continuada para dirigentes, assessores(as) e lideranças do MSTTR, surge para subsidiar e transformar as ações inerentes ao cotidiano sindical. Para isso, os conteúdos escolhidos e a opção quanto ao desenvolvimento desses, têm a intencionalidade de fortalecer o MSTTR, suas lutas e a identidade de classe de seus integrantes, ao possibilitar o conhecimento de sua história e dos desafios que a sociedade lhes impõe na atualidade.

> "Para mim o tema principal, e aí a gente via a surpresa de muitas pessoas, é questão da história do movimento, tanto

dos movimentos sociais quanto do movimento sindical, e a gente viu que mesmo dirigentes sindicais que estavam há anos, eles não sabiam a história do movimento. Como é que você vai defender uma coisa, que você está nela se você não conhece a história daquele movimento que você defende?"

Assim, a matriz pedagógica trabalhada pela Enfoc nos cursos de formação político-sindical se constitui, e para dar conta de uma formação plural[4] ela está organizada estruturalmente em um eixo temático – Ação Sindical e Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário – e em dois eixos pedagógicos – Memória e Identidade e Pedagogia Para Uma Nova Sociabilidade.

Os eixos pedagógicos, trabalhados transversalmente, trazem à formação conteúdos relativos à classe social, ao gênero, à raça, à identidade camponesa, à ideologia, à emancipação, ao diálogo, à crítica, à construção de novas práticas, à utopia.

Os temas que estruturam as unidades são abordados levando em consideração um recorte histórico e contemporâneo do desenvolvimento rural e o contexto sindical, social, político e econômico.

"...a discussão do PADRSS nos fez refletir sobre utopias – sei que existem desejos mais fortes que outros, os desejos de quem tem mais possibilidades, mais poder, mais dinheiro, porém, não podemos desconsiderar as direções voluntárias do universo, que muitas vezes quebra a lógica da história e surpreende com fatos inexplicáveis. É isso que nutre a nossa utopia, os nossos sonhos começam a ter lugar e nos fazem acreditar que outro mundo é verdadeiramente possível, quanto mais fortalecido por tanta gente que sonha a mesma coisa."

"O movimento sindical ganha corpo depois da Enfoc, onde tivemos a oportunidade de reconhecer a história do MSTTR, dentre outros elementos que em nossa vida escolar nos foi negado, ou apresentado sobre outros ângulos."

[4] Formação plural, que dialoga com a diversidade de ideias e concepções, conforme explicita o Projeto Político Pedagógico (PPP) do MSTTR.

A Enfoc, porém, não se constituiu com a pretensão de negar utopias nem de julgar ou impor essa ou aquela ideologia, e sim propor uma formação política comprometida com uma ação transformadora da realidade. De acordo com Marilena Chauí (2004), ideologia é um conjunto lógico, sistemático e coerente de ideias e valores e de normas que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem e como devem pensar, valorizar, sentir e fazer. Uma formação que se propõe a contribuir para a construção de sujeitos autônomos e engajados na luta por transformação social, como a assumida pela Enfoc, pauta-se por intencionalidades definidas, contudo procura afastar-se de imposições e prescrições.

"Muitas mudanças ocorreram no processo de formação do MSTTR depois da PNF. Hoje, além da formação na prática, na luta, não menos importante, o movimento sindical tem diretrizes, metodologia, concepção de formação definida, sabe para onde ir e onde quer chegar."

Nessa trajetória, o saber acadêmico e o técnico estão em harmonia com o saber popular, estabelecendo uma relação interativa sem hierarquização do conhecimento.

"Vimos uma metodologia que considerava as vidas, história constituída de vida, então perceber as vidas que aparecem que falam e em especial os corpos emudecidos, que estão por trás das palavras ditas e escritas; trazer as mulheres, as crianças, a juventude, os(as) idosas(os)."

Libâneo (2004) afirma que é necessário que se trabalhe a consciência ideológica, buscando que as pessoas percebam a enorme diferença que existe entre a maneira como elas imaginam a realidade e como esta se constrói de fato.

"A construção histórica do que estamos vivenciando hoje, quando conhecemos as raízes dos fatos, isso nos aproxima intimamente delas, parece que dá mais sentido à luta."

"Os temas trabalhados no primeiro módulo, não era novidade, porém estudar escravismo, capitalismo, comunismo, socialismo com um recorte e um direcionamento, nesse caso o trabalho e direcionado para o rural, tem um sabor especial pra todas as pessoas ali presentes, acredito. Muito diferente das escolas formais que nos impõem os conteúdos e não temperam com as necessidades e desconsideram os desejos das pessoas envolvidas."

"Passei a refletir sobre elementos de identidade coletiva e individual, onde percebi que o MSTTR hoje não poderia continuar sem esse processo formativo. Passei a enxergar com mais visibilidade o que realmente queremos neste movimento."

"O conteúdo trouxe pra minha vivência ter conhecido o processo de construção do sindicalismo, como ele se deu. Conhecemos uma história por um outro ângulo, diferente das escolas convencionais, tivemos relatos da ditadura militar, como se deu o processo da construção da história do Brasil. A gente vê o processo por pessoas que viveram esse momento, o que é muito diferente. A gente sente a história, percebe a importância dos fatos para os nossos dias atuais. Ouvir pessoas que sentiram na pele o processo, e a partir disso entendemos a luta, o sentido da defesa. Eu tinha quatro anos de movimento e não tinha o conhecimento que eu adquiri na Enfoc, independente do meu trabalho como técnico. Esse conhecimento eu vou levar pra onde eu for, independente de onde eu esteja. Levarei esse conhecimento, e jamais esquecerei o que eu aprendi."

A experiência vivenciada na ENFOC mostra que uma formação política para uma ação transformadora da realidade ultrapassa os espaços dos processos cognitivos e estimula a construção de alternativas aos problemas identificados no cotidiano.

"O terceiro módulo pra mim foi muito interessante, porque trouxe aquela questão. A gente discutiu as nossas práticas, a gente viu a história, de como é o movimento. Mas e as nossas práticas? Pra mim o terceiro módulo foi muito esse questionamento e a fragilidade de discussão do movimento com relação à raça, à dificuldade que se tem com relação a isso. É uma fragilidade do movimento. Mas eu tenho dificuldade de fazer essa discussão. O Brasil é um país extremante miscigenado. Tem negro, tem branco, tem amarelo, porque eu acho que é muito uma questão cultural e a miscigenação talvez dificulte essa discussão, e a discussão de raça no terceiro módulo teve essa fragilidade."

Ao terem acesso ao instrumental teórico e metodológico, as pessoas transformam sua prática política ao mesmo tempo em que se qualificam para atuar de modo a fazer avançar a organização e a luta dos(as) trabalhadores(as) rurais. Isto, porém, não fácil, pois implica vencer resistências e preconceitos.

"Através da Enfoc, ela traz muito isso, a questão do respeito, do compromisso, a questão da fraternidade, a escola. Ela resgata a estrutura de organização, do tamanho enorme que traz dentro dela. Um fator muito importante é a disseminação de informação, é levar a informações sobre

a questão do comunismo, das lutas camponesas, sistema de sociedade, capitalismo, a agricultura familiar, a questão até mesmo da reforma agrária, e enfocando também todas as diretrizes políticas hoje existentes, dentro do movimento sindical, trazendo nas questões do crédito, nas questões básicas de formação, essa linha de contemplação."

"Por outro lado é importante porque no conjunto que convivo dia a dia, faz com que a gente tenha uma intervenção mais qualificada para propor ideias para o trabalho do dia a dia e funcionalidade dos trabalhos do MSTTR onde a gente está atuando. E também em relação ao próprio MSTTR, a gente tem mais coragem porque a gente tem mais certeza do que a gente está falando, das nossas intervenções, nas mobilizações, nas elaborações de proposta das pautas de reivindicações, nas lutas, por isso acho que a formação ela contribuiu bastante para eu estar me qualificando cada vez mais na forma de ver o MSTTR com essa dimensão, de não só tratar como questão de previdência social, de benefícios, de projeto para assentamento, mas essa imensidão de desafios que existem no MSTTR, para que a gente possa ir, correr atrás, buscar. Contribuiu bastante pra eu ver o mundo do MSTTR com outros olhos."

"Leituras de textos nos ajudaram, mas o melhor foi poder entender como as coisas que vão acontecendo nas nossas vidas não são mera coincidência. Caminhamos na história e formos beber um pouco dela na fonte do conhecimento com relação a modos de produção e sistemas de sociedade."

Assim, a formação na Enfoc nos mostra que, na história, não somos meros coadjuvantes, e sim atores que fazemos e modificamos a mesma.

REDE

Parece incoerente, sem sentido, descabido, mas não é aprendendo que se ensina, é ensinando que se aprende. Nesta teia fui construindo minha rede para embalar os meus sonhos, tecendo dia a dia muitas relações, que vão dando sentido a minha existência como gente (Merrem, 1995).

Com esse pensamento fica mais fácil entender como se dá a construção da rede de educadores(as) populares que vem se constituindo desde 2005, a partir de um processo formativo desencadeado pela Contag.

"Foi na rede que conheci pessoas maravilhosas e interessantes. Daquelas que chegam e ficam. Que marcam nossa vida. Agradeço a Deus por me proporcionar estes bons momentos de aprendizagens e a todas estas pessoas por se disponibilizarem a dividir comigo os seus conhecimentos."

O processo formativo proporciona na vida das pessoas que nele estão envolvidas reações e sentimentos dos mais diversos. Os significados tomam proporções complexas que vão acontecendo a partir do encontro das pessoas. Podemos perceber, então, que esses encontros conspiram entendimentos, conflitos, laços, etc.

"Foi nas atividades que fomos nos unindo e hoje estamos contribuindo um(a) com o(a) outro(a), colaborando mesmo a distância, trocando material e compartilhando ideias. Isso já é a formação da rede pra mim".

As relações vão acontecendo e nelas são concretizados valores, princípios, amizades, sentimentos e, naturalmente, nos deparamos com uma rede consistente, com pessoas diferenciadas, mas que se completam. A perfeição é o que menos é buscado nesse espaço.

Mesmo a rede sendo forte, não segura todos(as); é preciso que nos agarremos aos nós, é preciso desejar de estar nela, vontade de contribuir e acima de tudo, se entregar aos laços, ao organismo, se propondo a ser um(a) só, mesmo quando somos muitos(as), abrindo mão de conceitos e valores próprios e estar sempre dispostos(as) a construir conceitos comuns.

"A rede de educadores, em especial a do Nordeste, está sendo um componente importantíssimo no processo de sistematização... Essa não é 'uma rede preguiçosa pra deitar', e sim uma rede que é constantemente puxada por muitas mãos, e podemos dizer que essa não é uma pesca predatória, ao contrário, é a única rede em que os peixes se sentem felizes por terem sido pescados. Em nossa rede os peixes e/ou os sonhos são nutridos, por um alimento muito rico que é a solidariedade. Os fios da rede são unidos por muitos sentimentos que nos motivam a dar continuidade ao processo que normalmente é bastante árduo por não ter espaço no tempo de trabalho de grande parte das pessoas envolvidas".

Não podemos dizer, contudo que foram apenas os sentimentos e as pessoas que constituíram essa rede. Há algo mais concreto; um elemento que dá a liga para fortalecer esses "nós". Esse elemento é o processo formativo. Essa rede nada seria se não houvesse algo que antecedesse sua constituição. A Enfoc foi o que proporcionou tudo isso; a sede por conhecer, a vontade de contribuir, o despertar do sentimento de classe em cada um(a) de nós e a esperança no sonho da transformação. Ela reúne em si todas essas faces que provocam o organismo rede a se movimentar. Essa é uma rede orgânica e dinâmica.

"Na base, a formação disputa espaço com tantas outras atividades presentes no cotidiano das federações, e na maioria delas não é priorizada, assim se dá uma luta e nesse lugar estamos sós, então sentimos que são os elos da rede que nos sustentam".

Fritjof Capra (2005), em seu livro " As Conexões Ocultas, Ciência para uma Vida Sustentável", cita:

> Um exame mais próximo destas redes de vida demonstra que sua característica chave implica autogeração. Em uma célula, por exemplo, todas as estruturas biológicas são produzidas, reparadas e regeneradas de forma contínua por uma rede de reações químicas. Similarmente, ao nível de um organismo multicelular, as células do corpo são continuamente regeneradas e recicladas pela rede metabólica do organismo. Redes vivas de forma contínua criam ou recriam a si próprias, quer transformando ou substituindo seus componentes (p. 1).

Fomos nos envolvendo com o tear da rede; hoje estamos firmes, todos(as) no mesmo balanço, nem sempre no mesmo espaço físico, mas na mesma intenção de acertar o ritmo. Onde quer que esse balançar nos leve, estaremos certos da importância disso para as nossas vidas, porque, afinal de contas, somos peixes que desejam ser pescados por toda uma vida. A rede dá sentido à vida. "Rede é um padrão comum a todo tipo de vida. Onde quer que nos deparemos com vida, constatamos redes" (Capra, 2005, p. 1).

Para Capra (2005), Rede Social é uma das formas de representação dos *relacionamentos afetivos* ou *profissionais* dos seres entre si ou entre seus *agrupamentos* de interesses mútuos. A rede é responsável pelo compartilhamento de ideias entre pessoas que possuem interesses e objetivos em comum. Assim, um grupo de discussão é composto por indivíduos que possuem *identidades* e anseios semelhantes.

Partindo desse conceito de Rede Social, percebemos claramente o que nos aproxima dele; basta apenas sentir um pouco da percepção do grupo envolvido mediante os relatos sobre a sua compreensão de rede:

"Braços fortalecidos com a formação, pés que caminham juntos e mentes que aglutinam, aprendem e disseminam".

"Espaço de construção coletiva, conhecimento e intercâmbio de informação".

"A rede é formada por pessoas com potencial e comprometimento com a PNF e que podem contribuir para o fortalecimento da mesma".

Ainda de acordo com *Capra*, "redes sociais são *redes de comunicação* que envolvem a *linguagem simbólica*, os limites *culturais* e as *relações de poder*" (2005, p. 7). Além disso, o referido autor destaca que, com o surgimento de novos pensamentos, valores e atitudes, as redes também são capazes de expressar ideias políticas e econômicas inovadoras.

> "A rede de educadores possui características, princípios, uma dinâmica de comunicação e uma articulação permanente. Para operacionalizá-la, precisamos aprofundar seu significado, sua composição, suas atribuições e seus princípios".

Esse espaço comprovadamente proporciona a partilha.

> "A Rede deve ser formada pelos capacitados(as), os(as) quais tem o dever de, a partir de seus conhecimentos adquiridos, inovar, adequar os temas às realidades locais a partir de proposições conjuntas, troca de ideias, elaboração de textos, metodologias, etc".

> "Para que a Rede de Educadores se estabeleça e se consolide, as pessoas capacitadas pela Enfoc no itinerário formativo nacional, regional e estadual, precisam ser estimuladas e coordenadas para tecerem a Rede, com planejamento, ordenadamente e sem ativismo".

> "A operacionalização requer um planejamento de atuação de forma a garantir que as ideias elaboradas e pensadas a partir do que se propõe a política, e aproximar as especificidades locais, seja aplicada aos GES. A construção da rede dá "liga" e anima seus partícipes. Não se trata de um coletivo – no sentido de somente as mesmas pessoas participarem o tempo todo –, mas de um fluxo formativo onde há rotatividade e a possibilidade sempre de novos espaços de autoformação".

Segundo Capra (2005), à medida que comunicações continuam a se desenvolver na rede social, eventualmente produzirão um sistema compartilhado de crenças, explicações e valores — um contexto comum de significados, conhecidos como cultura, o qual é continuadamente sustentado por comunicações adicionais. É pela cultura que os indivíduos adquirem identidade como membros da rede social. Cada comunicação cria pensamentos e significados, os quais, por sua vez, dão lugar a comunicações posteriores, e assim uma rede inteira gera a si própria.

GRUPOS DE ESTUDOS SINDICAIS

> Aprender é desafio que não se acaba. Por mais que se saiba, é um engano pensar que não se tem mais nada a aprender. Pessoas são seres imperfeitos, precisam sempre do movimento da troca para manterem-se vivas. Somos eternos aprendizes (Merrem, 1995, p. 1).

O Grupo de Estudo Sindical (GES) é um dos espaços formativos que compõe a Escola Nacional de formação sindical da Contag e se configura como lugar privilegiado de diálogo com os trabalhadores e trabalhadoras de base. O GES é alicerçado pela Política Nacional de Formação (PNF) e pelo Projeto Político Pedagógico (PPP), componentes importantes desta estratégia que tem o Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário (PADRSS), como referencial político.

A efetivação do GES é importante, pois é aí que se concretiza a participação da base, proporcionando o despertar da consciência crítica necessária para libertação dos sujeitos. Como diz Paulo Freire "a libertação por isto, é um parto. É um parto doloroso. O homem que nasce deste parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição opressores-oprimidos, que é libertação de todos" (1970, p. 19).

O GES, portanto, tem a intencionalidade de promover na base sindical debate sobre o espaço rural e o universo

do sindicalismo: as lutas, as conquistas, as políticas de desenvolvimento rural, que possibilitem às pessoas, a partir de entendimentos coletivos, buscar melhor qualidade de vida e compreender a importância do mundo sindical, (re)afirmando a identidade de classe. O GES é assumido como formação concretizada na base, sendo o elo que possibilita a "reforma agrária do saber". [5] É necessário que tenhamos coragem de enfrentar os "donos do saber", mesmo tendo conhecimento que o que nos aguarda é algo desconhecido, mas é preciso encarar, e como diz Freire:

> Não teme enfrentar, não teme ouvir, não teme o desvelamento do mundo. Não teme o encontro com o povo. Não teme o diálogo com ele, de que ele resulta o crescente saber de ambos: não se sente dono do tempo, nem dono dos homens, nem libertador dos oprimidos. Com eles se compromete dentro do tempo, para com eles lutar" (1970, p. 35).

Existe uma nítida compreensão da importância do GES enquanto espaço relacional direção-base, e que o mesmo é a Escola chegando às comunidades e municípios. Dirigentes, lideranças e assessores(as) que passaram pelo processo formativo, compreendem O GES como espaço de comunicação e reflexão das políticas conquistadas pelo MSTTR e de conscientização sobre a luta de classe. Vejam o que revela os depoimentos.

> "É uma oportunidade muito grande de avançar e ter um movimento sindical mais forte, muito mais propositivo, cada vez com uma maior capacidade de reivindicação e, principalmente, conseguir identificar as injustiças no meio social principalmente dos trabalhadores e trabalhadoras rurais".

> "Mas eu acho que o GES nos aproxima da base; é uma forma de fazer com que a base conheça o projeto do MSTTR, dando oportunidade a todos de conhecer o projeto, também identificar nossas fragilidades. O povo vai dizer onde estamos errando, onde devemos acertar, pra onde devemos ir, e, claro, dentro do conhecimento que nós temos a partir da escola, da PNF, vamos contribuir bastante pra essa nova forma de ver o mundo, de fazer a leitura do mundo, um espaço de confrontar nossa teoria com nossa prática, onde a gente vai vivenciar, vamos sentir e debater com eles o que queremos com essa nova visão de mundo, confrontar nossas ideias com a realidade do povo e formar novos sujeitos para uma nova forma de fazer o seu mundo, o mundo onde ele vivencia, onde a educação e lazer não existe. Possivelmente mudar essa realidade através da prática do seu dia a dia, fazer com que nos aproxime. Acho que o GES vai nos aproximar, nós que somos militantes da reforma agrária, do MSTTR do povo, onde o povo também vai nos dar horizonte para nos fortalecer; eu acredito bastante".

> "Os grupos de estudos sindicais é desdobramento do itinerário formativo da Enfoc, conhecimento compartilhado mais próximo da realidade local, formação na ação".

> "Grupo de Estudos Sindicais é a Enfoc chegando à base. Essa é a maneira pensada para que as discussões da política nacional de formação e a transformação por ela pensada chegue na base".

> "Porque eu acho que se deixar de implementar o GES a gente deixou de cumprir parte dessa escola, e a gente termina fazendo o que a gente tem feito muito, capacita e as pessoas ficam para si, e não consegue atingir a base, e acho que o fundamental está na base. A gente precisa de liderança que se destaque, que esteja capacitada, a gente precisa de dirigentes sindicais e sindicalistas fortes na base para implementar essa política. Não basta conquistar, não basta avançar, não basta capacitar, parte desse povo, se a gente não conseguir atingir as direções sindicais, principalmente os delegados de base que tem uma vivência com a categoria, que identificam muito mais fácil os problemas, que buscam soluções pra eles; eu acho que fica pela metade".

> "Tenho muita convicção sobre isso, de que essa estratégia da escola nacional precisa cada vez mais ser

[5] "Reforma agrária do saber" vista como produção, apropriação e socialização deste.

> potencializado, difundido. Que esta estratégia da escola aconteça também com mais força na ponta do MSTTR".

O GES é um espaço permanente de formação, diálogo e debate nos municípios e nas comunidades rurais. Oportuniza às pessoas a conversar sobre seu lugar, seu universo, com todas as fragilidades e potenciais.

> "Isso traz um desafio muito maior também, a partir do principio que temos uma missão de trabalhar os GES em todos os estados, em todas as regiões, isso é muito forte porque uma coisa é eu conseguir aprender, vivenciar, outra coisa é eu já estar passando esse aprendizado através do GES e proporcionar esse espaço para outras pessoas".

Nesse sentido, Alexandre Merrem (1995) destaca o espaço coletivo como lugar essencial de construção, entendimentos, aprendizados e ensinamentos coletivos. É uma troca permanente de saberes:

> Estou convicto que estes espaços educativos são momentos por excelência de comunicação, expressão e aprendizado. Favorecer a expressão e com isso intensificar as diversas trocas de saberes constitui a base do aprendizado. Não se trata de uma relação tipo professor-aluno, onde um acha que tudo sabe, mas fundamentalmente criar a possibilidade de, diante de vidas e, portanto, saberes diferentes, um possa contribuir e enriquecer o outro com suas experiências [...], propiciar um espaço onde todos possam se comunicar do seu jeito e a partir dos talentos e qualidades que desenvolveram durante sua vida [...] Este movimento educativo não tem lugar determinado pra se dar. Todos os espaços podem vir a ser palco e cenário de muitas aprendizagens (Merrem, 1995, p. 1-2).

Para difundir o GES é necessário aproveitarmos os lugares em potenciais. Assim sendo, identificamos os coletivos[6] da Contag, Federações e Sindicatos, como espaço de reafirmação, divulgação e construção de estratégias que operacionalizem o GES. São lugares intermediários que contam com a participação de lideranças sindicais que possam contribuir na implementação desta estratégia.

> "Acho que um bom começo para fazer os GES é considerar que cada comissão municipal de mulheres pode vir a ser um grupo de estudo. A comissão municipal de jovens também, pois nos estaduais (cursos) estas pessoas também participaram e já entendem o processo".

A ideia é construir nas comunidades rurais quilombolas, ribeirinhas, assentamentos e outras, grupos de estudos com participação de 5 a 15 pessoas que se propõem a dialogar sobre seu mundo e sua história, sem perder de vista as transformações ocorridas na sociedade como um todo. Este lugar será espaço de exercitar a prática libertadora por meio da formação para a transformação, como propõe Freire no "método de alfabetização", que está para além da simples alfabetização. Propõe e estimula a inserção do adulto iletrado no seu contexto social e político, na sua realidade, promovendo o despertar para a emancipação e transformação social. "Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão" (Freire, 1970, p. 52).

> "São grupos constituídos por pessoas nos diversos municípios dos Estados. Um dos objetivos do mesmo é realizar leituras e discussões dos diversos temas trabalhados e defendidos pelo MSTTR".

> "Traz o objetivo de levar essa formação até a base, respeitando as diferenças no movimento sindical, mas também fazendo uma autorreflexão da importância que tem esse movimento na vida dos trabalhadores(as) rurais. Isso é o que nos fortalece cada vez mais na intenção de fazer com que mais pessoas, mais militantes, tenham acesso a esse conteúdo de ensino, esse conteúdo de aprendizado para poder aprimorar".

[6] Os coletivos são espaços de debate, reflexão, proposição e orientadores de rumos a partir das deliberações congressuais. Lugares-meio onde se discutem temas referentes ao fortalecimento do sindicalismo rural. Estes são compostos por dirigentes sindicais da Contag, Federações e Sindicatos.

> "Contando com nossas instâncias de representação e deliberação, regionais, STTRs e delegacias sindicais, definindo onde e como serão constituídos os grupos de estudo".

Efetivar o GES, portanto, é vivenciar a prática da formação adquirida pelos sujeitos, oportunizando a experiência de outras pessoas da base, bem como questionar as suas vivências, pensamentos, práticas individuais e coletivas e do MSTTR diante da realidade vivida pelo sujeito.

Fazer o GES acontecer é uma nova pedagogia de libertação de vida, como assevera Freire:

> A pedagogia do oprimido, como uma pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos: o primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e comprometendo-se na práxis, com sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, essa pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação (1970, p. 23).

APRENDIZAGENS E DESAFIOS

"...Eu quero é cantar o nordeste
Que é grande e que cresce
E que você não conhece doutor
De um povo guerreiro, festivo e ordeiro.
De um povo tão trabalhador
Por isso não pise, viaje e pesquise.
Conheça de perto esse chão
Só pra ver que o nordeste
Agora é quem veste
É quem veste de orgulho a nação..."
Flavio Leandro

O Nordeste é uma região historicamente marcada por uma série de acontecimentos políticos, econômicos e sociais que tiveram como consequência injustiças sociais e violência física e cultural. Isso, porém, só aconteceu por motivos simples de entender nos dias de hoje: concentração + injustiças sociais = resistência popular. Não há fato histórico ocorrido aqui que não traga a marca da resistência de um povo, sofredor, mas, sobretudo forte.

Lugar de imagens geográficas que vão das mais belas praias aos solos mais secos do país. Isso proporcionou uma diversidade cultural, organizacional, social, política e econômica que fez dessa gente pessoas *iguais* (que se identificam em vários aspectos, mas, ao mesmo tempo, são diversas).

A "resistência" ao poder das elites gerou grandes conflitos e proporcionou grandes conquistas. Terra do Cangaço, do Zumbi dos Palmares, do Caldeirão, das Ligas Camponesas, dos Balaios, dentre muitos outros fatos que foram fundamentais para a libertação de *um povo*, de grupos que se organizaram. Gente alegre e feliz por viver e ser do NE, que tem força e fé.

Esses fatos, porém, também aprisionaram parte desse povo por muito tempo; o poder coronelista vem provocando essa cultura a se tornar subserviente, clientelista, assistencialista, o que tem deixado marcas na vida e no olhar dessa gente.

Esses elementos que constituem identidades são fundamentais para o fortalecimento de um povo, de uma classe, de um movimento. A Enfoc proporcionou a reflexão sobre essa história, tirando dela elementos a serem considerados e valorizados nos dias de hoje; elementos comuns que possibilitaram a todos que participaram dos cursos um olhar mais cuidadoso sobre o seu entorno, e também a reflexão acerca dos elementos a serem resgatados, para que seja possível revigorar identidades camponesas e de classe e fortalecer a ação sindical.

Adentramos no universo formativo sem saber que nos levaria a um mundo de redescobertas, reconstrução, de mudanças, de compreensões outras...

Nos permitimos fazer várias viagens através do túnel da vida, revisitamos lugares, pessoas, acontecimentos marcantes que tiveram importância na nossa caminhada.

Aprendemos outros caminhos, fizemos várias caminhadas que nos levaram ao encontro de outras tantas pessoas, rompemos fronteiras, fizemos misturas, criamos sabores.

O processo formativo oportunizou nos libertarmos de algumas amarras, perceber o universo sindical por outros ângulos, e compreender o que antecede ser dirigente/liderança/assessor e assessora.

Neste lugar de vários saberes, sabores, construímos relações, entendimentos. Praticamos a arte do aprender, ensinar, aprender. Compreendemos que em todos os dias se aprende e se ensina; que Gonzaguinha foi muito sábio ao dizer que "somos eterno(a) aprendiz".

Ao adentrar esta caminhada formativa, percebemos que era necessário construir um "compasso". Com essa intenção fomos nos juntando, nos fortalecendo, criando teias e formando uma rede de pessoas militantes, que acredita que a formação é elemento preponderante para dar força à ação sindical.

Durante o processo formativo saboreado, identificamos lacunas, refletimos sobre estas, criamos e recriamos espaços e meios para continuar animando o processo. Foi assim, mediante o debate e a reflexão, que construímos uma rede de educadores e educadoras nas diversas regiões desse imenso Brasil, cada uma com suas especificidades regionais, mas, quando se encontram, se veem movidas pelo mesmo sentimento, imbuídas da mesma vontade de "fazer acontecer".

A escola continua grávida de possibilidades... nossa voz continua ecoando com a frase sábia de Adonias Higino.[7] "Formar e organizar para a luta avançar"...

Nosso grande desafio, agora, é fazer a escola chegar às bases por meio dos Grupos de Estudo Sindical, e oportunizar a outras pessoas integrarem um processo de libertação por intermédio da formação e dividir com elas e eles a eterna arte do aprender, ensinar, aprender...

[7] Trabalhador rural e dirigente sindical do Piauí que passou pelo processo formativo da Enfoc. Foi estudante da primeira turma nacional e regional.

3 Região **Sudeste**

Luciene Ferreira da Luz
Célia Watanabe

Reflexão sobre Rede – Curso Sudeste

CARACTERIZAÇÃO DA REGIÃO

A Região Sudeste possui uma área de 924.511,3 km², com uma população de 79.561.095 habitantes (IBGE, 2006) e uma densidade demográfica de 77,96 hab/km². É formada por quatro Estados: Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Está situada na parte mais elevada do Planalto Atlântico, onde estão as serras da Mantiqueira, do Mar e do Espinhaço. Apresenta uma paisagem com várias formações montanhosas arredondadas, chamadas de "mares de morros" e os ''pães- de-açúcar'', que são montanhas de agulhas graníticas.

O clima predominante no litoral é o tropical atlântico, e nos planaltos o tropical de altitude, com geadas ocasionais.

A mata tropical que existia no litoral foi devastada durante o povoamento, em especial nos séculos 18 e 19, no período de expansão do cultivo do café. Na serra do Mar, a dificuldade de acesso contribui para a preservação de parte dessa mata. No Estado de Minas Gerais – o mais montanhoso dos Estados brasileiros – predomina a vegetação de cerrado, com arbustos e gramas, e no vale do Rio São Francisco e no Norte do Estado, encontra-se a caatinga, típica do Nordeste.

A economia da região é a mais desenvolvida e industrializada dentre as economias das cinco regiões brasileiras, nela se concentrando mais da metade da produção nacional.

Abrigando 42,5% da população brasileira e responsável por 58,7% do PIB nacional (327,5 bilhões de dólares em 1999), o Sudeste apresenta grandes contrastes. Ao mesmo tempo em que concentra a maior parcela da riqueza nacional, é a região que mais sofre com o desemprego e o crescimento da violência. Ainda assim, seus indicadores sociais mostram-se os melhores do país: o analfabetismo na região é de 8,1%, a água tratada beneficia 95,9% das casas e o esgoto é recolhido em 83,8% das moradias. No Brasil, esses índices ficam em 14,7%, 78,8% e 63,9%, respectivamente.

O quadro a seguir mostra as unidades federativas pertencentes à região com suas respectivas informações:

Unidade da Federação	Área (km²)	População (hab.)	Densidade Demográfica (hab./km²)	IDH
Espírito Santo	46.077,5	3.464.285	75,2	0,765
Minas Gerais	586.528,3	19.479.356	33,2	0.773
Rio de Janeiro	43.696,1	15.561.720	356,1	0,807
São Paulo	248.209,4	41.055.734	165,4	0,820
Total	**924.511,3**	**79.561.095**		

Fonte: IBGE, 2006; PNUD, 2000.

A Região Sudeste é a de maior população e a expectativa de vida é de 69,2 anos. É também a Região com a maior densidade demográfica (77,96 hab./km²) e o mais alto índice de urbanização: 89,3%. Abriga as três mais importantes metrópoles nacionais: São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

A expansão cafeeira é uma das razões para que a Região tenha recebido muitos imigrantes europeus e japoneses no fim do século 19 e no começo do século 20. Eles se concentram principalmente em São Paulo e no Espírito Santo e transmitem enorme influência cultural para vários setores, como política, artes plásticas e culinária.

Desde o século passado, o Sudeste é a região que mais atrai imigrantes também dos outros Estados brasileiros. Nas últimas décadas, contudo, o aumento do desemprego estimula o retorno de muitas famílias aos Estados de origem.

A primeira experiência de organização sindical aconteceu na cidade de Campos (RJ), constituída a partir da articulação de associações de lavradores, formada hegemonicamente por afrodescendentes diretos, conhecidos como capoeiristas. O reconhecimento por meio da legislação sindical só veio a ocorrer quase trinta anos após essa experiência.

A capital do país era a cidade do Rio de Janeiro, por conseqüência foi palco de intensas atividades políticas com desdobramentos nacionais. Muitos dos significativos momentos que antecederam a criação da CONTAG e outros tantos que marcaram sobremaneira sua caminha, ocorreram na região, com destaques para a criação da União dos Trabalhadores e Lavradores Agrícolas – ULTAB (SP), o 1º Congresso Nacional dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas (RJ) e a criação da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (RJ).

Atualmente a região está organizada em quatro Federações Estaduais de Trabalhadores na Agricultura, que representam cerca de 20% de todos os Sindicatos de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de todo o país. Dentre as bandeiras de luta, as campanhas salariais; a luta pela terra; organização da produção da agricultura familiar; e a intervenção junto às políticas públicas movimenta a luta e compõem a pauta sindical regional.

A região possui áreas marcadamente de trabalho assalariado, principalmente nas culturas da cana, laranja e do café. A história luta pela terra marcou a luta dos trabalhadores e trabalhadoras rurais desta região. Atualmente a estratégia predominante é a construção de políticas de desenvolvimento rural sustentável

e solidário, capaz de atender as especificidades do campo e de fortalecer a organização dos trabalhadores e trabalhadoras rurais da região, que demanda cada vez mais, estratégias diversas e articuladas.

CURSO NACIONAL DE FORMAÇÃO

Logo na estreia, na concretização de um sonho em constituir uma Escola de Formação Sindical para Trabalhadores e Trabalhadoras, a Enfoc mobilizou um grupo significativo de pessoas para participarem do curso nacional e darem um mergulho na estratégia formativa, assumindo suas demandas enquanto uma dimensão importante do cotidiano sindical. É verdade que nesse momento inicial as coisas não estavam tão definidas, e que seria necessário um esforço coletivo para consolidar as intenções e sistematizar as elaborações político-sindicais e pedagógicas.

A dinâmica sindical está colada à Escola, e isso não poderia ser diferente em um espaço que anuncia ser orgânica à organização à qual está vinculada: o Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (MSTTR). Cabe aqui refletir sobrealgumas especificidades vivenciadas pelos Estados da região: nem todas as federações tinham suas secretarias de formação sindical estruturadas, o que levava alguns dirigentes a acumular as funções com outras pastas das quais eram titulares. O que representou em um primeiro momento um grande desafio para tornar realidade a agenda da Escola, moveu essas mesmas federações a avançarem na percepção de uma atuação mais efetiva na formação sindical e dar a ela um formato, passando a ser assumida como uma prioridade no Estado.

Tivemos alguns casos de educandos(as) egressos do curso nacional que não permaneceram nas federações por razões diversas, variando das questões pessoais às sindicais, como, por exemplo, o fim dos mandatos e substituições pelos processos eleitorais sindicais. Um outro aspecto diz respeito às dificuldades encontradas pela não observação dos critérios de escolha dos inscritos na Enfoc, traduzido na ausência de perfil para comporem e atuarem na rede de educadores, considerando a responsabilidade de protagonizar a multiplicação criativa na Região e nos Estados.

Ainda com relação ao curso nacional, a conjuntura eleitoral do ano de 2006, somada à deliberação do Movimento em investir nas disputas políticas na sociedade, dificultou contemplar a participação dos quatro Estados da Região. São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo participaram dos módulos nacionais da Enfoc.[1] Essa dificuldade não impediu a participação de Minas Gerais na preparação e participação dos processos de multiplicação criativa. Diretoria e assessoria de formação e organização sindical estiveram presentes em todas as fases preparatórias e na realização dos módulos regionais.

A discussão da sistematização seguia junto com a realização dos cursos, de modo que ao fim das etapas regionais, a Enfoc realizou um seminário nacional de socialização das experiências e definição dos passos que a sistematização deveria dar. Assim, equipes regionais seriam formadas para a realização da mesma. No caso da Região Sudeste, o conjunto de dificuldades relatadas refletiu fortemente na mobilização das pessoas envolvidas no processo de sistematização, provocando uma forte dispersão. Apesar de algumas tentativas, a Região não conseguiu efetivamente constituir uma equipe que assumisse todos os passos conforme o projeto que foi elaborado, sendo as ações encaminhadas pontualmente.

Ainda assim, os esforços empreendidos e a

[1] Nacionalmente, 25 Estados estavam representados na turma. O outro Estado faltante foi Rondônia (Região Norte) pelas mesmas razões. Assim como Minas Gerais, o Estado veio a se incorporar na multiplicação em âmbito regional, estadual e local, participando integralmente dos desdobramentos previstos na estratégia da Enfoc.

persistência permitiram realizar algumas escutas e apurar percepções e sentimentos que favorecem mudanças na compreensão do papel da formação e no cotidiano da ação sindical.

A presente narrativa focará olhares de quem participou do Curso Regional Sudeste em 2007, a vivência da multiplicação nos cursos estaduais e as aprendizagens que permitiram uma inserção mais qualificada nos anos seguintes, nas turmas nacional e regional. São elementos trazidos a partir do eixo da sistematização "o que mudou em mim e o que mudou no espaço coletivo da minha atuação militante", em seminário nacional e aprofundando em oficinas com equipe responsável pela sua efetiva realização.

CURSO REGIONAL SUDESTE

As expectativas em relação ao curso regional da Enfoc, que se apresentava como uma grande novidade, eram muitas. Há tempos a formação sindical não era destacada. O Movimento realizava muitas atividades de formação temática, específica e, quase sempre, de curta duração. Essa possibilidade animou muita gente pela curiosidade e, para muitos, por ser uma dimensão nova, uma primeira experiência. A chegada ao curso possibilitou novos olhares para esse lugar de reflexões sobre o movimento sindical, gerando algumas inquietações, pois a experimentação do novo vem sempre acompanhada de reações que oscilam entre a resistência e a assimilação de novas práticas:

> "Eu tinha uma vontade de participar de um curso de formação sindical específico como este. (...) Eu esperava ter uma formação mais direta. Ao chegar ao curso, foi uma decepção. Questionei por não estar falando nada de formação sindical, era só história. No primeiro módulo eu fazia as coisas sem entender, entrei e sai sem entender, fui ficando impaciente. No final do módulo é que fui cair na real, que não bastava saber o que era formação sindical sem conhecer como surgiram as lutas, só a partir daí eu fui entender".

> "Estava acostumado a fazer cursos de determinadas áreas, de finanças, de agrária, ... fui lá, fui com essa mentalidade, de fazer um curso como esses que a gente já faz no nosso dia a dia. Mas, chegando lá, havia um conflito de ideias, de metodologia. Eu não aceitava a metodologia de trabalho, mas, passando uns dias fui percebendo a importância de se trabalhar os temas como foram trabalhados lá, temas que a gente não para aprofundar, temas como ideologia, assuntos que para a gente são alheios, que a gente não precisaria deles para ser um dirigente sindical. Mas vi que estava enganado."

Nem tudo, no entanto, era inquietação. A turma regional construiu gradativamente, conforme Paulo Freire, um "clima da camaradagem". Desde os primeiros passos buscou-se conhecer melhor os(as) companheiros(as) dos outros Estados da Região, suas experiências, costumes e tradições, desafios e a diversidade do trabalho, quando perceber a unidade do movimento foi um processo rico, dinâmico. Havia, anteriormente, conexões entre as ações sindicais comuns na mobilização de mulheres, atividades como o Festival da Juventude, Grito da Terra, Marcha das Margaridas, e outras, no entanto a necessidade de uma articulação regional mais intensa era e é um grande desafio. Podemos dizer que esse entrosamento inicial é um grande passo.

As pessoas levam os aprendizados de um espaço aos outros, assimilando a responsabilidade que passam a ter nessa estratégia de rede, como é possível acolher na autocrítica do relato a seguir, no qual apesar da vivência no curso nacional de 2 módulos de 12 dias cada, algumas pessoas saíram sem saber os nomes de outras, e como buscou construir uma nova inserção no espaço coletivo:

> "No curso nacional senti grande impacto. Havia muita gente e os grupos ficaram isolados, não tinha integração, nem na Região Sudeste Acho que a culpa foi nossa, do grupo. (...) No segundo módulo tivemos o cuidado de misturar os grupos, (...) quando nos misturávamos, os trabalhos rendiam mais, mas não houve integração total." (...)

> "Aprendi que todos são importantes, que devemos respeitar as diferenças. A integração que faltou no nacional, aconteceu no regional. Lá eu me senti parte do grupo".

REPERCUSSÕES E APRENDIZAGENS PARA A ATUAÇÃO MILITANTE E PARA A VIDA

O fio da história: a caminhada revelou a importância de compreender os elementos constitutivos de nossa história sob outra ótica (da classe trabalhadora), diferente daquela que é levada tradicionalmente pelos livros e pela escola que representa e interessa à visão hegemônica. Essa experiência permitiu um olhar ampliado, a compreensão dos fatores que configuram a relação de dominação na sociedade e as razões para empreender a luta sindical.

Para tanto, foi importante a presença de acadêmicos e estudiosos, na condição de colaboradores da Enfoc, para reafirmar esse entendimento. Muito embora alguns tivessem pouca relação e conhecimento sobre o movimento sindical, deram conta do recado. Cabe aqui uma reflexão sobre a escolha de quem vem colaborar nos cursos da escola. Devem ter afinidades

pedagógicas, metodológicas, ideológicas e, na medida do possível, conhecer o movimento sindical e a realidade do campo brasileiro com as especificidades regionais.

Seguindo os estudos sobre a história de lutas e da classe trabalhadora, e com uma aproximação ao MSTTR, um dos momentos de "alta" foi o de dialogar com personagens da nossa história, em especial com Joaquim (Poté), diretor regional ..... da Fetaemg e Pedro ..... que participou da articulação das Ligas Camponesas no Rio de Janeiro e, na época, era vereador na cidade do Rio de Janeiro. Ambos deram testemunho sobre suas experiências em momentos conjunturais diferentes e bem mais difíceis do que os dias de hoje. Os militantes mais recentes não têm noção do que isso representa, por isso é necessário dar esse mergulho na história.

As "metodologias": a ludicidade e a criatividade em alguns momentos do curso, tornaram temas densos, como capitalismo e socialismo, mais fáceis de se compreender. Ajudaram a criar e consolidar laços entre os participantes, facilitando, assim, a integração da turma. É importante ressaltar, porém, que dinâmicas não devem ser planejadas ou compreendidas enquanto "brincadeiras", como recurso para movimentar, um "quebra-gelo". Dinâmicas são recursos que devem ser acionados de forma contextualizada com os temas e os momentos de estudo, e cumprem a função de facilitar as aprendizagens e trazer maior leveza sem comprometer os objetivos de cada passo.

Empoderamento: esse sentimento é percebido na medida em que as pessoas revelam ter mais segurança, entender melhor o seu papel no movimento sindical e construir os argumentos consistentes na defesa de seus pontos de vista. Seja pela recente incursão no movimento, seja pela carência de formação e informação, os relatos expressam que a vivência na Escola possibilitou refletir sobre um conjunto de temas da história da humanidade, das lutas, de concepção sindical, de concepção de desenvolvimento rural e no âmbito das reações sociais de gênero e étnico-raciais. São aspectos importantes que alimentam a prática sindical, reforçam o sentido de pertencer ao campo e à categoria e contribuem com uma atuação fortalecida:

> "(...) mudou o meu jeito de trabalhar no sindicato, hoje numa assembleia, mudamos o modo de conduzir. (...) estamos fazendo orçamento participativo que é aprovado pelos próprios trabalhadores em assembleia."

> "Hoje estamos conseguindo trabalhar com mais companheirismo no sindicato. (...) na minha visão, as pessoas só viam o sindicato pelo seu lado financeiro, dos funcionários aos dirigentes, como se fosse um

cargo vitalício. (...) estou esclarecendo aos sócios que o sindicato serve mais do que encaminhar aposentadoria."

"(...) houve uma mudança na cabeça das pessoas, nos levou a conhecer o porque do sindicato, do MSTTR e assim mudar nossa prática, também me ajudou a ser mais segura nas minhas ações. Hoje, quando vou conversar na prefeitura ou nas reuniões, tenho mais argumentos e segurança."

Os Estados partiram para a multiplicação criativa por caminhos distintos, considerando a diversidade e as dificuldades anteriormente descritas. Houve situação em que foi possível planejar coletivamente e socializar as responsabilidades entre o grupo de educandos(as) do Estado, quando cada pessoa se responsabilizou em preparar e coordenar os módulos. Isso gerou uma mobilização favorecendo algumas iniciativas importantes, como criar ou resgatar o coletivo estadual de formação e gerar alguns coletivos municipais.

Registrou-se, também, outra situação em que a realização dos módulos estaduais ficou centralizada em uma ou duas pessoas com dificuldades em manter o ritmo e a regularidade destes, sem conseguir dar conta da dimensão da construção coletiva do processo. As repercussões são avaliadas nos espaços diretivos das federações e refletidas, juntamente com outros Estados e regiões, no Coletivo Nacional de Formação e Organização Sindical.

Considerando o conjunto de dificuldades enfrentadas pela Região no processo de multiplicação criativa, e seguindo dinâmicas próprias em cada Estado, a sistematização aponta a necessidade de avançar nos diálogos regionais, de investir mais nos processos de formação e "mergulhar" com maior segurança na sistematização da experiência, para, em uma próxima incursão, trazer com mais força os sujeitos políticos da formação da Escola.

4 Região Sul

Jose Lourenço Cadona
Maria dos Passos Viana Bottega
Marileia Tonietto

Visita pedagógica – Curso Sul

CARACTERIZAÇÃO DA REGIÃO

A Região Sul ocupa uma área de 576.409,6 km², sendo a menor região em extensão territorial dentre as regiões brasileiras, tendo uma população de 27.308.883 habitantes (IBGE, 2007), com uma densidade demográfica média de 46,37 hab./km². Possui o maior Índice de Desenvolvimento Humano (0,831) e o segundo maior Produto Interno Bruto per capita do país, sendo a região mais alfabetizada, com 94,8% da população.

Esta Região é formada pelos Estados do Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. O quadro a seguir mostra as unidades federativas pertencentes à Região com suas respectivas informações:

Unidade da Federação	Área (km²)	População (hab.)	Densidade Demográfica (hab./km²)	IDH
Paraná	199.314,9	10.387.378	52,1	0,787
Rio Grande do Sul	281.748,5	10.963.219	38,9	0,814
Santa Catarina	95.346,2	5.958.266	62,5	0,822
Total	**576.409,6**	**27.308.863**		

Fonte: IBGE, 2006; PNUD, 2000.

Verifica-se que a Região Sul possui os maiores índices sociais do país, sendo um polo turístico, econômico e cultural de grande importância para o desenvolvimento. Com um Produto Interno Bruto (PIB) per capita de R$ 13.208,00 reais, representa o segundo maior PIB do Brasil, ficando atrás apenas da Região Sudeste.

Os três Estados que formam a Região Sul reúnem os melhores indicadores em educação, saúde e qualidade de vida.

É uma das regiões mais ricas das Américas do Sul e Latina, estando situada na zona temperada do Sul, com a parte Norte na zona tropical.

A Região Sul faz fronteira com o Uruguai ao Sul, com a Argentina e com o Paraguai ao Oeste, com as regiões Centro-Oeste Sudeste do Brasil ao Norte e com o oceano Atlântico ao Leste.

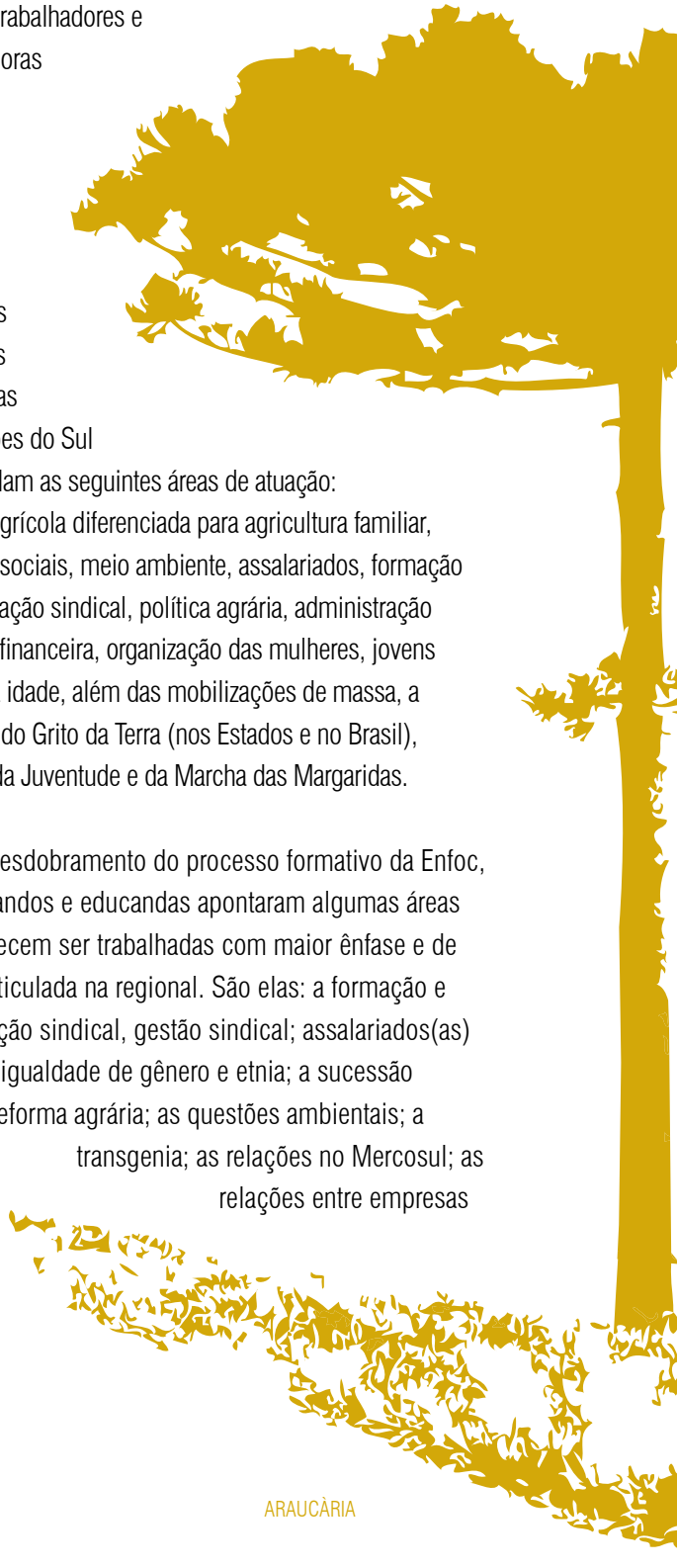
Os indígenas foram os primeiros habitantes da Região. Os padres jesuítas espanhóis chegaram em 1626 com a finalidade de catequizar os índios. Esses religiosos formaram as aldeias, que eram denominadas missões ou reduções.

A Região Sul tem uma forte influência européia por interferência do processo de imigração, principalmente italianos, alemães e poloneses, que para cá vieram atraídos pelos incentivos do governo brasileiro em ofertar mão de obra para o trabalho nas fazendas. O povo da Região tem uma história de resistência e lutas em defesa de seus ideais que todo o Brasil conhece, como: a Guerra dos Farrapos, a Revolução Farroupilha, a Revolução Federalista e a Guerra do Contestado.

A Região Sul é formada por três *Federações* de Trabalhadores na Agricultura filiadas à Contag: a Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Paraná (Fetaep) compreende 301 sindicatos filiados e representa mais de 1 milhão de trabalhadores e trabalhadoras rurais; a Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Santa Catarina (Fetaesc) abrange 198 sindicatos filiados e 22 extensões de base, representando 640 mil trabalhadores e trabalhadoras rurais; e, por fim, a Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul – (Fetag/RS) que compreende 354 sindicatos filiados e 31 extensões de base, e que representa 1 milhão e 390 mil trabalhadores e trabalhadoras rurais.

As principais bandeiras de luta das Federações do Sul contemplam as seguintes áreas de atuação: política agrícola diferenciada para agricultura familiar, políticas sociais, meio ambiente, assalariados, formação e organização sindical, política agrária, administração e gestão financeira, organização das mulheres, jovens e terceira idade, além das mobilizações de massa, a exemplo do Grito da Terra (nos Estados e no Brasil), Festival da Juventude e da Marcha das Margaridas.

Com o desdobramento do processo formativo da Enfoc, os educandos e educandas apontaram algumas áreas que merecem ser trabalhadas com maior ênfase e de forma articulada na regional. São elas: a formação e organização sindical, gestão sindical; assalariados(as) rurais; a igualdade de gênero e etnia; a sucessão rural; a reforma agrária; as questões ambientais; a transgenia; as relações no Mercosul; as relações entre empresas



ARAUCÀRIA

integradoras e os trabalhadores rurais; a legislação das agroindústrias e a representação político-social do meio rural na Região.

Esta discussão amadurecida no processo culminou na construção de um **Marco Referencial para uma Ação Sindical Sul sem Fronteiras**. Esse documento, apresentado ao final deste texto, tem por objetivo delinear as áreas de ações conjuntas e, assim, reforçar a integração das três Federações no intuito de contornar dificuldades, permitir a troca de experiências e dar maior efetividade às ações do MSTTR.

INTRODUÇÃO

O Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (MSTTR) tem, ao longo de seus 46 anos de história, investido na formação de seus dirigentes, lideranças e assessores, buscando incorporar os aprendizados e dialogar com os desafios e dificuldades com os quais convive, procurando avançar na luta sindical. Nessa trajetória, elabora, em 1996, o Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário (PADRSS) como forma de contraposição ao projeto hegemônico neoliberal.

O neoliberalismo apresenta-se, nas ultimas décadas, como resposta única à realidade atual, desqualificando qualquer outra proposta. Despreza o Estado, os sindicatos e os partidos políticos. A educação e a formação assumem, assim, papel estratégico, permitindo uma leitura crítica do mundo. Por isso, nos últimos anos, a agenda da formação sindical do MSTTR tem caminhado no sentido de construir uma Política Nacional de Formação (PNF), cujos referenciais políticos estão alicerçados no PADRSS.

A Escola Nacional de Formação da Contag[1] (Enfoc) é criada, em 2006, como espaço estimulador das reflexões sobre a prática do MSTTR e também de aprofundamento dos temas presentes na agenda sindical. Assume a PNF, que se constitui num conjunto de diretrizes, princípios, fundamentos e estratégias que, por sua vez, estimula esse entrelaçar de práticas formativas comprometidas com a transformação e emancipação dos sujeitos.

A PNF e a Enfoc têm por objetivos viabilizar a formação político sindical de militantes do MSTTR, de modo que aprimorem sua capacidade multiplicadora e potencializadora da ação formativa em suas áreas de atuação. Percebe-se que, pela concepção da Escola, antes de se ser educador deve-se ser militante. Por isso, o Projeto Político Pedagógico (PPP) da Enfoc pensa a formação político ideológica, sistemática e continuada, em contraposição à formação meramente temática e bancária, pois, segundo Paulo Freire "ninguém luta contra forças que não entende, cuja importância não meça, cujas formas e contornos não discirnam" (1977).

Nesse sentido, a sistematização é parte constituinte do processo formativo, uma vez que sistematizar é produzir conhecimento, é refletir ordenadamente a partir da prática dos sujeitos, submetendo tudo a uma crítica, problematizando e identificando os conflitos e contradições, analisando e buscando os porquês e as relações entre as coisas. Trata-se de uma atividade de produção de saberes que permite aos sujeitos apropriarem-se de sua experiência, tendo importância

[1] A Enfoc é uma escola orgânica (significando haver vinculação estreita entre as várias instâncias da estrutura sindical, com espaços comuns de deliberação e construção política) à Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura – Contag. Como tal, é desafiada a se tornar uma permanente consciência crítica do MSTTR, contribuindo para que este pense e repense criticamente: os rumos da luta, a organização sindical, as práticas sindicais e seu projeto político (Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário).

relevante em trabalhos de promoção social, de educação e de desenvolvimento.

Falkembach (2009), referindo-se a Foucault, afirma: "a experiência é vivência intensa". Já, para Freire (1993), o registro da prática é uma exigência que decorre da criticidade exercida no ato de estudar, o que demanda "a leitura da palavra e a leitura do mundo, leitura do texto e do contexto". "Estudar não é um ato de consumir idéias, mas de criá-las e recriá-las". O processo de sistematização, então, deve instigar os educandos e educandas a um olhar reflexivo sobre um objeto "do vivido" para captar as significações e ressignificações. Este processo dialético permite ao indivíduo se rever ou leva-o, muitas vezes, a situações-limites. [2] (Falkembach, 2009).

Assim sendo, o presente trabalho é o resultado de um processo de sistematização construído pelos educandos e educandas dos cursos nacional e regional Sul da Enfoc, realizados em 2007 e 2008. Fica evidente nesse processo a ênfase a um novo "marco referencial. [3]" Compreendendo que o processo de sistematização tem por objetivo ressignificar a prática e, assim, elaborar uma nova teoria, este marco referencial leva à criação de uma nova realidade, ressignificando a formação político-sindical e as práticas a ela referidas. Essa nova realidade almejada estaria alicerçada na teoria freireana da utopia concreta, que significa estabelecer diálogo entre os "atos de denunciar e anunciar, sendo o ato de denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estrutura humanizante"[4] (1979), portanto em perfeita consonância com os princípios e diretrizes do PADRSS.

Os fundamentos teóricos deste trabalho baseiam-se, principalmente, nas concepções de Paulo Freire, por entendê-lo como educador popular por excelência. Organizamos o texto da seguinte forma: inicia trazendo as matrizes pedagógicas dos cursos, nacional e regional Sul, caracterizando os eixos temáticos e pedagógicos, além dos conteúdos trabalhados em cada um deles. Na sequência, apresenta os processos de recriação do curso regional Sul, realizados por meio das oficinas de autoformação, bem como as percepções sobre as dinâmicas e técnicas utilizadas no âmbito da metodologia proposta pelo PPP da Escola. Continuamos destacando as escutas realizadas a partir da visita pedagógica e da percepção dos educandos, educandas e dirigentes das federações quanto ao processo formativo como um todo. Ainda, inserimos a carta elaborada pelos participantes da segunda turma regional Sul, contendo o marco referencial[5] para uma ação sindical "sul sem fronteiras", e finalizamos com algumas considerações.

CURSO NACIONAL DE FORMAÇÃO

No âmbito do espaço nacional, o processo formativo da primeira turma da Enfoc desenvolveu o eixo temático "Ação Sindical e Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário", como também as seguintes unidades temáticas:

a) Estado, Sociedade e Ideologia;
b) História, Concepção, Estrutura e Prática Sindical; e
c) Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário.

Os eixos pedagógicos versaram sobre memória e identidade, e pedagogia para uma nova sociabilidade. Os temas e conteúdos foram desenvolvidos em 2 módulos de 12 dias de duração cada um. O processo formativo previu, ainda, a realização de atividades inter e pós-módulos: tempo-escola e tempo-comunidade.

[2] Situações-limites, segundo Elza Falkemback (2009), são as experiências que impactam o indivíduo, envolvendo-o em contradições.

[3] O marco referencial é um resultado-proposta do processo formativo da Enfoc Região Sul, com objetivo de apontar caminhos e aprimorar a prática sindical.

[4] Refere-se à teoria da ação dialógica de Paulo Freire.

[5] Documento elaborado pelas educandas e educandos do Módulo III do Curso Regional Sul, realizado em Florianópolis, de 14 a 20 de novembro de 2009, com o objetivo de propor estratégias de ação sindical articuladas entre as federações da regional Sul.

Organização do tempo educativo

a) Tempo-escola: constitui-se em momentos formativos realizados na escola de formação, nos institutos de formação, nos coletivos e nos grupos de estudos, por meio da formação programada na modalidade presencial ou a distância.
b) Tempo-comunidade: constitui-se em momentos formativos realizados no cotidiano sindical, na formação na ação, nas atividades de pesquisa, de estudos e de sistematização.

Considera-se matrizes pedagógicas os conteúdos, por estarem referenciados no intuito de identificar os assuntos e compará-los com os módulos do primeiro curso regional, para, assim, apontar as especificidades da Região Sul.

OFICINAS DE AUTOFORMAÇÃO

Ao término do curso nacional tem-se como encaminhamento a construção de agenda para dar continuidade às atividades de formação. Nesse sentido, para viabilizar o processo formativo regional, fez-se necessário promover oficinas de autoformação previamente a cada módulo regional.

As oficinas de autoformação são partes integrantes das atividades pós-curso nacional, e tem por objetivo aprofundar as questões metodológicas e organizar e elaborar o processo formativo de cada módulo regional. [6] Também se propõem a aprofundar temas relevantes do processo educativo, incluindo as especificidades de cada região.

Em conformidade com o Projeto Político Pedagógico (PPP) da Enfoc, os educandos e educandas que concluíram o curso nacional elaboram as matrizes pedagógicas dos módulos do curso regional.
Com o intuito de explorar o significado do espaço de autoformação e vivência na recriação regional, optou-se por desencadear a sistematização, privilegiando um espaço de reflexão coletiva.

Os depoimentos que seguem foram obtidos em resposta às seguintes perguntas orientadoras: Como foi a preparação do curso regional? Quem participou? Pontos de tensão no itinerário; as convergências; saltos de aprendizagem.

[6] O Curso regional é composto por três módulos, de sete dias de duração cada, priorizando a realização itinerante em cada Estado.

Entre planejar e realizar existe o desafio de manter a lógica do curso. Embora não tenha participado do curso nacional, fui designado para representar a Fetag-RS/Ifsim na oficina nacional em preparação das atividades regionais. Senti-me muito à vontade para sugerir e discutir as temáticas e cronograma de realização. Houve um entendimento muito importante sobre a necessidade de descentralizar essas ações para envolver mais pessoas nesta caminhada/processo. A partir daí passei a integrar a equipe regional nas três oficinas em preparação aos módulos.

Nas oficinas regionais participou a maioria das pessoas que haviam participado do curso nacional, mais o diretor de formação da Fetag/RS, bem como a assessoria e diretora da Escola Nacional de Formação. A partir das discussões, foi fácil a montagem dos módulos (temas e programas), havendo sintonia para a escolha dos palestrantes paras as atividades, bem como os locais a serem realizadas as atividades.
Quanto à escolha das pessoas para participarem do curso, foi de forma democrática, onde, com lista de candidatos, a direção da Fetag/RS fez a escolha, baseada nos critérios definidos pela Escola.

Como ponto de tensão observado e percebido na preparação dos módulos, foi a dificuldade em contar com determinados palestrantes que eram consenso na equipe.

Como tensão na preparação, foi a não confirmação de palestrantes que haviam sido escolhidos por consenso. Diante da impossibilidade desses palestrantes, a equipe foi à procura de outras pessoas, as quais atenderam prontamente a nossa solicitação e deram conta do recado. Somos levados pelo tarefismo: deixamos as coisas pela metade. A participação integralmente não depende só de nós – “os de casa” se sobrecarregam com a estrutura. Os educandos do curso nacional poderiam ousar mais. Ficaram com medo.

As convergências foram muitas, mas destaco o espírito democrático da equipe, o compromisso assumido e a disposição para o trabalho.

O salto número um, para mim, foi trabalhar com a diversidade para chegar ao consenso. Houve descontruções para uma nova construção, existindo “um novo jeito de fazer”. O próprio trabalho em equipe, o respeito mútuo nos “pontos de vista”. Crescimento como equipe e como indivíduo.

Os depoimentos explicitam que o MSTTR é levado pelo tarefismo, o que impede a reflexão acerca das práticas sindicais. Isso é reflexo do atual modelo hegemônico. Segundo Freire e Shor (1986), em razão de forças políticas e do capital, as pessoas reduzem-se a executoras de tarefas preestabelecidas, acostumando-se e aceitando como natural os fatos que ocorrem na sociedade. Desenvolve-se um comodismo que restringe a compreensão crítica e, portanto, limita a criação de novas formas de vida. O homem moderno incorpora a cultura de massificação e se perde no excesso de informações, submetendo-se a mandados de autoridades que lhe apresentam o que

fazer, tornado-se domesticado, reduzindo-se, portanto, a objeto, e não a sujeito de suas práticas (Freire, 1980). Ainda conforme Freire (1972), resistir às ideologias exige a aquisição de novos pensamentos, ação e reflexão.

Isto pressupõe potencializar o uso da força da consciência, emocional e intelectual. Essa força da consciência implica a aquisição de novos pensamentos, novas maneiras de ver a sociedade e compreender a posição que se ocupa nela. Assim, temos de estar atentos a estratégias que visam a "nortear" o MSTTR. Em razão de a expressão "nortear" ter um cunho ideológico baseado na dependência dos países do Sul com relação aos países hegemônicos do hemisfério Norte do planeta, entretanto, cabe refletir, segundo Freire (1994), que o termo "sulear" surge como contraponto ao "nortear". Propomos, então, que a elaboração do marco referencial teórico "sul sem fronteiras" irá "sulear"/orientar nossas práticas.

Devemos, todavia, estar atentos no sentido de que as mudanças desejadas por meio da instituição do PADRSS e da PNF não acontecerão espontaneamente, pois existem relações de poder desiguais entre o sistema hegemônico e a classe trabalhadora. No âmbito da complexidade e mobilidade da realidade local hoje, o marco referencial se constitui em instrumento em permanente construção pelos trabalhadores e trabalhadoras rurais, imbuído da responsabilidade de promover as mudanças sociais almejadas e referidas no PADRSS e PNF.

Assim, o ser educador requer a postura de militante, no sentido da não acomodação. A acomodação, segundo Freire (2000b), é a expressão da desistência da luta pela mudança. Para quem se acomoda, falta a vontade de resistir.

O processo de sistematização suscitou depoimentos sobre a vivência nos módulos nacionais e também dos oficineiros,[7] para o que as seguintes perguntas foram elaboradas: Como avaliaram as abordagens teóricas, epistemológicas, matrizes discursivas? Quais as mudanças que ocorreram em relação às formações anteriores? Como os integrantes do curso "avaliaram" as propostas de desenvolvimento do curso no início e no final do processo? Como foi a animação do processo? Teve momentos de "baixa" e de "alta"? Como se reagiu quanto a isso? Como a discussão do ser educador(a) aconteceu? A que significados chegaram essas discussões? O que mudou no ser si, ser junto e ser relação?

[7] O grupo atribui a oficineiros um conceito novo: são as educandas e educandos responsáveis pela elaboração das matrizes pedagógicas dos módulos do itinerário regional.

Os conteúdos foram trabalhados sem perder de vista a identidade rural e a compreensão do ser humano na sua totalidade. Dessa forma, o processo de aprendizagem se dá pela construção em conjunto, visando sempre primeiro a descontrução da concepção dominante imposta para então construir uma nova concepção com ênfase na nova sociabilidade.

A Enfoc procurou trazer uma diversidade de recursos dentro da abordagem metodológica: aula expositiva, trabalhos em grupo, diálogos pedagógicos, discussões, leitura de textos. Cada educador ficou livre para trabalhar o tema, dentro da linha da escola é claro. Alguns souberam abordar o conteúdo e explorar os recursos didáticos melhor do que os outros, e, coincidência ou não, a aprendizagem foi maior.

A principal mudança que percebi está nos espaços voltados aos diálogos pedagógicos, como forma de retomar os conteúdos trabalhados e os sentimentos despertados no grupo, visando sempre à percepção do homem na sua totalidade. Os conteúdos foram mais aprofundados e bem discutidos, esclarecidos.

Avalio de forma positiva, embora o tempo de “confinamento” tenha sido considerado uma dificuldade, principalmente no primeiro módulo. No início, com certeza, tudo era difícil de entender, mas, no final, as coisas foram mais fáceis”.

Foi boa. Os participantes que se sentiam à vontade e que apresentavam habilidade para tal coordenavam as animações. A única critica é que se a animação faz parte do processo, então deve contar como carga horária, pois aconteceu, na segunda turma, de termos que ficar até mais tarde do horário combinado em função do tempo usado na animação, o que, a meu ver, torna-se incoerente. Houve uma grande integração entre os Estados, o que foi muito bom.

Sim, como em qualquer atividade grupal. Mas o grupo da segunda turma soube conduzir bem o processo e as dificuldades foram superadas de forma madura e a contento de todos. Com certeza foram muitos dias de desafio de nossas vidas.

A discussão do ser educador(a) esteve presente todo tempo. Acredito que aqui fica marcante o fato da identificação. Há importância de se identificar com o que você vive para desempenhar seu papel da melhor forma possível, pelo bom envolvimento dentro das discussões do MSTTR.

Foi muito significativo participar de um curso com esse nível de aprofundamento. Propiciou reflexões sobre o meu papel dentro do movimento.

Algumas considerações a partir do que os educandos e educandas relataram evidenciam que determinados conteúdos presentes nas matrizes pedagógicas dos módulos I e II do curso nacional não aparecem em seus relatos, tais como: oficina especializada de avaliação e sistematização; questões de Gênero e Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário (DRSS): este último apenas referido de forma genérica, não ficando evidenciada a ênfase dada ao PADRSS.

A partir do exposto até o momento, temos elementos para compreender o porquê de sses conteúdos não terem sido trazidos pelos participantes. Nessa vivência, a todo o momento os educandos e educandas vivem situações-limites conflitantes entre a "prática velha" e o exercício do processo formativo em busca da "prática nova".

Segundo Osowski (2008, p. 384), situações-limites:

> São constituídas por contradições que envolvem os indivíduos, produzindo-lhes uma aderência aos fatos e ao mesmo tempo levando-os a perceberem como fatalismo aquilo que lhes está acontecendo. Como não conseguem afastar-se disso, nem se percebem com algum empowerment, aceitam o que lhes é imposto, submetendo-se aos acontecimentos. Eles não têm consciência de sua submissão porque as próprias situações-limites fazem com que cada um sinta-se impotente diante do que lhe acontece, não percebendo que poderiam responder de outro modo às tarefas que essas situações exigem.

A isso se soma o temor quanto aos riscos a que se submeteriam caso resistissem a esse fatalismo. As situações-limites cerceiam os indivíduos, os quais não enfrentam os desafios, pois lhes exigiria uma postura de maior mobilidade e a necessidade de abrir mão de uma situação de acomodação.

Quanto aos riscos e a relação de contradição entre a prática do velho e do novo, entretanto, ressaltam Fischer e Lousada (2008, p. 372):

> A disponibilidade ao risco seria condição própria do pensar certo, saber necessário à criação de uma pedagogia da autonomia, não numa postura de quem adere ao novo irrefletidamente porque é novo, descartando o que é velho, mas que se permite, apesar de entender que o velho, que marca certa tradição do pensar se mantém atual pelo que tem a dizer sobre e com a realidade, não se enclausura na negação do novo por medo da novidade.

CURSO REGIONAL DE FORMAÇÃO

O curso regional de formação é o espaço de articulação que objetiva promover o diálogo com a realidade regional e com a proposição de estratégias de execução das ações formativas. Os processos desenvolvidos nesse espaço conjugam a formação de multiplicadores e multiplicadoras, a formação de dirigentes e assessoria sindical e a animação de processos formativos.

Conforme a estratégia político-pedagógica da PNF, o processo formativo do primeiro curso regional da Enfoc se orientou pelas unidades temáticas centrais trabalhadas no espaço formativo nacional: a) Estado, Sociedade e Ideologia; b) História, Concepção, Estrutura e Prática sindical; e c) Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário. Da mesma forma, os eixos pedagógicos versaram sobre: a Memória e Identidade e Pedagogia Para Uma Nova Sociabilidade. O diferencial é que as unidades temáticas e os conteúdos são pensados levando-se em conta as especificidades da Região Sul.

As unidades temáticas e conteúdos foram desenvolvidos em três módulos, com sete dias de duração cada. O processo formativo contemplou a realização de atividades inter e pós-módulos.

A seguir apresenta-se as matrizes pedagógicas dos três módulos regionais com o objetivo de evidenciar as especificidades que a Região entendeu como necessárias a serem trabalhadas:

- Principais conteúdos trabalhados no Módulo I

- *Nacional de Formação do MSTTR*: Enfoc e Projeto Político Pedagógico.
- *Sistemas de sociedade*: patriarcalismo, escravismo, feudalismo, capitalismo, socialismo e comunismo; características de cada sistema social e seus vestígios no Brasil de hoje, considerando as relações de trabalho e relações sociais em cada sistema; conceito de trabalho e sua importância na construção das identidades e relações sociais; relações sociais de gênero, geração, raça e etnia.
- *História da região: movimentos históricos e lutas pré-sindicais*. Revolução Farroupilha, Guerra do Contestado, Guerrilha de Porecatu, Revolta dos Colonos.
- *Diálogos pedagógicos – memória e identidade*: dinâmica e orientações para realização de memorial[8].
- *Gestão democrática*: Estado; modelo de Estado e consequências do projeto hegemônico no campo; Estado e sua relação com a sociedade civil.
- *Capital e trabalho*: relação capital/trabalho no assalariamento rural. Exclusão dos meios de produção; situação dos sem terra no Brasil; acesso a tecnologias, capital e mercados; agricultura familiar x agricultura patronal.
- *Diálogo pedagógico*: Estratégia formativa da escola e atividade intermódulo.

A proposta de construção do memorial foi bem aceita pelo grupo, que se apropriou desse recurso pedagógico. Sintetizamos, a seguir, alguns momentos relevantes dos memoriais elaborados.

Iniciei no MSTTR em 1998, na comissão municipal de jovens, organizada pelo STR. Passei a fazer parte da CEJTTR da federação. Em 2004 fiz o curso estadual de formação e aprendi muitas coisas que me serviram de alicerce para continuar as atividades no MSTTR. Fui convidada a fazer o curso nacional de formação da Contag. Com todas essas aprendizagens que obtive, tanto no curso estadual e no nacional, hoje no MSTTR milito com mais entusiasmo, com mais amor e dedicação nos trabalhos que desenvolvo.

Iniciei minhas atividades no MSTTR na organização das mulheres do STR. Vi neste trabalho a chance de mudanças. Consegui as mudanças que desejava e hoje no STR mais de 50% dos componentes da diretoria são mulheres. Assumi a presidência do STR e, posteriormente, a Secretaria Geral da Federação. Tenho sempre comigo: lutar sempre pela justiça, união, solidariedade e igualdade social.

Trabalhei como empregado rural, pois meu pai não tinha condições de dar um pedaço de terra para eu trabalhar. Batalhei e consegui meu pedaço de chão, mas com a construção de barragens, perdi a terra que havia conseguido. Encontrei várias barreiras e fui vencendo uma por uma. Trabalhei como funcionário do STR e arrendei terras para trabalhar. Após anos de luta, passei a assessor na regional sindical e foi esta etapa que me fez entender alguma coisa: Por que tantas desigualdades? Por que as coisas têm que ser assim? A partir da vivência na escola, passei a compreender os porquês das coisas. Sei que devo dar do melhor de mim para ajudar o MSTTR e as pessoas que estão em minha volta.

[8] O memorial é um instrumento pedagógico que consiste em registrar a história de vida e de luta dos educandos e educandas, visando à integração e o estreitamento de laços em torno de objetivos comuns, superando, inclusive conflitos internos.

Sou uma pessoa nova no MSTTR, mas mesmo estando neste caminho há pouco tempo, já me sinto fascinada pelos motivos que levam tantas pessoas a estarem lutando em busca de objetivos comuns. Sei que seguir nesta estrada não é uma tarefa fácil, mas busco a motivação e o estímulo para seguir. Vejo que temos uma longa caminhada em busca dos ideais, é possível construir um mundo mais justo. Minha história de vida é curta e sinto que no momento tenho mais a aprender do que a ensinar, mas tenho a certeza de que estou no caminho certo. Com muito esforço quero ajudar na construção desse novo mundo, tão almejado por todos.

Minha história de vida inicia com atividades que desenvolvia na Igreja. Após passei a organizar as mulheres em minha comunidade. Como meu marido participava da diretoria do sindicato e por motivos de saúde não pode ir a uma reunião, lá fui eu representá-lo. Participei atentamente da reunião e em seguida participei de uma segunda reunião. Quando da elaboração da chapa para nova diretoria, fui surpreendida com o convite em participar como membra do Conselho Fiscal. Eleita, dei continuidade na organização das mulheres no município. Com esse trabalho, passei a assessorar a regional sindical, pois entendi que cavalo encilhado não passa duas vezes para a mesma pessoa. O MSTTR só me fez crescer como ser humano e como mulher. Se sou o que sou hoje, se deve ao MSTTR.

Em minha vida sempre tive e tenho paixões. Minha primeira paixão foi trabalhar na terra, ser agricultor. Desde jovem me associei em cooperativa e no sindicato, pois acreditava que através do associativismo poderíamos mudar os rumos do desenvolvimento. As atividades e a militância no MSTTR abriram caminhos para atuar em instituições públicas. Foi uma experiência curta, mas rica pelos ensinamentos que tive. Percebi que ali não era meu lugar e sim no MSTTR. Hoje estou no MSTTR e atuo com orgulho e muito empenho e dedicação, pois vejo a agricultura a mais nobre das atividades a ser exercida.

Quando eu era adolescente, meu pai se filiou no sindicato, por interesses assistenciais e eu me perguntava: Que fantasma é este sindicato que dá assistência? Mudamos-nos para outro município e ali não existia sindicato. Comecei a trabalhar nos serviços da Igreja. Um grupo de agricultores resolveu criar um sindicato, por influência da Igreja. Como eu atuava nas pastorais da igreja, fui indicado para fazer parte da diretoria provisória do sindicato. Vieram as eleições e eu fiz parte da diretoria. Com a morte do presidente, assumi a Presidência do sindicato, mas não tinha experiência para isto. Como eu trabalhava de empregado rural, dividia as tarefas em ser assalariado e presidente do sindicato. Foi aí que tivemos que fazer uma greve contra os patrões da empresa em que trabalhava. Como presidente, coordenei a greve que teve a participação de mais de 5 mil cortadores de cana da região. Muitas negociações foram feitas até que conseguimos o que os trabalhadores queriam. Passei a ser perseguido pelos patrões, mas nunca me afrouxei. Continuei firme na luta. Hoje sou grato ao MSTTR o qual me ensinou a viver dignamente, pois combati em bom combate e venci.

Percebemos que as questões relativas à avaliação e à sistematização não apareceram, em nenhum momento, nos depoimentos das educandas e dos educandos, embora tenham feito parte das matrizes pedagógicas dos módulos do itinerário regional. Nesse mesmo sentido, questões de gênero, PADRSS e trabalho, também não apareceram com ênfase nos testemunhos. Concluímos que tal fato se deu em razão de que os conteúdos não foram aprofundados como requeriam. Por ocasião da recriação do segundo curso regional, os oficineiros, com base na experiência do primeiro curso regional, tiveram a preocupação em retomar conteúdos já discutidos em módulos anteriores, mas que não foram devidamente compreendidos pelos educandos e educandas. Ainda, a retomada serviu para atender às especificidades da Região Sul.

- Principais conteúdos trabalhados no Módulo II

- *Identidade regional*: uso da mística como referência forte do vivenciado.
- *Identidade social de classe*: raça e etnia; gênero.
- *Histórias de lutas na Região Sul*: abordagem histórica das lutas na Região Sul, considerando as colônias anarquistas, ligas camponesas, as frentes agrárias do Estado do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná; memória e identidade: testemunhos de lideranças que fizeram a história dos trabalhadores e trabalhadoras rurais da Região Sul.
- *Contexto e origem do sindicalismo no Brasil*: história; concepção e prática sindical.
- *Organização no campo*: trajetória histórica da Contag e das federações; história de lutas das mulheres; a construção do Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário - PADRSS. Potencial e limite das disputas políticas: pontos para reflexão.
- *Desafios e perspectivas para o MSTTR*: a relação entre PNF e a prática sindical: princípios e sujeitos.
- *Diálogos pedagógicos*: estratégia formativa da Escola e atividade intermódulo.

Atividade entre Módulo I e II: cada educando e educanda foi orientado(a) a pesquisar sobre as lutas pré-sindicais que influenciaram a criação do MSTTR na Região.

- Principais conteúdos trabalhados no Módulo III

- *Análise de conjuntura*: aspectos políticos, sociais e econômicos; Brasil e América Latina. Cenários da agricultura brasileira contemporânea e relações de trabalho.
- *Estado e desenvolvimento*: contexto histórico; concepções de desenvolvimento.
- *Identidade social de classe:* mística como referência de estudo sobre a identidade social de classe.
- *Desenvolvimento rural sustentável e solidário*: desenvolvimento, sustentabilidade, solidariedade e ruralidade, meio ambiente, economia solidária e segurança alimentar e visita à comunidade do Terceiro Plano em Contenda, Região Metropolitana de Curitiba/PR.
- *Diálogos pedagógicos*: PNF; PADRSS enquanto referência da formação; estratégia nos Estados, considerando cursos estaduais e GES. Coletivos estaduais de formação.
- *Tendências e desafios para o MSTTR*: consolidação do PADRSS; reforma agrária; agricultura familiar; assalariados(as); gênero, geração, raça e etnia; meio ambiente. Perspectivas do MSTTR para as políticas públicas para a agricultura familiar.
- *Memória e identidade*: ser e estar; querer estar (eu coletivo); eu no MSTTR.

Atividade entre Módulo II e III: os educandos e educandas foram orientados a estudar uma experiência relacionada à concepção do PADRSS.

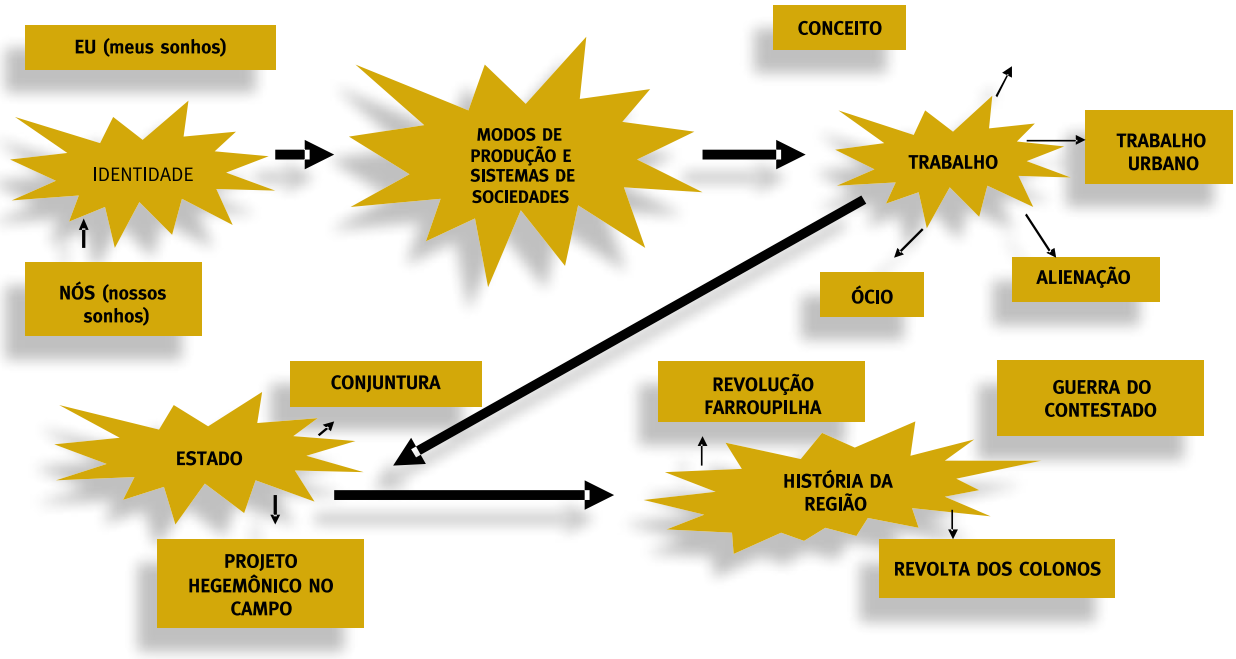
O papel da mística[9] no processo formativo: sendo um instrumento pedagógico, a mística foi utilizada em todos os momentos da realização dos módulos. Serviu para integrar os educandos e as educandas em torno de objetivos comuns e da produção do sentido do fazer.

A mística inspira a militância e, nesse sentido, ela precisar estar motivada e enraizada numa crença, na fé da utopia. A militância é uma forma consciente e engajada de evitar o conformismo, o comodismo e a submissão, fazendo assumir o coletivo.

A seguir são apresentados os mapas mentais[10] que buscam sintetizar todo o processo formativo do primeiro curso da Região Sul. Mapa mental é um recurso pedagógico que tem por objetivo sintetizar de forma gráfica os processos formativos. Sua construção abre espaço ao diálogo no processo educativo. Na Região Sul, cada módulo do curso regional, resultou nesse tipo de síntese.

MÓDULO I

EIXOS: ESTADO, SOCIEDADE E IDEOLOGIA
EIXOS PEDAGÓGICOS: MEMÓRIA, IDENTIDADE E PEDAGOGIA PARA UMA NOVA SOCIABILIDADE

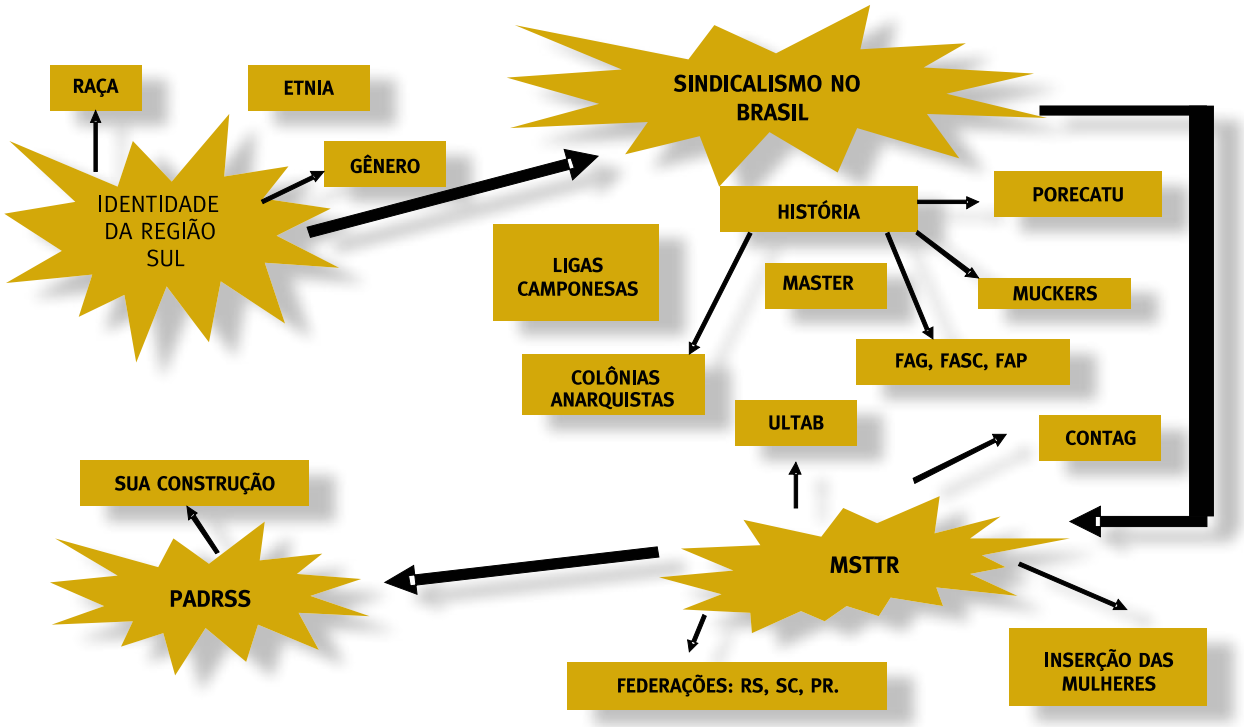


[9] Conceito de mística: viver, reviver, criar e recriar experiências com intensidade.

Módulo II:

EIXOS: HISTÓRIA; CONCEPÇÃO E PRÁTICA SINDICAL.

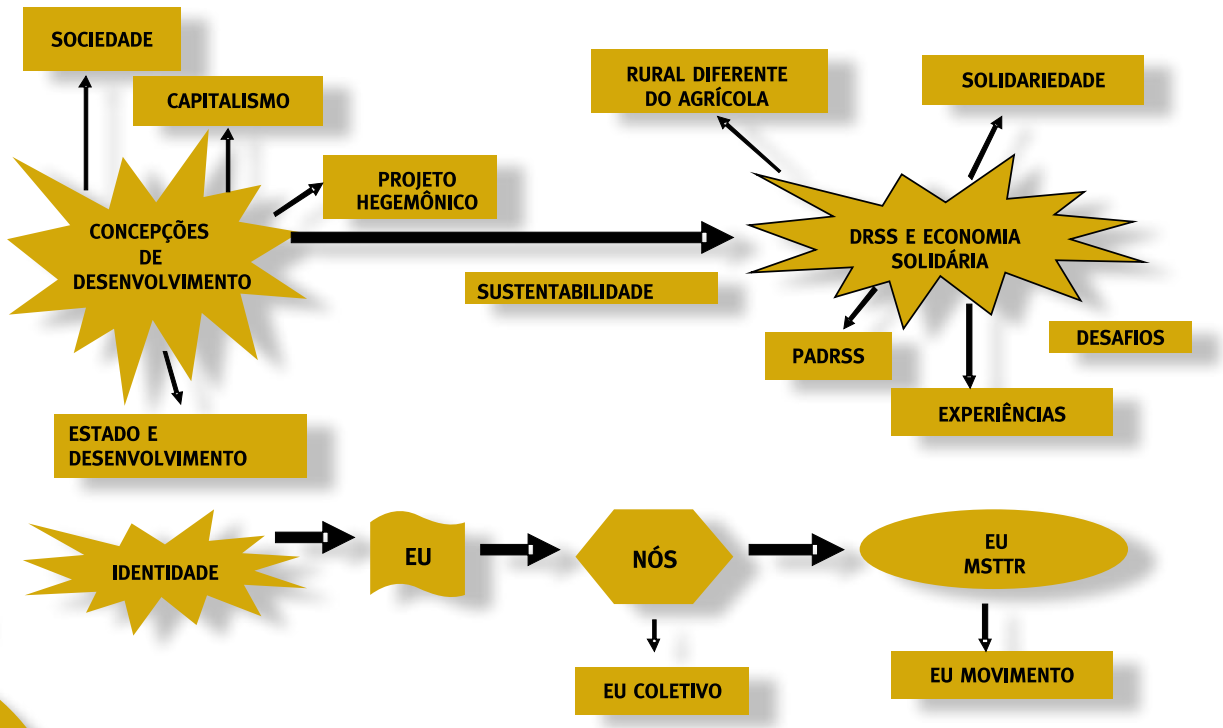
EIXOS PEDAGÓGICOS: MEMÓRIA, IDENTIDADE E PEDAGOGIA PARA UMA NOVA SOCIABILIDADE.

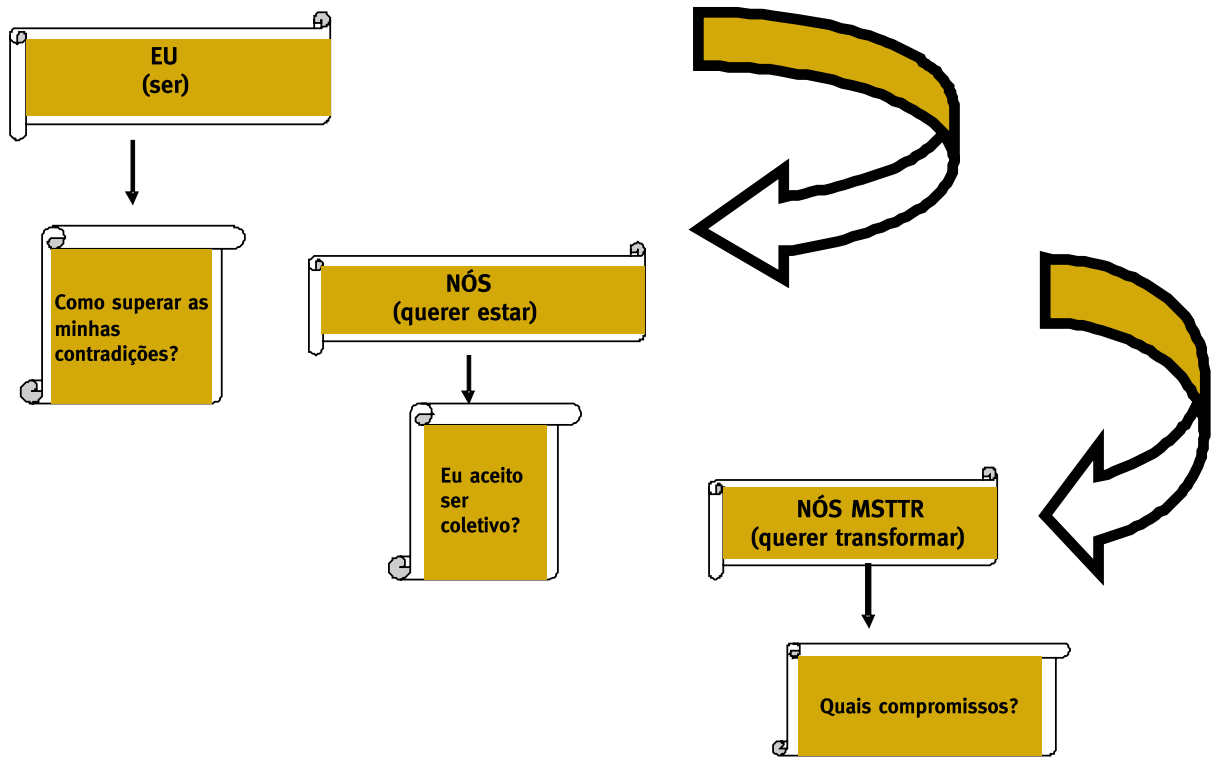


MÓDULO III:

EIXOS: DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL E SOLIDÁRIO

EIXOS PEDAGÓGICOS: MEMÓRIA, IDENTIDADE E PEDAGOGIA PARA UMA NOVA SOCIABILIDADE.





- Caminhos Pedagógicos

Na realização dos três módulos foram enfocadas as questões teóricas e epistemológicas,[11] as quais propiciaram melhor compreensão dos temas abordados. Com exceção de alguns casos, as abordagens metodológicas e didáticas foram bem trabalhadas, fazendo com que as atividades fossem cativantes e atraentes, facilitando o entendimento. Em todos os momentos houve a interação entre educadores e educandos com trocas de experiências. As atividades intermodulares foram fundamentais para entender melhor os conteúdos programáticos estabelecidos, primando, assim, pelo exercício da teoria/prática/teoria. Nesse sentido, Freire (1996) considera: "tão importante quanto o ensino dos conteúdos é a minha coerência na classe. A coerência entre o que digo o que escrevo e o que faço".

Alguns depoimentos dos participantes do curso regional acerca das dinâmicas e técnicas empregadas:

[11] Relativo à epistemologia que estuda a natureza do conhecimento, seus condicionamentos e possibilidades.

Então, aquela dinâmica do pirulito[12] me marcou, quer dizer, eu não tenho condições de fazer as coisas sozinho. Uma simples brincadeira, uma descontração e você descobre, que eu não sou capaz de fazer as coisas só. Na dificuldade, por exemplo, eu tenho que somar com os demais. Eu tenho que somar com o povo, e assim por diante. Buscar alternativa.

Na dinâmica cooperação[13] e competição a gente começou querer fazer pontos individuais, porque cada um queria fazer mais ponto do que o vizinho. Mas no final da historia que a gente foi entender que era o coletivo, e poderiam jogar juntos e fazer mais ponto. Então, a gente teve que entender essa parte, de querer, qualquer que seja o jogo, jogar sozinha e fazer mais ponto do que o vizinho. No final entendemos que é uma brincadeira. Foi pra mostrar que a gente poderia estar todo mundo junto, e fazendo mais ponto juntos, do que individualmente. É uma parte muito interessante, porque para mim mostrou que a gente põe um tampa-olho, não enxerga as portas que tem do lado, e tenta fazer tudo sozinho, todo mundo é companheiro e não adversário.

A visita pedagógica é um recurso que tem por objetivo fazer a ligação entre teoria e prática. Esse recurso foi utilizado apenas no módulo III, pois o propósito era discutir e entender o eixo temático "Ação Sindical e Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário". A partir dessa experiência, sentiu-se a necessidade de recriá-lo em todos os módulos do curso, uma vez que tais experiências remetem à reflexão do conhecimento teórico mediante a prática.

[11] Relativo à epistemologia que estuda a natureza do conhecimento, seus condicionamentos e possibilidades.

[12] A dinâmica do pirulito consiste na formação de duplas, cada um recebe um pirulito e tem dois minutos para abrir e levá-lo à boca. Um dos critérios para realização da dinâmica era não usar as mãos para abrir seu pirulito. No decorrer da dinâmica, porém, percebeu-se que os participantes ficavam ansiosos e tentavam abri-lo com a boca, não percebendo que poderiam utilizar as mãos do companheiro.

[13] "Cooperação e competição" é uma dinâmica que tem por objetivo estimular os participantes ao jogo cooperativo para ganhar o máximo de pontos que puder. São cinco regras para este jogo, com pontuações para mais ou para menos. Todos os grupos somam pontos quando se derem conta que apenas uma regra favorece a cooperação e todos têm a mesma pontuação.

Eu ainda com todos os trabalhos, fico preocupada com as famílias que visitamos. Acho que nós do MSTTR vamos preocupando em melhorar os agricultores familiares. Aí, de repente, acho que aquela experiência é um jeito de todos nós, do grupo, nos colocar no seu lugar. Essa experiência em Contendas, mexeu com todos nós.

Foi uma opção de cada família viver daquela forma. É como nós, do MSTTR. Quando você entra, você entra de cara e está levando tudo que conhece e o que não conhece. Você chega ao MSTTR, não leva isso com você. O que você constrói ali está dentro do movimento. Você leva o seu conhecimento, mas o que você fez para dentro do movimento, fica lá.

Eu queria pensar nessas diferentes divisões e falar também da minha impressão. Eu vejo que essa experiência, realmente, ela veio pra mexer com a nossa cabeça, ela teve, sempre, objetivo. E aí, eu entendo que a gente sempre vai ter que fazer essa revisita a todo esse processo, e ter outros momentos pra aprofundar esse debate. Porque senão você fica com aquela sede de querer debater, e a coisa fica distante, e ela é um assunto muito complexo, tem a ver com o nosso projeto, e que a gente precisa ter muita responsabilidade no dia a dia, de ver que isso é que vai dar a sustentação do nosso projeto. Na minha concepção, a gente não pode privar os nossos filhos de agricultores de uma formação escolar, uma formação mais articulada, porque a gente estaria como irresponsável. A gente não pode privar isso do seu bloco de notas. Então, como é que a gente vê tudo isso?

A experiência visitada – comunidade do terceiro plano é realmente uma alternativa ao modelo hegemônico vigente, instigando os participantes a ponto de suscitar opiniões até mesmo contraditórias. Esse processo desconstruiu conceitos e preconceitos que havia no grupo, o que pode ser percebido nos depoimentos.

Nota-se neste espaço formativo, que a experiência combina vivência e reflexão. É preciso estar atento a esta inter-relação entre teoria e prática para que se visualize caminhos capazes de estimular uma nova prática sindical. Assim, propõe-se o seguinte questionamento: Como me vejo na prática e no discurso? O que me motiva?

DEPOIMENTOS DOS(AS) PARTICIPANTES ACERCA DO PROCESSO FORMATIVO NACIONAL E REGIONAL

Os depoimentos que se seguem, foram colhidos dos participantes do primeiro itinerário nacional e regional mediante de perguntas orientadoras, focando "o ser si, o ser junto e o ser relação[14]".

[14] O que mudou em mim e o que está mudando no espaço coletivo da minha atuação militante?

Avalio positivamente todos os passos do processo formativo em que participei. O trabalho coletivo fez crescer a consciência de equipe/grupo, sempre buscando atingir cada vez melhor os objetivos traçados. No início utopia, no final, algo necessário para nosso desenvolvimento. Muito bom, foi um seguimento intramodulares que facilitou um acompanhamento e entendimento do que se queria com o curso.

A coordenação do processo foi fundamental para atingir os objetivos propostas e para o crescimento no coletivo. As comissões de apoio, embora com algumas falhas em determinados momentos, desempenharam um papel fundamental no decorrer dos três módulos. Houve infinitamente mais acertos do que erros, tanto na coordenação quanto nas comissões de apoio. Dentro da caminhada do MSTTR que possuo, constantemente me questiono sobre as atividades que se desenvolvem para detectar onde queremos chegar. Nesta caminhada, muitas foram as respostas encontradas. Este questionamento feito comigo mesmo e, posteriormente, com colegas de trabalho tem me auxiliado no crescimento como educador dentro do MSTTR. O significado é de que temos um longo caminho a ser seguido para que a prática sindical seja um exercício diário. Foi uma reviravolta dentro de cada um de nós, tivemos que nos desconstruir e reconstruirmos novamente com um material mais puro. Através do processo de entendimento do ser multiplicador e dos conteúdos. Através da multiplicação dos conhecimentos.

Com a troca de experiências vivenciadas ao longo das atividades desenvolvidas, tive que desconstruir muitas vezes para poder construir (conceitos, posturas, pontos de vista...). Aprendi que não sou uma ilha para viver isolado. Aprendi a respeitar os pontos de vista de outras pessoas. Aprendi ainda a trabalhar a unidade com a diversidade.
Aumentou nosso conhecimento, deu um norte a nossa militância e com isso a clareza do porquê e nos encorajou muito. Fez com que a gente perdesse a timidez para falar em publico bem como com mais segurança. As metodologias trabalhadas proporcionaram esses empoderamentos. O conhecimento adquirido e a certeza de que éramos necessários no processo de construção de um mundo mais humano e nos deu coragem de expor nossas ideias. Promoveu uma relação mais a fundo os trabalhos do dia a dia, através das metodologias aplicadas.

A contribuição da Mari, trazendo uma nova visão das lutas. Importante ver a história com outro olhar marcante.

A Escola trata dos temas fazendo a gente se inserir nos acontecimentos; a partir do momento em que você conhece é como se fizesse parte da vida da gente, se inserir

neles até para entender melhor. E as místicas tentam resgatar um lado emocional e o sentido da luta.

Não é uma formação superficial, ela mexe com a gente. Nunca tinha feito formação que se preocupasse com o lado emocional da luta. Parece que a gente faz parte do processo que vai lapidando, chegando xucro, cada parte foi importante, tem um sentido, algo a nos dizer.
A partir da minha participação na escola, percebe-se que a interação entre os processos formativos nesta instituição começa a fluir e a expectativa é de que melhore cada vez mais. Os potenciais são inúmeros, tanto na instituição como nas pessoas, mas há algumas limitações que dificultam avançar mais. Estas limitações são de ordem estrutural, de governança e de definição clara de um projeto político-sindical (rumos).

Anteriormente, as formações eram restritas ao Estado, sem intercâmbio com outras regiões, com a preocupação voltada às questões do dia a dia, formações pontuais e restritas a determinados temas. A Enfoc propõe uma formação sistemática e continuada, que proporciona uma visão conjunta da sociedade e das razões pelas quais as relações sociais se estabelecem. A visão do MSTTR de antes e de depois é bem diferente. É como uma janela que se abre. Eu sofro mais hoje do que antes, porque quando você não conhece uma coisa e alguém toca daquele jeito, tá bom, pra quem não sabe aonde ir qualquer caminho serve. Depois que você passa pela Enfoc, você vê e passa a sofrer mais, fica aflito porque quer fazer e tem que segurar, passei a sofrer mais por isso. É uma pratica sindical diferente. Foi algo novo, muito diferente do que sempre se vê; iam até certo ponto e não avançavam, não ultrapassavam certo ponto.

O empoderamento é visto nas rodadas de negociação coletiva no município com os empregadores. Ainda que se dê através de um processo aparentemente imperceptível, passamos a interferir de forma mais crítica e incisiva. Ampliamos a percepção da urgente necessidade de implementação do PADRSS. A partir do primeiro módulo eu percebi o sentido da Escola: promover mudança completa do nosso jeito de agir, de pensar, praticar; isso muda o conceito do que é o sindicato, do que é o movimento, de como se sentir como pessoa. Ocorreu o que chamo de encorajamento. Mas quando voltei pro sindicato, o dirigente me via como querendo tomar seu cargo. Ele herdou uma prática sindical e quando vê outra forma de agir, tem ciúmes, e quer te cortar.

Aprendi a conviver com as diferenças; por que outras pessoas não estão participando do processo nacional? Como trazê-las para entender elas? Conviver com as diferenças, mas o diferente tem que pensar igual ao que eu penso?

Quando eu comecei aqui pelo regional, nós viemos para cá e nos reunimos lá no Paraná, e perguntava: Meu Deus, o que nós viemos fazer aqui? Enfoc, o que é que significa isso daí? Sentimento de estranhamento: O que viemos fazer aqui? O que é ser multiplicador? Vamos formar uma família – sentimento de família; socialização do conhecimento para a base.

Era muito conteudista. E a partir dessas experiências, eu confesso que passei a pensar um pouco mais nessa questão de conviver com essas diferenças, que já foi dito aqui. E não trabalhar mais na questão de conteúdos, e sim a pessoa. Trabalhar a parte psicológica, que ela passa a ser importante. Que ela seja um elemento central das ações de todo o nosso movimento sindical melhorando a militância. Essa militância e essa convivência, não é, com as diferenças.

Preconceitos e conceitos dentro de uma diversidade de concepções e culturas. O MSTTR tem dificuldade de relacionar o PADRSS com sua prática sindical. Será por quê? O que está faltando para que o mesmo seja incorporado na prática? O mundo é o que se vê de onde se está. A prática da Enfoc gerou uma conscientização das pessoas que por lá passaram. Isto gerou conflitos, desacomodações. Este é um dos papéis da formação. O processo de formação gera ansiedade, isto é um avanço.

Sinto uma preocupação de como nós vamos trabalhar lá na base. Muitos e muitos não querem formação. Essa é a minha preocupação hoje. Então o sentimento de hoje, ainda mais forte, é a preocupação de como formar liderança. Na minha concepção teria que formar; ter formação pra todos os dirigentes que assumirem o sindicato. Então esse é o sentimento de hoje, preocupação.

Rompimento da rotina, ter que parar para refletir e estudar. O Rio Grande do Sul geralmente tem o estigma de ser diferente, assim procurou se integrar a outros Estados. A mística é importante para nutrir o espírito, além de preparar para a concentração e assimilação dos conteúdos. Significativa participação de jovens e mulheres. É fundamental o investimento em novas lideranças. Sentimento de oportunidade/responsabilidade e investimento frente aos desafios do MSTTR.

A importância de a missão ser realizada. Se comparar o sul com outras regiões do país, nossos problemas são pequenos. Sentimentos de choro, pois a vivência é desafiadora. Formação é um desafio diário. Deve ser constante e permanente. Responsabilidade e compromisso no processo.

Tristeza e alegria no processo. Expectativa de romper os limites do conhecimento. Em nível nacional a Enfoc conseguiu transmitir que dentro do MSTTR existem diversas

posturas de lideranças, ou seja, os combativos e os assistencialistas. Isto também ocorre nos Estados. Existem diversas concepções políticas dentro do MSTTR. O MSTTR é dividido desde a criação da Contag, mas, mesmo assim, com todas estas diferenças, conseguimos trabalhar.
Hoje a gente tem uma concepção bem melhor, de como se deu todo o movimento sindical, dentro de cada um dos três Estados.

Como é que eu me sinto hoje, do que era antes? Eu me sinto muito melhor, muito mais bem preparada. Mesmo que a gente saiba que temos ainda 15 dias. Mas eu não me sinto ainda realmente preparada para ajudar, talvez preparar. Tudo bem com vocês, mas assumir um curso lá, ainda não. Eu tenho que construir isso com vocês, que é o que a gente espera, e é o que a gente está fazendo hoje, é a construção disso, não é, pra poder, depois, dar de fato continuidade nos Estados.
Como eu sempre gostei de desafios, eu gosto quando tem desafios, é uma maneira da gente correr atrás e de tentar fazer alguma coisa melhor do que a gente está fazendo atualmente. E como era uma oportunidade pra crescer, eu acho que eu me sinto hoje, que eu cresci como ser humano, e que também abriu a minha mente para enxergar muita coisa de forma diferente. Uma outra coisa assim, que eu tenho uma ansiedade, pra colocar em prática, isso que a gente aprendeu vai preparando, dentro dos limites, e dentro das realidades de cada local, preparando esse curso de forma diferente.

A questão, também, que foi importante pra mim, quando se começou a discutir o desconstruir, para construir o novo. E aí tem todas as lembranças aí do nosso movimento, não é, que muitas vezes, tem que ter muito cuidado quando você usa o desconstruir, porque também pode parecer que o que foi feito até agora, não estava correto. Quando desconstruir, principalmente, o 'eu'. Então, isso foi mais importante, de toda aquela anterior. Cada um de nós tem uma maneira de achar que as coisas estão corretas, que está certo. Mas, na verdade, é no conjunto; muitas vezes a gente não está agindo da maneira mais correta. Então, pra mim chama atenção isso. Só que eu tenho dificuldade em como é que a gente vai desconstruir tudo que foi feito, de uma maneira diferente, pra uma maneira nova, para chegar ao objetivo. Então, isso, pra mim, ainda está um pouco confuso esse desconstruir é só do eu. E é do nosso? Quer dizer, como é que eu vou agir com o grupo.

Esse processo todo, formativo, tanto na nacional quanto na regional, pra mim tem uma coisa que ainda me deixa bastante ansiosa, até porque o movimento sindical ele é plural. Tem diversas concepções que a gente viu. São duas questões. Uma que parece ser simples, mas que por trás tem toda uma concepção política ideológica que é: trabalhador e trabalhadora rural. Em determinados momentos, seja na federação

nossa, ou em outros espaços do movimento sindical, eu sinto que isso não é consenso. Então eu escuto pessoas comentando assim: ah, isso é uma besteira, falar de trabalhador e trabalhadora rural. Eu tenho uma concepção que tem que ter, não é. Ainda não me convenceram do contrário. E isso não é consenso. Isso me preocupa, porque, para mim, isso tem que ser uma coisa de consenso. Porque tem toda uma concepção por trás disso. Isso me preocupa profundamente.

DEPOIMENTOS DE DIRIGENTES DAS FEDERAÇÕES DE TRABALHADORES NA AGRICULTURA DA REGIÃO SUL ACERCA DO PROCESSO FORMATIVO NACIONAL E REGIONAL

Os depoimentos que seguem foram colhidos nas direções das federações por intermédio de perguntas orientadoras focando: "Como as federações estão vendo o processo formativo da Escola? Quais práticas que precisam ser revistas? O processo desencadeado proporcionou empoderamento para os educandos e educandas"?

O processo está muito bom, embora se saiba das grandes dificuldades que muitas pessoas têm em poder se ausentarem das tarefas por um período de vários dias. Acreditamos que isto com o tempo será resolvido, pois quando o MSTTR se dará conta da real necessidade de formar seus quadros, ficará evidente que será necessário mais tempo para a formação. Acreditamos ser um processo que deva continuar devido à importância que a escola tem na formação em nível nacional, regional e estadual.

Talvez algumas práticas devam ser revistas, tais como pensar mais ou enfocar mais a prática sindical (organização, gestão), bem como a necessidade da ocupação dos espaços, homogeneizar as ações, em especial, as regionais (trabalhar em bloco).

Pensamos que todo e qualquer processo formativo deve levar ao empoderamento das pessoas. Os indivíduos se apropriando das informações, dos conhecimentos, das experiências, ajudam na autoconfiança e na atuação dentro do MSTTR (práxis sindical).

Os depoimentos sinalizam questões que apontam para um novo marco referencial, compreendendo que a prática ressignifica o conhecimento e a experiência vivida. Percebe-se que a interação entre os processos formativos nestas federações começou a fluir e a expectativa é de que melhore cada vez mais. Os potenciais são inúmeros, tanto nas instituições quanto nas pessoas, mas há algumas limitações que dificultam avançar mais, que são de ordem estrutural, de governança e de definição nítida de um projeto político para uma atuação sindical articulada regionalmente.

Desde a primeira turma que iniciou em 2007, os educandos e educandas, ao longo do processo formativo, sentiram fortemente a necessidade de contribuir com a construção de uma estratégia sindical para uma atuação regional mais forte e articulada. Compreendia-se, inclusive, que a Enfoc estava oportunizando a eles/elas essa construção. A vivencia da primeira turma da Enfoc na Região Sul ficou marcada por esse sonho, ressignificado a cada contato com os diretores e diretoras, a cada iniciativa de articulação regional.

Com o desenvolvimento do primeiro módulo regional da segunda turma, esse sonho volta ainda com mais força e ganha concretude num debate feito com os presidentes das Federações do Sul, quando, na oportunidade, focou em políticas e questões desafiadoras para uma articulação regional forte e mais consequente. Foi daí que veio a discussão de "sul sem fronteiras", numa dinâmica organizada pela segunda turma do curso regional. O debate foi quanto à necessidade desse processo formativo ser incorporado pelas federações.

O resultado desse amadurecimento marcou a formatura da segunda turma, que entregou a mão dos presidentes das Federações, coordenação regional da Contag e da própria Contag, um documento que sistematiza o sonho das duas turmas da Enfoc Sul, traduzido em um conjunto de propostas e compromissos que se transformaram, neste ato solene, em desafio a ser encarado pelas três federações do Sul e a Coordenação Regional da Contag.

A seguir, apresenta-se o documento "*MARCO REFERENCIAL PARA UMA AÇÃO SINDICAL SUL SEM FRONTEIRAS*", elaborado pelos educandos e educandas do segundo itinerário da Região Sul e entregue à direção das três federações.

• • •

"Florianópolis, 19 de novembro de 2009.

Aos Cuidados da
Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Paraná - Fetaep
Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio Grande do Sul – Fetag/RS
Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Santa Catarina – Fetaesc
Coordenação Regional da Contag
Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura – Contag

Marco Referencial Para Uma Ação Sindical "Sul Sem Fronteiras"

A 2ª Turma da Enfoc Sul – "SUL sem Fronteiras" gostaria de se comprometer, juntamente com as três Federações e a Coordenação Regional Sul da Contag, a trabalhar na maior integração da ação político-sindical do Movimento Sindical dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais do Sul.

- Objetivos da Proposta

    - Promover uma ação sindical mais integrada entre as Federações e os Sindicatos de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais da Região Sul.

- Concentrar-se no debate político na base em relação à formação e organização sindical, envolvendo a continuidade da Enfoc e a representação político-social do meio rural, e na organização da produção, envolvendo a questão das integradoras e das nossas agroindústrias.

- Elementos Conjunturais

O 7º CNTR – Congresso Nacional de Trabalhadores Rurais – aprovou a criação de cinco coordenações regionais (Norte, Nordeste, Sudeste, Centro-Oeste e Sul), que se caracterizam por demandas, reivindicações, hábitos, costumes e também potencial e formas de luta distintos.

Dentre os objetivos das Coordenações Regionais da Contag encontram-se a convergência de demandas e práticas sindicais regionais, a descentralização e democratização das estruturas informações e conquistas.

No caso da Regional Sul, a coordenação é colegiada pelos presidentes das três Federações, atualmente centrada no presidente da Fetaesc, Hilário Gottselig, enquanto que a pauta da Regional concentra-se em formação, assalariados, mulheres, jovens, fumo, leite e uva.

No debate da Turma Sul Sem Fronteiras com os presidentes das três Federações da região (Fetaep, Fetaesc e Fetag/RS), no decorrer do 2º Módulo desta turma, estes reconheceram que atualmente a Coordenação Regional da Contag não tem atuado com toda a sua propriedade, mas o momento é oportuno para se melhorar o processo.

Também, os presidentes reconheceram que quando articulados, importantes conquistas são alcançadas, como a definição do piso salarial regional para o meio rural, a criação da CTB e a desfiliação da Contag à CUT, no 10º CNTTR.

No que se refere à pauta sindical é clara que há muitas bandeiras de luta que são de interesse das três Federações, merecendo maior destaque: a formação, organização e gestão sindical; os assalariados rurais; a igualdade de gênero, geração e etnia; a sucessão rural; a reforma agrária; as questões ambientais; a influência predatória do Mercosul; as empresas integradoras e dos transgênicos na agricultura familiar; a legislação das agroindústrias; a representação político social do meio rural na região.

O processo itinerante da Enfoc Regional faz com que o compromisso da articulação das Federações seja alimentado, da mesma forma que contagia os(as) educandos(as) das turmas a manterem os laços de amizade e de união sindical.

A rede regional de educadores (as) e os Itinerários Estaduais da Enfoc reforçam a integração das três Federações para permitir o apoio para contornar as dificuldades e o intercâmbio do conhecimento, da luta e das conquistas.

Os GES – Grupos de Estudos Sindicais – são espaços formativos na base, isto é, articulados aos Sindicatos e animados pelos educadores(as) egressos da Enfoc, com o objetivo de reunir trabalhadores(as) rurais e suas lideranças para a reflexão crítica da realidade local e da ação sindical, e o conhecimento do PADRSS, da trajetória de lutas e conquistas dos trabalhadores(as) rurais.

- Ações Estratégicas

A estratégia desta ação envolve a Coordenação Regional, as Federações e os GES que serão constituídos pelos educandos egressos da Turma Sul Sem Fronteiras, bem como as demais instituições e espaços intermediários, Sindicatos e Conselhos Deliberativos.

Quanto aos GES, cabe discutir nos determinados tempos uma das frentes de lutas sindicais anteriormente apresentadas e suas relações com as demais.

Já à Coordenação Regional e às Federações, cabe reconhecer e apoiar os GES como espaços de subsídios do debate da base sobre a prática sindical.

A todos cabe fazer com que estas estratégias sejam revisitadas, atualizadas e reafirmadas na medida necessária.

- Compromisso Político

A Turma Sul Sem Fronteiras se compromete nos GES e demais espaços formativos em que ela se encontrar, a se concentrar na discussão sobre a formação e a organização sindical, envolvendo a continuidade da Enfoc e a representação político-social do meio rural, e à organização da produção, envolvendo a questão das integradoras e das nossas agroindústrias.

As Federações e a Coordenação Regional se comprometem em reconhecer e apoiar esta nova ação sindical, não só para com a Turma Sul Sem Fronteiras, mas com as demais que também se comprometerem com este objetivo.

Assim, a Turma da Enfoc Regional Sul Sem Fronteiras alegra-se em continuar a caminhada da formativa e contribuir para maior união do MSTTR do Sul. Subscrevem: Adriano, Ágata, Agnes, Alice, Antônio, Cadoná, Clodoaldo, Dílson, Elisa, Joãozinho, Jocimar, Juliana, Luiz Vicente, Márcio, Marcos, Maria, Neide, Neides, Nicoli, Ozatir, Paulinho, Peterson, Renato, Rodrigo, Rosalina, Rudimar, Sandra Helena, Sandra, Sérgio, Simone, Sueli, Vagner, Valdir, Vanderlei."

REFLEXÕES SOBRE O MARCO REFERENCIAL

O objetivo da proposta do marco referencial teórico "Sul Sem Fronteiras" é promover uma ação sindical mais integrada entre as federações e os sindicatos de trabalhadores e trabalhadoras rurais da Região Sul, tendo como catalisador a Política Nacional de Formação da Contag e a Enfoc. Compreende-se, portanto, que para concretizar esse objetivo é imprescindível o permanente e verdadeiro diálogo entre as lideranças.

Assim, partindo da concepção de Freire (1993) de que o diálogo[15] é "a força que impulsiona o pensar crítico-problematizador em relação à condição humana no mundo", e que por meio dele "podemos dizer o mundo segundo nosso modo de ver", temos como desafios construir novos saberes a partir do diálogo que provoca a interação e a partilha de mundos diferentes, mas que sonham em construir o ser mais. Nesse sentido, embora haja semelhanças entre os três Estados do Sul, há diferentes formas de conceber e pensar a realidade por parte dos dirigentes sindicais das federações desses Estados. Assim, faz-se necessário tomar decisões políticas que pressuponham a tolerância. Freire (1993) afirma que "o tolerante reconhece o conflito, não foge do embate, mantendo, contudo, respeito ao pensamento contrário à verdade que defende". A tolerância e a intolerância são conceitos que se interligam, que perpassam o relacionamento humano – pessoal e institucional. Ser tolerante requer coerência entre discurso e ação para não dar espaço a concessões que inviabilizem a transformação que se pretende empreender.

Essas decisões, no entanto, requerem a construção de um ambiente propício, que reflita relações de amizade, posta que este sentimento de amizade favorece a mediação nos processos formativos de negociações geradoras de decisões. Como proposto pelo marco

[15] O diálogo implica uma práxis social, que é o compromisso entre a palavra dita e nossa ação humanizadora.

referencial teórico, o processo itinerante da Enfoc regional leva à articulação das federações, contagiando os educandos e educandas a manterem os laços de amizade e de união sindical. Assim, Ortega (1999), fazendo referência à Foucault, sustenta que

> a amizade é um convite, um apelo à experimentação a novas formas de vida e de comunidade, reabilitá-la representa introduzir movimento e fantasia nas rígidas relações sociais, estabelecer uma tentativa de pensar e repensar as formas de relacionamento existentes em nossa sociedade que são poucas e simplificadas.

Nesse processo de construção coletiva, procura-se um novo modo de vida. Ver-se na diferença é buscar o que nos desafia; consequentemente possibilita tornar-se criativo, não reproduzir o velho. O processo formativo da Enfoc regional Sul, portanto, tem como expectativa a realização do marco referencial teórico no intuito da construção de um projeto regional. Para que isso ocorra na prática, são necessárias mudanças de atitudes por parte dos integrantes da luta sindical, o que exige sair do ativismo, refletir acerca da prática e, consequentemente, reestruturar as ações de maneira condizente com as reais demandas dos trabalhadores e trabalhadoras rurais. Esse desafio, portanto, transcende o pessoal e requer a integração do conjunto do MSTTR.

O ativismo no MSTTR leva, muitas vezes, os dirigentes sindicais apenas a agirem, sem analisar os resultados de suas próprias ações, impondo sua opinião e não respeitando a opção dos outros. Para Freire (1978)

> o ativismo consiste na tendência de o sectário apenas agir, sem analisar os resultados de suas próprias ações. Pelo fato de sempre querer impor a sua opinião, o sectário não respeita a opinião dos outros. (...) o ativismo tem dificuldades de transcender os mitos, fixando-se nas meias verdades e nos slogans. Na perspectiva freireana a postura dos radicais, diferentemente da postura dos ativistas, centra-se nas ações com base em estratégias que priorizem o diálogo, a reflexão sobre as ações, a fim de ampliar o debate e chegar a possíveis consensos.

O processo formativo, no entanto, não constitui solução milagrosa, capaz de, por si só, transformar a realidade. É preciso compreender que a mediação entre as diferentes instâncias do MSTTR é imprescindível para que a prática sindical se realize de forma integrada e comprometida.

Diante do objetivo proposto pelo marco referencial teórico, cabem os seguintes questionamentos: Qual projeto político e de desenvolvimento temos como referencial? Esse projeto está alicerçado na agricultura familiar ou o agronegócio? Percebe-se que há contradições na prática sindical quanto à opção política que referencia o projeto de desenvolvimento, apesar da existência do PADRSS.

Isso fica explícito nas falas dos educandos e educandas com relação às perguntas orientadoras, quando não se percebeu a correlação entre o PADRSS e a prática sindical. Assim, fica evidente que esta realidade reflete uma limitação quanto ao entendimento e a apropriação dos referenciais teóricos que fundamentam a nossa prática sindical.

Para a concretização da proposta do marco referencial teórico, é imprescindível os processos formativos que levem à conscientização. Conforme Streck et al. (2008), a conscientização consiste num processo de "criticização" das relações consciência-mundo, sendo condição para a assunção do comprometimento humano diante do contexto histórico social. No processo de conhecimento, o homem e a mulher tendem a se comprometer com a realidade, sendo esta uma possibilidade que está relacionada à práxis sindical. É por meio da conscientização que os sujeitos assumem seu compromisso histórico no processo de fazer e refazer o mundo, dentro de possibilidades concretas, fazendo e refazendo também a si mesmos.

As práticas consideradas sectárias, portanto, são perigosas por se acomodarem às estruturas sociais vigentes, ao status quo.[16] Já as tidas como radicais implicam entendimento da visão histórica, tendo a compreensão da história como processo que se faz e se refaz cotidianamente.

A não consolidação da democracia interna nas diversas instâncias do MSTTR gera a concentração das atividades em poucas mãos, abrindo espaço à cultura do presidencialismo, muitas vezes associada à falta de transparência na gestão institucional do MSTTR. Como consequência, limita a aproximação de novas lideranças à participação ativa no processo sindical e no engajamento à luta. Perduram ainda muitas práticas autoritárias e ilusórias que dificultam a aglutinação de forças internas e mesmo o estreitamento das relações com outros movimentos emergentes no campo.

Embora haja avanços no sentido de construir uma visão crítica da realidade por parte de dirigentes, assessores, funcionários, lideranças, demonstrados por meio de discurso avançado, muitas vezes até revolucionário, mantêm-se, entretanto, uma prática tradicional e profundamente conservadora criando descompasso entre discurso e prática.

O processo formativo não pode ser entendido como responsabilidade exclusiva da secretaria de formação, e sim do conjunto do movimento sindical. Caso contrário, a prática sindical terá dificuldades em avançar, uma vez que as ações continuarão a ser vistas como setorizadas, considerando isoladamente aspectos que são inter-relacionados, como: condições de saúde, meio ambiente, educação, cultura, produção e a própria formação político-sindical. Essa visão traz consequências sérias para o sindicalismo que, ao focar apenas uma dimensão de uma dada realidade, transfere para outras organizações a responsabilidade sobre as demais dimensões. Por isso, o marco referencial teórico revela nitidamente a importância do coletivo de formação ser assumido pelas instâncias do MSTTR, como também a instituição e operacionalização dos GES.

Segundo Freire, o educador progressista deve estar comprometido com a eterna inquietação de conhecer os porquês que respondem à lógica que reforça os determinismos da sociedade capitalista neoliberal. Esta lógica, constatamos nós, sustenta o projeto dominante e do agronegócio, ocultando a possibilidade de projetos de desenvolvimento alternativos, a exemplo do PADRSS. A educação conservadora, nesse contexto, é um instrumento de poder que se presta a reforçar e a reproduzir o modelo vigente.

Faz-se necessário compreender este cenário, uma vez que o marco referencial teórico "Sul Sem Fronteiras", em contraponto ao atual modelo de ação sindical, propõe o debate político na base, considerando: a formação e organização sindical, envolvendo a continuidade da Enfoc; a representação político-social do meio rural; e a organização da produção, envolvendo a questão das empresas integradoras e das nossas agroindústrias.

A partir dessa realidade, questiona-se: o PADRSS que defendemos está de acordo com a nossa prática sindical? Se não está, quais são os entraves para a sua realização?

Freire (1996) ressalta que, nos processos formativos, "devo procurar aproximação cada vez maior *entre o que digo e o que faço, entre o que pareço ser e o que realmente estou sendo*".

E, perante esse contexto, como proceder? Será que "a realidade é assim mesmo"? Segundo Freire (2008), esse seria o discurso universal, acomodado

[16] Status quo é uma expressão latina que designa o estado atual de coisas ou situações.

e monótono. Como, entretanto, a educação é um ato político, reconhecemos que está a serviço de uns e não de outros. Ao assumir a educação crítica, que não é neutra e que certamente tem um cunho ideológico na linha da pedagogia da autonomia, o autor não admite o discurso da acomodação, do conformismo a que as classes dominadas deveriam se submeter (educação conservadora), mas, ao contrário, lida com possibilidades efetivas de mudanças. Ainda conforme Freire, "educação é um ato político". Significa dizer que, conhecendo a estreita relação entre educação e política, é possível dimensionar a função social da formação crítica, a partir da realidade da classe trabalhadora e da sua capacidade de transformação.

Nesse contexto, ressalta-se o papel da rede[17] como forma de possibilitar a promoção de debates sobre grandes temas na perspectiva de contribuir com uma leitura crítica da realidade, com os avanços das lutas e com a capacidade de elaboração protagonizada pelas lideranças do MSTTR. Propõe-se a garantir a unidade político-pedagógica de uma formação e de uma ação sindical que é ao mesmo tempo orgânica e crítica ao movimento sindical (Contag, 2008).

A rede, idealizada pela Política Nacional de Formação da Contag e ainda em construção, põe-se como caminho para compartilhar aprendizagens, provocar e vivenciar a democracia, a solidariedade, a cooperação, tudo isso sustentado por relações de amizade. É um meio de enraizamento da escola, com seus saberes, cheiros e temperos regionais.

Capra (2010) refere-se a redes como sendo "redes vivas" que, em comunidades, estão diretamente ligadas à comunicação. Cada comunicação gera pensamentos e significados, os quais, por sua vez, abrem espaço a comunicações posteriores, e, assim, uma rede inteira gera a si própria, ou seja, elas se autossustentam. Ainda, as redes sociais são capazes de expressar ideias políticas e econômicas inovadoras, com o surgimento de novos valores, pensamentos e atitudes, "criando um novo modo de vida", segundo Falkembach (2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A caminhada histórica permite compreender que a capacidade organizativa e a ação política do MSTTR são tanto maiores quanto mais comprometidas forem com os clamores e as necessidades dos "povos do campo".[18] Quando os anseios e os sofrimentos dos trabalhadores e trabalhadoras motivam as ações de uma entidade, permitem-lhe manter acesa a capacidade de indignação, que, por sua vez, se transforma em compromisso e estimulam ações de mudança e transformação, de dignidade e de inclusão. A máquina burocrática é um dos entraves que as atuais instituições enfrentam. Neste contexto, questiona-se: Como o MSTTR trata esta questão? E que ações vêm desenvolvendo para mudar esta engrenagem?

A mudança e a transformação assumem um caráter de comprometimento e engajamento nas lutas em favor das causas dos oprimidos. "O compromisso, próprio da existência humana, só existe no engajamento com a realidade, de cujas 'águas' os homens verdadeiramente comprometidos ficam 'molhados', ensopados" (Freire, 1983). Transformar é muito mais que uma reforma, ou mexida, ou ajeitamento. A mudança requer uma transição, rompimento com o equilíbrio e isto não se dá instantaneamente, mas gradualmente, pois é necessário

[17] As redes são compostas por educandos e educandas, dirigentes, assessores e lideranças que participam de todo o processo formativo da Enfoc, bem como por consultores e especialistas com os quais a Escola mantém identidade política e pedagógica. Têm função de trazer o olhar externo para o fazer educativo, subsidiando as coordenações política e pedagógica da Enfoc e contribuindo com as atividades formativas em áreas nas quais são especialistas (Contag, 2008).

[18] Entende-se como povos do campo, os(as) agricultores(as) familiares, assalariados(as) rurais, quilombolas, ribeirinhos, pescadores artesanais, extrativistas...

desconstruir para construir. Transformar "é ser sujeito de sua ação, destino do homem" (Freire, 1979).

Aprende-se que uma luta social é mais educativa ou tem um peso formador maior à medida que seus sujeitos conseguem entranhá-la ou aproximá-la o mais possível ao movimento da história. Também se percebe que processos de transformação sociopolíticos normalmente são muito lentos, e, por serem lentos, muitas vezes desestimulam iniciativas, desanimam os militantes e requerem adequações, correções de rumo..., mas ganham profundidade quando se recriam.

No processo e no dinamismo da formação aprende-se um conjunto de lições que, na sua totalidade, forja um movimento de luta sindical da mesma forma como o fogo da fornalha transforma o minério em aço ou ferro.

Estas lutas culminam em organização, cujas lideranças são capazes de projetar suas utopias e sonhos, formando cidadãos e cidadãs militantes e dinamizando o MSTTR.

Esse processo ensina que a formação dos sujeitos será profunda, radical e libertadora quando se constituir em prática de humanização e de formação humana no seu sentido mais inteiro e profundo.

Por fim, restam algumas inquietações a partir do vivenciado: Como manter acesa a chama das grandes utopias e sonhos dos educandos e educandas no MSTTR? Como banir o desânimo e a acomodação que tantas vezes corrói o dinamismo de seus militantes e colaboradores? Como reavivar continuamente valores, convicções e encanto pela luta?

5 Região **Norte**

Francisco de Assis Sobrinho
Gilmar Boa Morte Vaz
Helena Ferreira da Cruz
Maria Aparecida Silva de Souza
Maria Divina

CARACTERIZAÇÃO DA REGIÃO

A Região Norte possui uma área de 3.853.267,9 km², com uma população de 15.022.060 habitantes (IBGE, 2006) e uma densidade demográfica de 3,31 hab/km². É formada por sete Estados: Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins. Está localizada na região geoeconômica da Amazônia, entre o Maciço das Guianas ao Norte, o planalto central ao Sul, a Cordilheira dos Andes ao Oeste e o oceano Atlântico a Nordeste. O clima predominante na Região é o equatorial, com exceção do Norte do Pará, do Sul do Amazonas e de Rondônia, onde o clima é tropical.

O quadro a seguir mostra as unidades federativas pertencentes à Região com suas respectivas informações:

Unidade da Federação	Área (km²)	População (hab.)	Densidade Demográfica (hab./km²)	IDH
Acre	152.522	686.652	4,5	0,697
Amapá	142.814,6	615.715	4,3	0.753
Amazonas	1.570.745,7	3.311.026	2,1	0,713
Pará	1.247.689,5	7.110.465	5,7	0,723
Rondônia	237.576,2	1.562.417	6,6	0,735
Roraima	224.299	403.344	4,6	0,746
Tocantins	277.620,9	1.332.441	4,8	0,710
Total	**3.853.267,9**	**15.022.060**		

Fonte: IBGE, 2006; PNUD, 2000.

As 26 unidades de conservação da região compreendem apenas 3,2% da Amazônia, de acordo com o Fundo Mundial para a Natureza (WWF). Devido à inexistência de fiscalização, essas áreas são alvo de queimadas. Entre 1997 e 1998, aumenta em 27% a parcela da Amazônia Legal devastada por essa prática, segundo o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe). Dos 4 milhões de km² de floresta original, 13,3% já não existem mais. Pará, Rondônia e Acre são os Estados que mais contribuem para o aumento desse índice. Além de afetar a fauna e a flora, as queimadas prejudicam a vida dos milhares de índios que ainda habitam a Região. De acordo com a Funai, são cerca de 164 mil índios de diferentes etnias. A maior é a dos ianomâmis, com 9 mil representantes. A Região Norte detém 81,5% das áreas indígenas protegidas por lei - o Amazonas possui a maior extensão dessas terras (35,7%). A influência desses povos nativos se faz presente na culinária e na festa do Bumba-Meu-Boi de Parintins (AM). Junto com o Círio de Nazaré, que acontece em Belém (PA), é uma das festas regionais mais conhecidas.

A biodiversidade e os habitantes do Norte sofrem ainda outro grave problema: a poluição dos rios pelo mercúrio, que contamina as populações ribeirinhas. Alguns cientistas creem que o mercúrio detectado não seja consequência apenas da ação do homem no garimpo de ouro, mas que ele também esteja sedimentado em solos da Região.

A economia da Região está baseada na exploração extrativista, tendo como produto o látex extraído da seringueira, o açaí e a extração de madeira. É rica em minérios. A Região abriga a Serra dos Carajás, situada no Estado do Pará, considerada a área de mineração mais importante do país. É lá que se produz uma grande parte do minério de ferro exportado. No estado do Amapá está a Serra do Navio, que é rica em manganês. É importante salientar que essas atividades são realizadas sem os necessários cuidados ambientais, trazendo sérias consequências para a Região.

A migração ainda é um fenômeno bastante presente no Norte, com movimentos populacionais de saída e entrada mais ou menos intensas dependendo do estado. Esta população que chega vai se integrando às populações indígenas e tradicionais, que tem vivencia um pouco mais sedimentada no lugar. Tal panorama de ocupação do território, ainda em efervescência, reflete-se como um mosaico cultural que influencia o processo de organização local e regional, pois é o chão onde acontecem as relações sociais e com o meio ambiente.

O Movimento Sindical dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais – MSTTR na região, esta organizado em sete Federações de base estadual, todas filiadas à Central Única dos Trabalhadores (CUT), que representam cerca de 8% de todos os Sindicatos de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais do país.

SERINGUEIRA

É uma região de intensos conflitos agrários, marcada pela violência, o que torna a ação sindical mais desafiadora. Muitas lideranças sindicais, ambientais e dos movimentos de luta pela terra, de projeção nacional e internacional tombaram perseguindo seus ideais, como é o caso de Expedito, Canuto, Wilson Pinheiro, Chico Mendes, Padre Josimo e Irmã Doroty.

Integrar os sujeitos e suas ações políticas locais, regionais e nacionais, constitui-se em grande desafio para o MSTTR na região. Dentre as experiências nesse sentido, merece destaque o Grito da Terra da Amazônia – em 1991, com a participação efetiva de parceiros locais como a FASE, CUT e Igreja Católica, foi o embrião do que veio a ser o Grito da Terra Brasil em 1994.

EXPERIÊNCIAS ANTERIORES DE FORMAÇÃO

Um grande desafio que sempre tivemos ao longo dos anos foi conciliar as dinâmicas de formação com as ações e práticas do conjunto do MSTTR. As experiências formativas desenvolvidas anteriormente na região não conseguiram atender às necessidades e demandas dos agricultores e agricultoras, uma vez que essas experiências não eram específicas para o campo e objetivavam satisfazer à classe trabalhadora como um todo.

Os sujeitos do campo necessitavam de uma formação que fosse capaz de trazer informação que dialogasse com as questões costumeiras do dia a dia vividas por estes em todas as regiões do Brasil, e que considerasse as especificidades regionais e até mesmo locais.

Na Região Norte várias experiências influenciaram a formação do MSTTR, como as ações educativas locais apoiadas pela Igreja Católica, que contribuíram inclusive para a criação de sindicatos de trabalhadores(as) rurais em vários Estados, entre as décadas de 1970 e 1980.

O projeto CUT/Contag, experiência desenvolvida na segunda metade da década de 90 pela Central Única dos Trabalhadores e pela Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura, foi muito importante para o desenvolvimento das ações da formação do conjunto dos trabalhadores rurais. Conseguimos avançar na identificação de dinâmicas regionais de desenvolvimento rural. Desta experiência surgiram as primeiras ações que ajudaram na construção do Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário (PADRSS).

A partir da identificação das dinâmicas de desenvolvimento regional, o MSTTR qualificou a sua ação com a construção e apresentação de pautas contextualizadas com a realidade do norte.

O Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário (PADRSS) foi construído a partir das experiências e vivências das lideranças, representantes, assessores e colaboradores do MSTTR, após um amplo debate realizado nas várias regiões do país e que tem como objetivo formular, propor, desenvolver e executar um conjunto de ações para contribuir com o fortalecimento da agricultura familiar, organização da produção, melhoria de qualidade de vida dos assalariados e assalariadas rurais, uma ampla e massiva reforma agrária, associada ao desenvolvimento econômico, social e ambiental. O mesmo vem sendo aprimorado e atualizado no sentido de estar sempre atendendo às demandas dos trabalhadores e trabalhadoras rurais e contribuindo para a transformação social, por isso se contrapõe ao projeto capitalista de desenvolvimento.

Mais recentemente, a partir do final da década de 1990, integrado a um processo de fortalecimento da organização sindical, com a criação das Escolas Sindicais Cutistas, sendo duas no Norte: Escola Amazônia (Pará, Amazonas, Amapá e Roraima) e Escola Chico Mendes (Rondônia e Acre), a CUT instituiu sua Política Nacional de Formação com a realização de ações formativas centralizadas na região nos Estados, envolvendo várias categorias de sua base.
Dentre as experiências de formação coordenadas pela CUT na região, ressalta-se a realização do Programa Vento Norte,[1] que tinha como objetivo formar trabalhadores cujas ações e percursos formativos eram organizados a partir de metas, a partir de grandes eixos, tais como: qualificação profissional com elevação de escolaridade, desenvolvimento sustentável, transformações no mundo do trabalho, formação de formadores.

Embora, no entanto, se registre a importância destas ações, as mesmas não conseguiram chegar a contento aos trabalhadores e trabalhadoras rurais da base do movimento, ainda que tenha contribuído para o fortalecimento da organização sindical local. Avalia-se que uma das fragilidades desse processo deveu-se ao envolvimento de várias categorias dos trabalhadores(as) causando impossibilidade de aprofundamento das temáticas de interesse dos rurais. Outra questão foi das ações do projeto terem sido efetivadas de forma pontual, fragmentadas e descontinuadas.

ENFOC – UMA NOVA DINÂMICA DA FORMAÇÃO

A partir da necessidade de fortalecer o MSTTR como um todo, é que a Contag, em 2005, propos a criação de uma escola. Após avaliar os processos de formação e os desenvolvidos pelo MSTTR, os debates apontaram para a necessidade de criar a Escola Nacional de Formação da Contag – Enfoc –, no ano de 2006, um espaço para desenvolver de forma permanente e articulada processos formativos para os trabalhadores e trabalhadoras rurais.

1 Projeto de formação para a Região Norte, em convênio da CUT com o Codefat, nos moldes dos programas de qualificação profissional.

A Escola Nacional de Formação da Contag/Enfoc surgiu a partir dos debates iniciados no Coletivo Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais, as quais enxergavam a necessidade de criação de um espaço específico para se trabalhar a sua formação. Após socialização das ideias em vários fóruns do MSTTR, chegou-se ao entendimento da necessidade desse espaço de formação, mas não somente para atender à demanda das mulheres, mas sim de todo o conjunto dos trabalhadores e trabalhadoras rurais. Foi aí que, em 2006, finalmente, surgiu a Enfoc.

Para garantir a consolidação da Enfoc e objetivando fortalecer o PADRSS, foi construído um Projeto Político Pedagógico (PPP) e a Política Nacional de Formação Sindical (PNF), com o objetivo de dar um maior suporte pedagógico e metodológico às ações formativas do MSTTR.

O Projeto Político Pedagógico (PPP)[2] é um conjunto de práticas, princípios e valores que nos ajudam na orientação para a ação sindical individual e coletiva. O PPP é, portanto, mais que um plano de ação.
A Política Nacional de Formação Sindical (PNF)[3] do MSTTR articula um conjunto de diretrizes, princípios, fundamentos e estratégias construídas a partir dos saberes e fazeres dos sujeitos comprometidos com a transformação.

O processo de formação desenvolvido pela Enfoc tem acontecido de forma diferenciada e descentralizada em vários espaços, nacional, regional, estadual e local, de forma a contemplar todo o conjunto dos trabalhadores e trabalhadoras rurais. Nesse processo, além das atividades presenciais de formação, este se complementa com o processo de intermódulos que ocorre no intervalo entre uma etapa e outra. Essa metodologia tem, até então, se mostrado eficiente e tem garantido a interlocução entre a teoria e a prática, tem reforçado a importância da abordagem da história de vida dos sujeitos envolvidos, suas experiências organizativas, produtivas e reprodutivas, bem como a história do MSTTR.

REPERCUSSÕES E SINAIS DE MUDANÇAS

A partir do processo formativo da Enfoc desencadeado na Região Norte do país, pode-se perceber que a formação vem contribuindo no sentido de oportunizar uma reflexão sobre o nosso discurso e a nossa prática enquanto militante do MSTTR. Tem sido um espaço de diálogo, informação e construção de conhecimentos, despertando mudanças significativas no comportamento, no ser e no fazer de nossos dirigentes, lideranças e assessorias. Tem contribuído de forma mais efetiva no sentido de dialogar mais facilmente nos espaços coletivos nos quais vem possibilitando novas visões sobre o cotidiano sindical e ressignificação dos processos.
A incorporação de novas lideranças nos últimos anos aponta para uma contribuição positiva da dinâmica proporcionada pelo processo de formação. Observa-se uma maior participação de jovens e mulheres nestes espaços. Este panorama já revela uma influência na forma de desenvolver ações formativas do MSTTR, especialmente nas federações e sindicatos.

Nos espaços de debate e construção observamos que os trabalhadores e trabalhadoras rurais que estão

[2] Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura – Contag. Projeto Político Pedagógico da Formação do MSTTR (Contag, 2008).

[3] Para maiores informações ver: Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag) e Política Nacional de Formação (PNF) (Contag, 2008).

Falando de Rede...
A proposta de Rede do MSTTR, trazida pela ENFOC, é compreendida como conjunto de pessoas, dirigentes, assessores (as) e colaboradores (as) que tem por objetivo compreender, contribuindo com o processo de formação e organização do MSTTR, desenvolvendo ações locais, municipais, estadual e nacional visando fortalecer o movimento como um todo e de forma a atender as suas especificidades.

participando do processo de formação da Enfoc, estão mais avançados no conhecimento das dinâmicas cotidianas do MSTTR e suas intervenções e propostas apresentadas passaram a ter mais consistência. Isso nos leva a crer que a opção foi acertada e que o processo em muito está contribuindo para o fortalecimento da estrutura do MSTTR.

A proposta político-pedagógica de formação que está sendo posta em prática pela Enfoc nos permite conhecer a história do MSTTR, como foi construído, quais eram as concepções anteriores e as que temos hoje, o que mudou, porque mudou e como essas mudanças aconteceram ao longo dos anos. O processo não oportuniza apenas a formação de cidadãos críticos, mas também conhecedores dos processos que influenciam nas suas atividades do dia a dia, como a economia, o mercado, a globalização e os partidos políticos.

É importante acrescentar que antes o processo formativo dentro do MSTTR tinha como opção a formação de quadro de dirigentes e não priorizava a multiplicação dos conhecimentos. O grande diferencial do processo atual é a construção coletiva, a metodologia de multiplicação criativa e o envolvimento do conjunto do MSTTR.

A ida ao lugar do chamado tempo-comunidade, com as orientações de fazer uma pesquisa de campo sobre a história do movimento sindical e sobre experiências em desenvolvimento rural sustentável solidário, articuladas pelo e com o MSTTR, trouxe riqueza de informações para os módulos do curso, lugar do chamado tempo-escola.

Podemos destacar o resgate histórico da luta do movimento sindical na região, o reconhecimento das lideranças que iniciaram a luta, as organizações a partir de associações e cooperativas e as experiências exitosas de pequenos projetos de desenvolvimento rural sustentável.

É válido ressaltar que, dentro desse processo formativo, ainda temos que superar vários obstáculos e desafios que estão por vir. A estratégia formativa da escola precisa ser recriada nos espaços das federações e sindicatos no intuito de garantir que todo o conjunto do MSTTR se fortaleça no mesmo rumo e com os mesmos objetivos.

Outro diferencial que a escola traz está relacionado ao fortalecimento e à consolidação de uma rede de

educadores e educadoras do MSTTR que seja capaz de dar continuidade a esse processo nos Estados e, assim, poder fortalecer ainda mais a estratégia e garantir a formação de um maior número possível de trabalhadores e trabalhadoras rurais.

A NOVA DINÂMICA DE FORMAÇÃO SINDICAL

Como já citamos anteriormente, o processo de formação ao qual estamos vivenciando está sendo capaz de proporcionar mudanças no ser e no fazer dos trabalhadores e trabalhadoras rurais que participaram do processo.

São perceptíveis as inquietações no sentido de estarem sempre cobrando e demandando atividades para as Fetags. As iniciativas partidas da base forçam as direções a serem mais atuantes. Como afirmam alguns educadores da Enfoc "a formação está mexendo com as pessoas, inquietando-as, o que é muito importante" e que "há inquietações no sentido de haver cobranças, a formação está sendo demandada, não mais se espera que a Federação chame".

As ações de formação na base (reuniões dos STTRs, oficinas locais) para socialização de saberes, foram elementos marcadamente apontados nas escutas, assim como ampliação dos conhecimentos sobre o movimento sindical de trabalhadores e trabalhadoras rurais, sua história, concepção, princípios, prática, estrutura, etc. Por outro lado, os debates criaram as condições para formulações de autocrítica, tendo como pano de fundo a mudança da prática sindical e o enfrentamento de desafios estruturais locais, regionais e nacionais para a transformação das realidades do campo.

Neste sentido, as contribuições para a concretização das estratégias pensadas e para a execução da política de formação, vão acontecendo mediadas pelos desafios vivenciados pelos educadores(as) no cotidiano dos sindicatos e nas federações.

Com o objetivo de aferir o que falamos antes, realizamos um processo de escuta, no qual entrevistamos as lideranças, assessores e dirigentes que estão fazendo parte do processo formativo da Enfoc e que vivenciaram a primeira experiência formativa desta.

As falas seguintes demonstram o olhar dos(as) educadores e educadoras entrevistados(as) sobre esse passo dado após a vivência dos cursos de formação:

"Eu fiz reuniões nas linhas[4] com lideranças. Todos queria aprofundar ainda mais os ensinamentos do nosso aprendizado e do nosso projeto PADRSS. "Sonho com o dia que possamos implantar um modelo de formação permanente no Estado. Quero trabalhar e construir de acordo com a nossa realidade estadual, fazendo um olhar para o que tínhamos no Estado, o que temos e o que teremos." Essas falas apontam para o caminho da construção e fortalecimento da autonomia da formação sindical com educadores(as) militantes da categoria.

Esta vivência formativa proporcionou mexer com os conhecimentos sobre concepção de sociedade, o trabalho, o sindicalismo e as práticas formativas experienciadas até então, trazendo a possibilidade de

[4] Estradas vicinais onde trafegam os trabalhadores(as) rurais. Em alguns Estados são conhecidas por ramais, vicinais, estradas.

transformação das mesmas quando contribui com a desconstrução de valores e práticas, abrindo caminhos para novas atitudes e nova prática política individual e coletiva, como declara um entrevistado: "desconstruir para construir o novo, escutar para compreender o contexto e agir a partir da escuta...", reafirmado por outra: "tenho desconstruído o que sabia para ser construída pelo novo."

A descoberta do "novo" reafirmado pelos educandos tem a ver com a participação efetiva e eficaz nos espaços de debate e decisões e o reconhecimento de suas lideranças ante aos processos de mudança. É o que esclarece uma educadora:

... "Depois do terceiro módulo, havia algo diferente: eu já conseguia dizer o que estava dentro de mim. Antes eu não conseguia fazer parte de conselho e participar, hoje me sinto preparada para estar dentro do conselho e defender nossos direitos. Atualmente sou secretária de formação do sindicato. Em 2009, no Congresso da CUT, os companheiros confiaram em mim para ser a secretária de formação. Acredito que fui escolhida por que confiaram na minha capacidade."

Outro aspecto percebido como sinal de mudança individual como educador e educadora, foi o fortalecimento da subjetividade como sujeito político a partir do ambiente interno do MSTTR, demonstrado pelo acreditar na própria capacidade de interlocução, uso da fala pública qualificada e no assumir autonomamente o compromisso com a organização do movimento. As falas a seguir apontam neste sentido:

"Quando colocamos em prática (essa proposta pedagógico-metodológica) aqui, no Estado, as pessoas que vieram contribuir ficaram surpresas com nossa capacidade. Alguns opositores que aqui estavam não sabiam da nossa estrutura. Surpreendi-os quando dei minha contribuição. Não tinha espaço para falar, mas comecei criando o espaço.

O grupo de estudo é pouca coisa; quero ir para as comunidades levar um pouco de tudo o que aprendi a várias (pessoas), a vários grupos (associações, comunidades). Tenho muito apoio da direção do sindicato. Antes nos espaços de tomada de decisão, nas assembleias, por exemplo, eu apenas observava e levantava a mão. Às vezes não era o que eu queria, mas votava. Hoje consigo entender e até influenciar o voto de outras pessoas."

Quando foram perguntados sobre o que mudou no espaço coletivo de atuação militante, as respostas sempre foram no sentido de afirmar que houve mudanças significativas. O que compreendemos, no entanto, enquanto mudança?

Segundo Freire (1996), a mudança vai para além de assumir discurso; trata-se de um direito a ser testemunhado, um reconhecimento ao diferente como resultado de aprendizagem. Mediante tal compreensão, o processo de formação deve proporcionar a socialização dos conhecimentos acumulados – a história, a cultura, a política, etc. –, bem como dos saberes da vivência dos(as) envolvidos(as) e história do movimento, não apenas para fomentar uma adaptação ou adequação ao mundo, mas construir as condições dos sujeitos que agiram sobre sua realidade, mudando-a.

Os reflexos de um processo de formação carecem de tempo para surtirem efeitos na prática sindical ou se traduzirem em um novo ser-fazer-ser, pois esta prescinde de reelaboração de referenciais para possibilitarem as condições de abertura para olhares antes não notados, saberes, reaproximações e identificações por fim concretizados em um novo jeito de fazer.

> Antes o sindicato ficava nas mãos de uma só pessoa; mandava e desmandava. Hoje eu tenho mais segurança para desenvolver meu papel enquanto formador do MSTTR. Sou um sindicalista de verdade, não sou só massa de manobra.

Mediante as percepções de quem tem vivenciado tal percurso, é possível notar alguns sinais de mudança, especialmente no que diz respeito a percepções sobre o papel do sindicato: "vi no primeiro módulo as relações de trabalho e hoje sei que meu trabalho tem um propósito, a exemplo das abelhas, é um trabalho mútuo, ou melhor, um trabalha para o outro." Algumas dessas mudanças extrapolam o ambiente de militância sindical:

> "eu não era reconhecido, minha identidade era escondida, agora sou convidado a fazer parte de muitas coisas, alguém viu a diferença do que eu era antes para agora. Na minha cidade sou convidado a fazer parte de muitas ações da prefeitura que tem a ver com o meio rural."

Ser parte da Escola e partilhar conhecimentos reforça o sentido e o papel militante de não se pôr na vida do movimento enquanto "massa de manobra", que, no dizer de Pedro Demo (2006), é a condição na qual as pessoas entregam seu destino nas mãos de outras. Esse fazer-se parte reflete-se na afirmativa que

> "a Escola tem dado resposta desse sonho de aprender a viver com a diversidade e as especificidades. A gente tem tido uma questão fundamental onde se respeita o espaço de todos... Proporciona a construção do aprendizado como forma de se contrapor ao sistema capitalista e ao projeto neoliberal, fazendo a transformação política e ideológica."

Paulo Freire em "Pedagogia do Oprimido" (1993) diz que o oprimido espera que a libertação chegue por intermédio dos opressores e, ainda, retomando Pedro Demo, "o cerne do conhecimento não é afirmar, confirmar, verificar, constatar, mas questionar (...) duvidar, interferir, não se contentando jamais com aquilo que está dado, (...) em razão de uma história que nunca pára" (Demo, 2006, p. 18). A experiência de socialização da vivência na escola proporciona essa reflexão, como afirma uma entrevistada:

> "em 2007 a gente apresentou a proposta da Escola em um Conselho Deliberativo. Embora em um tempo muito curto, a gente conseguiu falar com os dirigentes sindicais. Apesar do pequeno espaço, causou impacto; as pessoas vieram conversar conosco... A partir daí a gente conseguiu envolver mais pessoas. Consigo compreender melhor muitas coisas, como, por exemplo, a questão partidária dentro do movimento sindical."

> "Os temas abordados nos cursos têm proporcionado um aprendizado de fundamental importância para os educandos e educandas. O processo da escola tem contribuído muito com minhas atividades, me incentivou inclusive a repensar minhas práticas e pensar em continuar meus estudos. O conhecimento adquirido está me dando oportunidade de ser mais respeitada no meio do STTR; me fez perceber o quanto não estamos ocupando os espaços dentro da política partidária. Estamos sendo somente massa de manobra nas mãos dos poderosos. Precisamos ocupar esses espaços.

> "Quando iniciei minhas atividades no sindicato, não tinha conhecimento do MSTTR, não sabia qual era o meu papel nesse processo e, a partir do aprendizado e da vivência junto à Enfoc, passei a conhecer o meu papel, o papel do MSTTR e a importância da minha participação nessa construção."

O que se observa é que o processo de formação em que estamos trabalhando tem mudado as atitudes e contribuído para qualificar as ações dos dirigentes, lideranças e assessorias do MSTTR. De acordo

com outra educadora, a formação ampliou seus conhecimentos e está colaborando para aprimorar o trabalho que vem desenvolvendo no dia a dia:

> "A metodologia e as dinâmicas que estamos utilizando, a exemplo da "linha do tempo", me proporcionaram descobrir porque que eu vim para o MSTTR, qual a minha importância em todo esse processo e como eu, na qualidade de dirigente, posso estar contribuindo ainda mais para o fortalecimento da classe trabalhadora rural do Estado do Tocantins."

Os elementos trazidos nos registros, especialmente nas entrevistas, denotam os níveis de entendimento em torno de um projeto coletivo, de sociedade. Neste caso, considerando a diversidade dos sujeitos envolvidos, estágios e formas de participação no MSTTR, é perfeitamente compreensível que, embora observando-se de um modo geral uma ampliação da compreensão deste público, dentre vários relatos de vivências de práticas de construção coletiva dentro e/ou fora do espaço da formação, o panorama de apropriação é bem heterogêneo.

> "A metodologia pedagógica permite fazer um estudo globalizado e permite contar também nossa história, onde você possa se ver dentro dessa história de luta, fazer o resgate de vida e de luta dos companheiros e companheiras e do movimento sindical."

Ainda em relação ao nível de apropriação sobre o MSTTR, os(as) educadores(as) que integraram o primeiro curso nacional de formação político-sindical destacaram a grande importância das discussões em torno da história do movimento e das formas de abordagens metodológicas escolhidas, como os testemunhos de lideranças históricas e as socializações das atividades intermódulos.

> "A Enfoc possibilitou uma mudança muito grande em sua vida, melhorou o seu senso crítico, o relacionamento com os companheiros, a maneira de ver e entender a luta dos trabalhadores e trabalhadoras rurais, a facilidade de assimilar normas e regras das organizações e a importância de planejarmos sempre as nossas atividades, independente do grau de importância que atribuímos a essas.
>
> A formação da Escola está me dando segurança para debater assuntos de interesse dos trabalhadores rurais. Passei a conhecer melhor a história e, a partir daí, valorizar cada dia mais o MSTTR. Melhorou minha maneira de compreender as coisas, de conduzir processos de negociação. Passei a ver como é importante e forte o trabalho coletivo, o uso de metodologias participativas, valorizando cada participante... A Enfoc traz uma abordagem crítica, estimulando a leitura sobre a realidade política, valorizando as pessoas como agentes de mudança no próprio comportamento. Essa formação amplia a nossa visão de mundo."

Como podemos observar nos depoimentos dos trabalhadores rurais e dirigentes que participam do processo de formação da Enfoc, as mudanças estão acontecendo e estão evidentes nas ações que esses passaram a desenvolver. Queremos reafirmar que a formação tem contribuído para a participação mais efetiva dos trabalhadores no dia a dia do MSTTR, para a socialização da informação, o surgimento de novos atores e o fortalecimento do conjunto do MSTTR.

Para os educadores e educadoras esse processo está sendo de fundamental importância. Conheceram o MSTTR, suas ações e sua importância para a categoria. Muitos, após saber um pouco da história do movimento, passaram a ter uma nova compreensão e, desta forma, vieram a atuar e vivenciar o MSTTR como uma ferramenta de luta para fortalecer a categoria, garantir suas conquistas e aprimorar a luta pela construção e efetivação de políticas públicas efetiva para o campo.

Dentre as várias metodologias trabalhadas estão as cartas escritas pelos educadores(as) que proporcionaram momentos muito interessantes e provocaram grande emoção. As cartas têm sido

instrumentos pedagógicos que nos ajudaram a provocar os sentimentos dos(as) educadores(as), fazendo com que eles compartilhassem experiências, dramas, alegrias, tristezas vividas dentro do MSTTR, na família e outros espaços onde se efetivam as relações sociais. Neste processo identificamos o quanto a luta do Movimento sindical é árdua, e essa formação tem nos mostrado que precisamos cada vez mais fazer acontecer as mudanças necessárias.

Além de ser uma ferramenta ou instrumento de partilha, as cartas têm sido importantes também para impulsionar o debate e a afirmação da necessidade de mudanças no MSTTR. Elas têm sugerido que é preciso rever nossas práticas, nossas concepções e ações para com o MSTTR para avançarmos no processo e refletir sobre o que queremos, como queremos e como vamos proceder, para que isso ocorra em benefício do conjunto do MSTTR.

FORMAÇÃO, PARTICIPAÇÃO E EMPODERAMENTO

Os registros e falas dos educadores e educadoras demonstram que a formação sindical tem proporcionado empoderamento e isso garante a multiplicação criativa dos conhecimentos adquiridos. Ajuda também a construir e socializar os conhecimentos e as informações com outras pessoas que não tiveram as mesmas oportunidades de participar de processos de formação.

Para Freire (1996), empoderamento é um processo que emerge das interações sociais em que nós, seres humanos, somos construídos e, à medida que criticamente problematizamos a realidade, vamos nos conscientizando, descobrindo brechas e ideologias. Tal conscientização nos dá "poder" para transformar as relações sociais de dominação; poder esse que leva à liberdade e à libertação.

A partir das temáticas, metodologias e dinâmicas trabalhadas no processo formativo o aprendizado se torna mais fácil, permitindo que as pessoas tenham uma compreensão melhor do processo. "O processo de formação da Enfoc ampliou meus conhecimentos e garantiu um maior empoderamento, (você) se sente parte integrante do Movimento Sindical, existe um sentimento de pertencimento".

Observam-se sinais de empoderamento dos(as) participantes do processo de formação não somente no que diz respeito ao acúmulo de conhecimento, mas também na ocupação dos espaços de discussão de políticas para a agricultura familiar e, ainda, nos relacionados à política partidária. Reflexos desse empoderamento também podem ser mensurados para dentro do MSTTR, mediante a renovação de quadros em STTRs e Federações ocupados em parte por educadores e educadoras que foram formados na primeira turma, conforme atestaram os(as) dirigentes das Fetags do Norte.

A participação, entendida enquanto direito de cidadania, exercício de voz, de ter voz, de ingerir, de decidir em certos níveis de poder (Freire, 1996), apresentou-se como um dos reflexos do percurso formativo efetivado.

Isso foi revelado nos espaços do MSTTR, com ênfase nas ações políticas e manifestações (públicas), estas ocorrendo de forma mais qualificada, a exemplo do que aconteceu no Grito da Terra de Roraima e do Amazonas.

> "O final do primeiro módulo culminou com a entrega da Pauta de reivindicações e no Grito da Terra as pessoas vieram e fizeram intervenções boas e consistentes, que surpreendeu muita gente."

> "Um momento que ficou muito evidente da importância do processo de formação em Roraima foi quando da realização do Grito da Terra; as participações foram qualificadas e comprometidas."

SINDICALISMO RURAL NO NORTE, ANTES E DEPOIS DA ENFOC/CONTAG

- A Visão de Quem Vivenciou as Primeiras Lutas

Foram convidados dois dirigentes sindicais para apresentar sua trajetória pessoal e política, tendo a luta e organização sindical na Região Norte como pano de fundo.

Para Avelino Ganzer, ex vice-presidente da Contag e da CUT Nacional:
O sindicato é uma ferramenta que os trabalhadores do mundo todo construíram como grande elemento de sua união, para, de um lado estudar e encaminhar soluções dos problemas dos trabalhadores e, por outro, avançar e manter as conquistas. É uma ferramenta estratégica e importante.

Algumas pessoas e instituições avaliam que os sindicatos não têm mais papel. Mas acredito que os sindicatos devem estar fortes. Por isso é importante o papel da Escola Nacional de Formação; parar um pouco no dia a dia para adquirir conhecimento. Muitas discussões dos sindicatos viraram políticas públicas: Previdência Social, Pronaf, criação dos Conselhos de Desenvolvimento Rural Sustentável, PAA, Programa Nacional da Alimentação Escolar. Há uma necessidade de parar e olhar como está o processo de organização de base. O Brasil Rural que queremos é com pessoas e condições melhores de vida para estas pessoas.

É necessário rever os estatutos, pois é uma ferramenta que precisa ser utilizada. Alguns Partidos Políticos fazem dos sindicatos seus trampolins. Os sindicatos passam a ser partidarizados. É importante a Escola Sindical aprofundar em como os partidos entram e atuam nos sindicatos. Nesse processo a luta dos trabalhadores permanece. Os partidos políticos podem passar, mas o sindicalismo não, esse vai estar com a gente sempre, onde que a gente esteja.

Para Carlos Augusto – Guto, presidente da Fetagri/PA:

O movimento sindical sem o processo formativo fica sem alma.
Pois é isso que constrói os aspectos estratégicos para o movimento. É necessário para a renovação e qualificação.

A promoção dos processos formativos é de responsabilidade também das regionais e dos sindicatos.

Nosso papel (estadual) é elaborar uma proposta técnica e definir as grandes linhas. É importante cada esfera compreender e executar o seu papel.

- Desafios para o Novo Processo de Formação dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais

Entre os desafios presentes no processo para a Região Norte estão as dificuldades impostas pela geografia da Amazônia, as grandes distâncias, a dificuldade nos processos de comunicação, o transporte, entre outros.

Atrelado a tudo isso, temos a fragilidade estrutural da maioria das Federações da Região. Muitas dessas não possuem recursos financeiros e humanos suficientes para darem prosseguimento às ações de forma a garantir a eficiência do processo.

Os principais entraves, entretanto, estão relacionados aos processos de mudanças necessárias no pensamento, concepção e ação dos dirigentes do MSTTR quando nos referimos ao processo de formação. Existe a necessidade de que o conjunto do MSTTR entenda e assuma a formação como prioridade, que todos passem a colaborar e que não seja apenas uma ação ou atividade da secretaria de formação das Fetags e dos STTRs, mas sim que passe a ser uma ação do conjunto, que vai beneficiar toda a estrutura do MSTTR.

Outro ponto que não podemos deixar de discutir está relacionado à disponibilidade de recursos específicos para a formação. Os dirigentes das Fetags alegam que não priorizam as atividades da formação porque não dispõem de recursos para tal. Esse assunto deve ser amplamente debatido nas instâncias de deliberação do MSTTR, pois, como já foi evidenciado, ao priorizarmos a formação estaremos certamente fortalecendo o MSTTR em todo seu conjunto.

O conjunto do MSTTR da Região Norte e, mais especificamente, as Fetags devem criar mecanismos no sentido de estarem disponibilizando um percentual de suas arrecadações para contribuir com o processo de formação. O que temos hoje é um processo fragilizado, pautado apenas em recursos oriundos de projetos e convênios, os quais têm data para início e encerramento, não sendo capazes de dar seqüência e continuidade nos processos.

Uma discussão que pode ser pautada para equacionar ou minimizar a questão dos recursos financeiros, está relacionada à construção de parcerias.

> "Algumas parcerias podem ser fundamentais para realizarmos o processo de formação de forma mais eficientes e com diminuição de custos, mas para tanto não podemos nos acomodar, temos que buscar esses parceiros, pois todos nós sabemos que eles existem e podem contribuir".

A criação de Grupos de Estudos Sindicais (GES) foi outro ponto que teve destaque nas discussões da Região. O GES constitui-se de grupos de discussões locais, articulando formação e organização de base, sendo uma estratégia apresentada no contexto dos cursos como proposta de ampliar a abrangência da formação sindical. Esta proposta traz uma memória de alguns processos históricos que propiciaram a fundação do movimento sindical dos trabalhadores e trabalhadoras rurais na Região. As experiências, no entanto, tem sido poucas até então, conforme o que sugere a impressão das falas seguintes:

> "Não consegui formar grupos de estudos (GES), pois tenho muitas obrigações sendo presidente do sindicato, os trabalhos são muitos, mas tenho projetos para começar mais cedo ou mais tarde e vou iniciar um por lá".

> "Ainda não formamos GES, porque a gente não tem apoio do presidente. Após a eleição pretendemos fazer um GES na comunidade".

Para o secretário de Formação de um dos Estados, o processo está se dando de forma interessante e

importante, no entanto observa a necessidade de haver uma integração maior entre as Secretarias das Fetags. Não deve haver trabalho isolado e sim em conjunto.

O mesmo diz: “Nosso desafio é integrar os vários processos formativos que acontecem na Federação, alguns diretores chamam minha secretaria”.

TERCEIRA PARTE:
REPERCUSSÕES

REPERCUSSÕES DO JEITO DE SER ESCOLA

A Contag, ao decidir pela constituição de uma Escola de formação, convida o MSTTR para uma reflexão crítica sobre a prática sindical e se desafia a construir estratégias que alcancem o conjunto dos sujeitos, nos sindicatos, federações e confederação, às ações formativas desencadeadas pela Escola. Lançado o desafio, o caminho foi construir uma concepção formativa referenciada na dimensão da crítica como recurso político e pedagógico, na pluralidade de ideias e na diversidade étnico-cultural, ambiental e política como alicerces para mudanças na prática sindical. Este desafio faz nascer a Escola Nacional de Formação Político Sindical da Contag – Enfoc, ancorada na Contag e no seu conjunto de Federações filiadas.

Os sujeitos políticos do campo (homens e mulheres) demandam uma formação ampla e diversificada em conteúdos e abordagens, estratégias e metodologias que os valorizem e os considerem na sua totalidade. O caráter pontual, por vezes centrado exclusivamente em temas presentes na ordem do dia da ação sindical, esvazia o caráter programático, processual e estratégico que a formação exige. A Escola nasce imbuída desse propósito de ser consciência crítica do MSTTR, desenvolvendo, por sua vez, uma formação político-sindical crítica, classista e transformadora, como atributo principal.

Então, ser consciência crítica de um movimento do qual se tornasse orgânica, requeria assumir um – "jeito de ser escola" que fosse capaz de articular a diversidade política do MSTTR, num propósito comum: de mudanças, de autocrítica e de questionamentos, que instigasse dirigentes e assessorias a reflexões sobre teoria e prática, em que o esteio das discussões fosse o PADRSS, traduzido na Escola como o referencial de diálogo para o que chamamos de teoria e prática.

Trilhando este caminho político e pedagógico, a Escola foi se constituindo com um jeito itinerante mas, ao mesmo tempo, marcando lugar. Ela vai às regiões, aos Estados, aos municípios às comunidades, e, em cada uma dessas passagens, tem gerado uma dinâmica própria, um jeito novo de existir, motivado pelo propósito de contribuir para despertar a consciência de que transformar uma realidade de exclusão em uma realidade de inclusão, passa também pela elevação das capacidades dos sujeitos (homens e mulheres militantes) de entender e influenciar a sua própria realidade.

A forma como a escola foi constituída aproximou pessoas, fortaleceu os laços de identidade e

oportunizou a construção de relações afetivas e políticas que marcaram e definiram o "caminhar da Enfoc".

Chamamos de um "jeito de ser escola" a um conjunto de práticas e aprendizagens, nascidas do princípio educativo do "ensinar aprendendo e aprender ensinando", que mexeu, sobremaneira, no jeito de ser das pessoas – educadores e educadoras, dirigentes e lideranças – todas e todos que se propuseram a viver intensamente cada momento, cada processo, cada etapa formativa, independentemente do lugar, do tempo e do ritmo disponibilizado e que, com isso, fizeram Escola pelo Brasil afora.

As repercussões dessa caminhada se expressam de várias maneiras. Algumas falas foram recorrentes em todas as vezes em que a caminhada exigia uma parada para reflexão sobre o processo formativo.

Retomamos, aqui, algumas falas reveladoras das mudanças de comportamento e de postura dos participantes dos processos formativos da Enfoc diante de temas como relações sociais de gênero e de raça, e também de sentimentos como solidariedade e compromisso, o que expressa "outra forma de sociabilidade," hoje presente nos espaços coletivos de atuação militante. Há falas que expressam também o reconhecimento e fortalecimento da "identidade regional" no MSTTR.

> "É *confortante* quando vejo que não estou só. Existem muitos(as) companheiros(as), cada um(a) em seu local de atuação, caminhando em ritmos diferentes, mas querendo chegar ao mesmo lugar". "O nível diferenciado dos participantes gera uma diversidade [que] possibilitou a construção de um paralelo entre o saber da academia e o saber popular".

Estes, dentre tantos outros sentimentos que se repetiram, ainda que mediante expressões diferentes, apontam para a riqueza do aprendizado propiciado pelos processos formativos aqui apresentados. São sentimentos que também trazem questões relacionadas ao cotidiano da luta, às contradições e às transformações individuais e coletivas.

> "Entender as concepções e práticas sindicais me deixou inquieta, como promover mudanças nas atuais e velhas práticas sindicais corporativas". "Como quebrar/mudar/transformar a pessoa antiquada e conservadora que está dentro de nós"

Conforme Oscar Jara (1996, p. 25), a vivência expressa "experiências vitais, carregadas de uma enorme riqueza acumulada de elementos que, em cada caso, representam processos inéditos e irrepetíveis". Esta sistematização tem mostrado isso.

As falas expressas carregam uma dimensão reveladora da vivência de cada pessoa ou grupo de pessoas. Explicitam percepções e entendimentos de mundo e da realidade em que cada uma e cada um está inserido(a) e da sua janela revelam:

> "A condição de sair do 'eu' e assumir uma identidade coletiva, é interessante, pois traz um sentimento de responsabilidade para com o companheiro(a). É um sentimento de pertencimento. Somos parte desse jeito de se ser escola".

É relevante considerar que a experiência da Enfoc gerou um conjunto de outras, que vêm se concretizando por meio da multiplicação criativa. Em algumas Federações já é perceptível o destaque dado à formação desde o lugar que ocupa no seio da organização sindical, até a concepção que orienta o fazer educativo e a organização de equipes de formação que alimentam a rede de educadores e educadoras, com significativas articulações regionais e nacionais. As secretarias de formação reafirmam um papel mais interativo na construção

dos processos gerais do movimento, ampliando o alcance da estratégia pedagógica da Enfoc junto à base sindical.

Outro impacto significativo apontado pela sistematização foi a assimilação da Enfoc como um espaço de encontro de ideias, do e para o movimento. Uma relação de mão dupla, dialética e dialógica, na qual Escola e cotidiano sindical se problematizam e entrelaçam na perspectiva de fortalecimento do Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais do Brasil.

Sob esta ótica, a Escola se faz realizadora de uma estratégia que exige um esforço coletivo para construção de relações nas quais o ser si (sujeito da ação), o ser juntos (dinâmica gerada pelo e do vivido) o ser relação (o que se estabelece no meio sociocultural e natural) e as interseções estabelecidas dessa dialética, se evidenciem na prática relacional, nos sujeitos e em suas organizações.

Esse propósito definiu o caminho da sistematização, seguido pelo eixo *"o que mudou em mim enquanto educador e educadora do MSTTR e o que mudou no espaço de minha atuação militante".* Perceber-se sujeito de mudanças no espaço coletivo requer desafiar a enxergar no indivíduo, aspectos do fazer político, que necessita ser aprimorado ou mudado.

Assim, a concepção e o eixo da sistematização buscaram investigar em que medida a intencionalidade da Enfoc, traduzida no slogan *"lugar de transformação política,"* estaria repercutindo no fazer educativo e na generalidade da prática sindical do MSTTR. Damos destaque especial aos espaços horizontais gerados nessa dinâmica relacional, como as redes de colaboradores e colaboradoras, de educadores e educadoras, escolas e institutos.

Constituir espaço horizontal numa estrutura sindical verticalizada, desafia dirigentes e assessorias para o exercício de novas posturas, especialmente àquelas relacionadas à corresponsabilização com o projeto político do movimento (projeto coletivo de classe) e não somente com a mera institucionalização do trabalho. Talvez este seja um dos maiores desafios que exigirá de nós capacidade de autocrítica para se perceber construtores e construtoras de um movimento o qual as novas relações se estabeleçam seguindo o princípio da solidariedade, justiça, inclusão e respeito à dignidade humana.

ENFOC, UMA FORMA DE VIDA

Elza Maria Fonseca Falkembach

O enredo é o mesmo. Diverge é o jeito de enredar.
O fundamento conflui: sistematização, experiência,
forma de vida, sujeito...

Este texto tem como propósito analisar questões levantadas pela sistematização da trajetória de formação político-sindical da Escola Nacional de Formação (Enfoc) da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag) que apresentamos nesta Série Experiências Enfoc – 1, construída a partir de evidente diversidade de "olhares", formas de relação e de comunicação. As cinco regiões – Centro-Oeste, Nordeste, Sudeste, Sul e Norte – fazem-se presentes na obra com textos próprios que relatam e refletem sobre suas experiências nesse processo de formação. São experiências singulares, decorrentes, porém, de um mesmo percurso formativo e pautadas por um mesmo eixo temático: *"o que mudou em mim, enquanto educador(a) do MSTTR e o que mudou no espaço de minha atuação militante?"*

As questões aqui apresentadas para análise não são apenas nossas, nem se restringem a essa experiência de sistematização. Algumas delas reproduzem preocupações de pensadores da Filosofia e da Educação que as pinçaram do e no universo da vida e do conhecimento há muito tempo; outras decorrem de inquietações mais recentes. Nem sempre, contudo, as mais recentes deixam de estar associadas às primeiras. Estão todas implicadas com o que a vida oferece como desafio ao conhecimento e aos sujeitos de conhecimento. Essas questões são:

– Sistematização, de qual falamos?
– Viver experiência, "como assim"?
– A Sistematização vivida como experiência.
– Uma forma de vida?

É importante, todavia, nos darmos conta que, ao retomar ou reconstruir essas questões, estamos fazendo parte de uma história do pensamento ativamente, pois estamos nos concedendo o direito de criar e recriar conhecimentos a partir do nosso tempo e de nossas vivências.

Esperamos contribuir, com nossas reflexões, com o debate que a sistematização e a Educação Popular têm provocado e dirigido à sociedade, no sentido da democratização do conhecimento e das formas de produzi-lo.

SISTEMATIZAÇÃO, DE QUAL FALAMOS?

Falamos de uma dinâmica de *produção coletiva de conhecimentos* situada sobre práticas sociais, que ocorre mediante diálogo entre vivências, reflexão e teoria; que promove aprendizados desde essas práticas sociais que ancoram sujeitos e os levam à discussão sobre esses aprendizados e, ainda, sobre sua condição e forma-sujeito, ou seja, sobre um *"ser-si"* (relação consigo), *"ser-junto"* (relação com os coletivos a que pertence) e *"ser-relação"* (relação com o ambiente natural e social) em um tempo e em um lugar (Falkembach, 2006, p. 38).

Tratamos de uma sistematização associada a práticas de Educação Popular – instrumental pedagógico que instiga coletivos humanos que vivenciam alguma forma de opressão, a produção de conhecimentos e aprendizagens – e que "contribui para a formação de sujeitos, de pensamento e ação, que fazem de suas práticas oportunidade de estar no mundo de forma reflexiva e, ao mesmo tempo, propositiva"; que "contribui para que espaços de práticas sociais produtivas, organizativas, educativas e culturais se constituam em oportunidade de viver experiência" (p. 51).

VIVER EXPERIÊNCIA, "COMO ASSIM"?

Pelas mesmas razões que consideramos importante explicitar o conceito de sistematização com o qual trabalhamos, cremos ser necessário expressar e refletir sobre os significados atribuídos por alguns pensadores ao termo experiência, especialmente por aqueles que têm contribuído para conformar a nossa concepção.

Nos escritos de Michel Foucault encontramos subsídios importantes. É bom esclarecer que na obra do pensador francês o termo "experiência" aparece em distintos momentos, compondo diversas expressões. Nem sempre conserva o mesmo significado. A conotação de *"intensidade"*, contudo, reincide nos diferentes momentos em que se refere ao termo.
Vamos, então, de forma sintética, percorrer esses momentos e significados.

a) Em um primeiro momento a experiência é concebida como algo *"que funda o sujeito"*; olhar reflexivo sobre um objeto *"do vivido"* para captar as significações que ele assume, o que leva também esse sujeito a lhe atribuir significados. A argumentação e as interrogações do autor vão na direção de investigar em quê e como o sujeito da experiência é fundador da mesma e das suas significações.
b) O autor, no entanto, não permanece nesse ponto. A leitura de obras de Nietzsche, Bataille e Blanchot o fez ver a experiência de forma diferenciada: como um exercício de de-subjetivação (Castro, 2004, p. 128). Está presente, neste momento de sua obra, a ideia de uma experiência limite que arranca o sujeito de si mesmo, permitindo que diante dela venha a *"não ser o mesmo"*, o que testemunhou Foucault ocorrer consigo ao escrever seus livros (1998, p. 13; 2000, p. 345; 2004, p. 228-229). A experiência impacta e subtrai; afronta e abre; expõe um vazio e, concomitantemente, o ilimitado da liberdade. É, aí, então, que se cria a possibilidade de produção de conhecimentos.
c) Nos seus estudos sobre a ética (Foucault, 1998, p. 11-12), o conceito de experiência passa por novo deslocamento. Dizem seus comentaristas que ele assume, nesse caso, uma elaboração propriamente foucaultiana: como forma histórica de subjetivação e como possibilidade de o indivíduo realizar um trabalho sobre si que o leva a se constituir como sujeito de sua própria existência. Para Foucault *"uma experiência é sempre uma ficção; é algo que se fabrica para si mesmo, que não existe antes e que existirá depois"* (Castro, 2004, p. 129).

Desde esta perspectiva faz a crítica de suas concepções anteriores conservando, contudo, a ideia de intensidade

a elas aliada, e associa à noção de experiência o que ele trata como *"forma histórica de subjetivação",* em que estão presentes: *"um jogo de verdade, relações de poder, formas de relação consigo mesmo e com os outros"* (Castro, 2009, p. 162).

O pensador passa a tratar a experiência como *"uma escolha voluntária de uma maneira de pensar e de sentir, de agir e conduzir-se como marca de pertencimento e como tarefa"* – como uma forma de experiência histórica livre, *"experimentação"* (Foucault, 2000, p. 348) (Castelo Branco, 2000, p. 322).

Para a análise da experiência, segundo esta perspectiva, Foucault sugere o acompanhamento *"das resistências"* na trama das relações de poder. As resistências ocorrem no próprio movimento destas relações; acompanhando as resistências é que se conhece o movimento de transformação social e política (Castelo Branco, 2000, p. 313) e processos correlatos de subjetivação. É neste terceiro movimento que a noção de experiência entra no terreno da "prática coletiva" (Revel, 2005, p.49).

Dentre os leitores de Foucault envolvidos com o tema da experiência, consideramos importante trazer o que escreve Jorge Larrosa, quando associa literatura, formação e experiência. O autor assevera que a "experiência seria aquilo que nos passa. Não o que passa, senão o que *nos* passa" (2002, p. 136). Vai argumentar, então, que a literatura tem capacidade de formar e promover uma relação do sujeito com o texto que é de se deixar interpelar, problematizar-se e, com isso, produzir o sentido daquilo que o passa (p. 147). Vai possibilitar, portanto, ao sujeito, transformar-se. Salienta ainda que, nesse movimento, conhecimento e vida humana não se dissociam; o primeiro não deixa de alimentar, ativar e guiar, vida humana (p. 144) e produzir efeitos na subjetividade.

Apresentadas as sínteses dos pensamentos desses autores, com os quais nos identificamos, passamos a revelar a concepção que formamos de experiência, na medida em que associamos sistematização e experiência, o que faremos no próximo item.

A SISTEMATIZAÇÃO VIVIDA COMO EXPERIÊNCIA

Os mesmos autores a quem recorremos no item anterior, nos dão elementos para também afirmar que a sistematização de práticas de educação popular pode constituir-se como experiência.

Ao transformar práticas em objeto para o pensamento, isto é, ao propiciar aos sujeitos das práticas problematizá-las e, ao mesmo tempo, pôr em questão o modo como essas práticas "os passam", a sistematização estará tornando possível:

- que essas práticas se exponham em suas formas contextualmente singulares de se objetivarem, permitindo também que mostrem como estão dando respostas aos problemas, tensões e desafios com os quais estão convivendo;
- a construção de narrativas que reúnem processos e vivências, depoimentos e significados e ainda construções teóricas que permitem e orientem análises e interpretações dos mesmos;
- um trabalho reflexivo sobre as relações que se configuram nas práticas, as verdades que afirmam e o movimento que produz sobre os sujeitos (o modo como os passam);
- o atravessamento de situações-limites pelos sujeitos das práticas e a incitação ao novo, à criação, provocada pela oportunidade de ante a exposição ao vazio e ao ilimitado da liberdade, próprio do viver experiência;
- o trânsito das forças potencializadoras dos processos e vivências em direção a um discurso articulado que expõe significados, promove debates, favorece integração, passa por análises, interpretações e promove reconstruções;

– o fortalecimento daquilo e daqueles que estão envoltos com a sistematização: da prática social transformada em objeto de reflexão e do *ser-si*, do *ser-junto* e *ser-relação*.

A sistematização estará propiciando um espaço em que se adensam as relações entre conhecimento e vida humana, pois desencadeia, desde práticas sociais singulares, um processo reflexivo, regado à teoria; teoria demandada pelos sujeitos dessas práticas; sujeitos em relação, ativamente envolvidos por meio de seus pensamentos, sensibilidades, sentimentos e capacidades de ação com suas vivências. Estará se constituindo, dessa forma, um espaço privilegiado de experimentação.

UMA FORMA DE VIDA?

Para Michel Foucault (2003, p. 4), uma forma de vida que decorre da experimentação "pode dar lugar a relações intensas que não se parecem a nenhuma daquelas que são institucionalizadas" (...) "pode dar lugar a uma cultura e a uma ética".

Discorre sobre relações de amizade (forjadas na experimentação) e as apresenta como um jogo "de incitação recíproca e luta" (2000, p. 89), que desestabiliza as diferentes formas de organização social; jogo incessante, capaz de se estender aos mais diversos espaços da vida e promover a interação dos mais distintos sujeitos; jamais a fusão desses. Esse jogo não acontece sem tensão. Seus resultados não são previsíveis; decorrem da própria experimentação. Como reconhece o pensador francês, este é um jogo que instiga o livre-criar.

Com isso, impede a estagnação das relações pessoais, sociais e institucionais e não dá lugar à dominação.

A amizade é, desde essa perspectiva, concebida como "um exercício do político, uma forma de re-traçar e re-inventar o político" (Ortega, 2000, p. 58).

Os relatos e depoimentos presentes nos textos que compõem esta publicação revelam que, na Enfoc, se constrói um espaço educativo que anuncia forte disposição para reinventar o político. Avesso aos princípios e formas de condução política do neoliberalismo, que favorecem o dogmatismo, a intolerância e a exclusão, este espaço está voltado a articular a diversidade política do MSTTR. Para isso, põe frente a frente pessoas, instituições, crenças e conhecimentos, instigando um debate permeado pelo diálogo. Procura fazer do conflito, oportunidade de aprofundamento desse diálogo e, consequentemente, dispositivo dirigido a erradicar as diferentes formas de manipulação do sujeito, tanto nos processos formativos quanto na ação militante. Faz vigorar, junto a crítica, o acolhimento ao diferente e, com isso, agrega forças. Dá lugar a relações que apontam para uma nova cultura sindical.

No caminho traçado para si, a Enfoc se depara com constrangimentos e também com aberturas para o aflorar dessa nova cultura sindical. Divisamos, a partir do constatado, atitudes e tarefas que a Escola vem assumindo como forma de viver esse novo que está sendo forjado:

– mantém-se atenta à necessidade de superar características das práticas sindicais "históricas", como o verticalismo nas formas de organização, o autoritarismo nas relações e a limitada sensibilidade para o reconhecimento e repúdio às formas de dominação que transversalizam as relações entre as classes sociais;
– percebe-se ainda "reprodutora" de algumas características dos processos formativos historicamente criados pelo movimento sindical: o ativismo, os ritmos de trabalho que subestimam a diversidade de necessidades dos sujeitos e de condições de envolvimento com a ação militante;

– identifica sentimentos como o sofrimento decorrente das tensões e contradições apontadas;
– traça estratégias de ação que recorrem a heranças: projeto de desenvolvimento, articulações regionais, redes, instrumentos de ação nas bases;
– embaraça-se no ativismo e na burocracia e mostra, por vezes, dificuldade de trabalhar com a diversidade (regional, de gênero, étnica);
– põe fé na consciência do sujeito, elemento de transformação política, e em um projeto político capaz de conduzir essa consciência;
– dá-se conta de que, ao se expor a um "voluntarismo histórico", dispersa forças.

Como constatação-limite do presente texto, ressaltamos que os elementos, aqui elencados, começam a configurar "disposições" para que possamos manter em movimento essa cultura sindical que flui da prática da Enfoc. É importante retomar, agora, a pergunta que orientou as reflexões desencadeadas pela sistematização – *"o que mudou em mim, enquanto educador(a) do MSTTR e o que mudou no espaço de minha atuação militante?"* – e endereçá-la a outros sujeitos que têm passado pela Enfoc. Estaremos, assim, abrindo novas janelas para recriar e expandir o que está hoje se configurando na Escola como uma forma de vida decorrente da experimentação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOBBIO, Norberto. Estado, Governo, Sociedade: para uma teoria geral da política. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

CAPRA, Fritjof. As Conexões Ocultas: ciência para uma vida sustentável. 2005. Disponível em: www.abepro.org.br/arquivos/websites/.../asconexoesocultas.pdf. Acesso em: 28 jan. 2010

CONTAG. Enfoc: escola nacional de formação, lugar de transformação política. Brasília: Contag. 2008a.

CONTAG. Política Nacional de Formação – PNF. Brasília: Contag. 2008b.

CHAUÍ, Marilena. O que é Ideologia. 13. ed. Brasiliense, 1997. (Coleção Primeiros Passos)

_____. Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CASTELO BRANCO, Guilherme. Considerações sobre ética e política. In: CASTELO BRANCO, Guilherme; PORTOCARRERO, Vera. (Org.) Retratos de Foucault. Rio de Janeiro: NAU, 2000.

CASTRO, Edgardo. El vocabulario de Michel Foucault: un recorrido alfabético por sus temas, conceptos y autores. Buenos Aires: Bernal; Universidad Nacional de Quilmas, 2004.

CORTELLA, Mário Sérgio. Não espere pelo epitáfio... provocações filosóficas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

_____. Qual é a tua obra? Inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008a.

CORTELLA, Mário Sérgio. Não nascemos prontos: provocações filosóficas. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008b.

DEMO. Pedro. Participação é conquista. Noções de política social e participação. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

ENFOC. Relatório do 3° Módulo do Curso de Formação de Educadores e Educadoras em Concepções, Prática Sindical e Metodologia da Formação. Escola Nacional da Contag – Enfoc. Brasília, 2008.

Estados Brasileiros. Disponível em: <http://www.portalbrasil.net/estados/htm> Acesso em 21 fev. 2010.

FALKEMBACH, ELZA M. F. Sistematização, uma arte de ampliar cabeças. In: MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE – MMA/PDA. Arte de ampliar cabeças: uma leitura transversal. Brasília: MMA/PDA, 2006. (Série Sistematização, 11).

FALKEMBACH, ELZA M. F. Sistematização e experiência. Palestra proferida na Escola Nacional de Formação Político Sindical da Contag (Enfoc). Brasília: Contag, 2009.

FERREIRA, Aurélio B. de Hollanda. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

FISCHER, Nilton Bueno; LOUZADA, Vinícius Lima. Risco. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs). Dicionário Paulo Freire. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 371-373.

FOUCAULT, Michel. Da amizade como modo de vida. Trad. Wanderson Flor do Nascimento. In: _____. Dits et écrits. Paris: Gallimar, 1994. v. 4, p. 163-167.

FOUCAULT, Michel. Polêmica, política e problematizações. In: _____. Foucault: ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 225-233. (Ditos e Escritos, 5)

FOUCAULT, Michel. A cultura de si. In: _____. História da sexualidade 2: o uso dos prazeres. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FOUCAULT, Michel. Foucault: arqueologia das Ciências e história dos Sistemas de Pensamento. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. (Ditos & Escritos, II)

FOUCAULT, Michel. Foucault: ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. (Ditos & Escritos, V)

FREIRE, Paulo. Cartas a Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. Educação como prática da liberdade. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980a.

_____. Educação como prática da liberdade. 22. ed. Rio de janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. Extensão ou Comunicação? 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

_____.Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 29. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

_____. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1970.

_____. Pedagogia do oprimido. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1980b.

_____. Pedagogia do Oprimido. 18. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

_____. Professora, sim; tia, não: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho D`Água, 1993.

FREIRE, Paulo; BETTO, Frei. Essa Escola Chamada Vida. Depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998.

FREIRE, Paulo E. SHOR, Ira. Medo e ousadia: o cotidiano do professor. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1986.
FURASTÉ, Pedro Augusto. Normas Técnicas para o Trabalho Científico: elaboração e formatação: explicitação das normas da ABNT. 14. ed. Porto Alegre: s.n., 2005.

GOHN, Maria da Glória (Org.). Movimentos Sociais no início do Século XXI. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br.> Acesso em: 20 fev. 2010.

LARROSA, Jorge. Literatura, experiencia e formação. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação. Porto Alegre: Mediação, 2002.

LIBANIO, J. B. Ideologia e cidadania. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2004.

_____. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. Educar em revista, Curitiba: Ed. da UFPR, n. 17, p. 153-176, 2001. Disponível em: <http://www.educaremrevista.ufpr.br/arquivos_17/libaneo.pdf.> Acesso em: 02 mar. 2010.

MARTINS, José de Souza. A sociabilidade do homem simples. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MERREM, Alexandre. Educador e aprendiz. 1995. Disponível em: <www.morrodigital.org.br.> Acesso em: em 08 dez 2009

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. 2. ed. São Paulo: Cortez: Brasília-DF:Unesco, 2000.

ORTEGA, Francisco. Amizade e estética da existência em Foucault. Rio de Janeiro: Graal. 1999.

ORTEGA, Francisco. Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000. (Conexões, 6)

OSOWSKI, Cecília Irene. Situações-limites. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs). Dicionário Paulo Freire. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 384-386.

POCHMANN, Márcio et al. (Orgs.) Atlas da exclusão social. Os ricos no Brasil. São Paulo: Cortez, 2004. V. 3.
PPP. Projeto Político Pedagógico da Formação do Movimento Sindical dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais. Contag/Fetags/STTRs, 2008.

REVEL, Judith. Foucault, conceitos essenciais. São Paulo: Claraluz, 2005.

SAUL, Ana Maria. Currículo. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime. (Org.) Dicionário Paulo Freire. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs). Dicionário Paulo Freire. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. 5. ed. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1992.

TOURAINE, Alain. O que é a Democracia? 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1996